



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO  
CURSO DE BACHARELADO EM COMUNICAÇÃO  
COM HABILITAÇÃO EM JORNALISMO**

**LIDIANE SANTOS FERREIRA**

**O DISCURSO DA REVISTA VEJA SOBRE OS EVANGÉLICOS**

Salvador  
2008

**LIDIANE SANTOS FERREIRA**

**O DISCURSO DA REVISTA VEJA SOBRE OS EVANGÉLICOS**

Monografia apresentada ao curso de graduação da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação com habilitação em Jornalismo.

Orientador: Prof. Giovandro Marcus Ferreira

Salvador  
2008

Para meus amados pais, Lício Santos Ferreira e Maria dos Reis Santos Ferreira e para minha querida irmã Liliã Cristina Santos Ferreira.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus, sem o qual nada poderia fazer. Sou grata pelo que Ele fez em minha vida, pelo que Ele continua fazendo e também pelo que Ele ainda fará. Pelo seu amor, graça e cuidado.

À minha mãe e a meu pai, por todo amor e apoio, não só nessa jornada, mas em todas pelas quais já passei em minha vida. Pelos meios materiais e, também, por serem um exemplo de vida pessoal e profissional, sendo indispensáveis à formação do meu caráter.

À minha irmã Liliã, pelo exemplo de vida e pelo apoio, sempre que possível, para a realização deste trabalho e para a minha vida acadêmica como um todo.

Ao professor e meu orientador Giovandro Marcus Ferreira, pelo apoio, atenção e profissionalismo ao me orientar no desenvolvimento deste trabalho, segundo os rigores da Academia.

A todos os colegas, professores, amigos e parentes que, direta e indiretamente, contribuíram para minha formação pessoal e profissional durante esses anos de curso. Por cada palavra de carinho e incentivo e por cada lição. Em especial, à minha amiga e praticamente irmã Morgana Gama, por me auxiliar na busca e digitalização das revistas.

*O temor do SENHOR é o princípio da sabedoria; bom entendimento têm todos os que cumprem os seus mandamentos; o seu louvor permanece para sempre. (Salmo 111:10)*

## RESUMO

O discurso midiático é responsável por uma expressiva parte das informações e visões de mundo apresentadas à sociedade sociedade. Através dessa modalidade de discurso, os indivíduos produzem e reproduzem conhecimentos, tradições e idéias sobre os mais variados campos sociais: político, econômico ou cultural, por exemplo. Sendo assim, este trabalho tem como proposta analisar o discurso de um veículo de comunicação, a revista Veja, sobre um determinado tema pertencente ao campo religioso, os evangélicos. Busca-se identificar como a Veja constrói o sentido em torno das igrejas evangélicas, isto é, como os evangélicos são apresentados nas páginas da revista. Para tanto, será utilizada a perspectiva da análise do discurso.

**Palavras-chave:** discurso – análise de discurso – jornalismo – revista – Veja – religião – evangélicos

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>1. APROXIMAÇÃO À ANÁLISE DO DISCURSO.....</b>	<b>14</b>
1.1 SOBRE O DISCURSO.....	14
1.1.1 Diferentes significados do termo <i>discurso</i> .....	14
1.1.2 O discurso midiático.....	18
1.2 SOBRE A ANÁLISE DO DISCURSO.....	20
1.2.1 Início.....	20
1.2.2 A análise de conteúdos.....	22
1.2.3 A análise de discurso: duas tradições.....	24
1.2.4 A análise de discurso: metodologia de análise.....	26
1.2.5 Aplicando a análise do discurso.....	30
<b>2. VEJA E EVANGÉLICOS.....</b>	<b>37</b>
2.1 APRESENTANDO A REVISTA VEJA.....	37
2.2 EVANGÉLICOS.....	40
2.2.1 Surgimento das denominações evangélicas no Brasil.....	40
2.2.2 Expansão no Brasil.....	45
2.2.3 Panorama atual.....	48
2.3 VEJA E EVANGÉLICOS.....	50
<b>3. OS EVANGÉLICOS NAS PÁGINAS DA VEJA.....</b>	<b>69</b>
3.1 OS EVANGÉLICOS NA CAPA DA VEJA.....	69
3.1.1 Uma igreja que cresce.....	70
3.1.2 Uma igreja que assusta.....	74
3.1.3 Uma igreja que ataca.....	75
3.1.4 Uma igreja que ajuda.....	77
3.2 OS EVANGÉLICOS NAS REPORTAGENS DE CAPA DA VEJA.....	79
3.2.1 Causas do crescimento, história e organização.....	79
A) Causas positivas.....	80

B) Causas negativas.....	82
C) História e organização.....	84
3.2.2 Católicos x Protestantes.....	88
A) Migração do catolicismo para a fé evangélica.....	89
B) Reação católica.....	90
C) Católicos nas páginas sobre evangélicos.....	92
3.2.3 Conseqüências do crescimento.....	96
A) Conseqüências positivas.....	96
B) Conseqüências negativas.....	99
3.2.4 Repercussão na sociedade.....	101
3.2.5 Conversão e culto.....	103
3.2.6 Aspectos gráficos.....	106
3.2.7 Discurso religioso no discurso da Veja sobre evangélicos.....	107
3.2.8 Carta ao Leitor sobre evangélicos.....	109
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>111</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>116</b>
<b>REFERÊNCIAS DAS EDIÇÕES DA VEJA SELECIONADAS (em ordem cronológica).....</b>	<b>118</b>
<b>ANEXOS / FIGURAS.....</b>	<b>119</b>



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Capa (VEJA, 1981).....	119
Figura 2 – Capa (VEJA, 1990).....	120
Figura 3 – Capa (VEJA, 1991).....	121
Figura 4 – Capa (VEJA, 1995a).....	122
Figura 5 – Capa (VEJA, 1995b) .....	123
Figura 6 – Capa (VEJA, 1997) .....	124
Figura 7 – Capa (VEJA, 1998a) .....	125
Figura 8 – Capa (VEJA, 1998b) .....	126
Figura 9 – Capa (VEJA, 2002) .....	127
Figura 10 – Capa (VEJA, 2006) .....	128
Figura 11 – Exemplo de personalidade famosa que se converteu à fé evangélica.....	129
Figura 12 – Quadro indicando influência da fé evangélica na sociedade (parte 1) .....	130
Figura 13 – Quadro indicando influência da fé evangélica na sociedade (parte 2) .....	131
Figura 14 – “Árvore genealógica” da religião evangélica.....	132
Figura 15 – Surgimento da Igreja Universal do Reino de Deus (parte 1).....	133
Figura 16 – Surgimento da Igreja Universal do Reino de Deus (parte 2).....	133
Figura 17 – Formação de líderes na religião evangélica (parte 1).....	135
Figura 18 – Formação de líderes na religião evangélica (parte 2).....	134
Figura 19 – Estrutura (organograma) da Igreja Universal do Reino de Deus.....	135
Figura 20 – Exemplo de tipo de fonte de letra utilizada em reportagens (1).....	136
Figura 21 – Exemplo de tipo de fonte de letra utilizada em reportagens (2).....	136
Figura 22 – Exemplo de texto bíblico em reportagem (parte 1).....	137

Figura 23 – Exemplo de texto bíblico em reportagem (parte 2).....	137
Figura 24 – Evangélicos na indústria fonográfica – números.....	137
Figura 25 – Exemplo de símbolo religioso (cruz) em gráfico de reportagem.....	138
Figura 26 – Exemplo de símbolo religioso (Bíblia) em gráfico de reportagem.....	139

## INTRODUÇÃO

O discurso midiático, uma das inúmeras modalidades existentes de discurso, revela-se um objeto de interessante pesquisa e análise. Isso porque esse tipo de discurso – presente de diferentes formas, como texto, imagem, vídeo, áudio – é responsável por grande parte das informações, crenças e visões de mundo que adquirimos, das noções dos diferentes campos sociais: político, religioso, econômico, entre outros. A maioria das sociedades apropria-se dessa espécie de discurso para produzir e reproduzir conhecimentos, tradições e idéias.

A imprensa, responsável por propagar o discurso midiático, detém um papel, mesmo que efetuado parcialmente, de influência nas opiniões do público sobre temas diversos. Torna-se, então, necessário estudar as estratégias utilizadas pelos veículos de comunicação para falar sobre um determinado tema, ou melhor, analisar o discurso do meio de comunicação sobre um determinado assunto.

A análise do discurso (ou de discurso) pode ser utilizada para se estudar as mais variadas formas de veiculação de informações – textos, imagens e audiovisuais. Contudo, esse tipo de análise é fortemente aplicado na linguagem escrita, em que, no jornalismo, destacamos as revistas.

Esse tipo de publicação – revista – apresenta características peculiares. Uma delas diz respeito à sua periodicidade: as revistas são semanais, quinzenais ou mensais. No primeiro caso, elas são uma espécie de “resumo da semana”, selecionando e, em alguns casos, aprofundando, os temas veiculados durante esse período. Elas também apresentam os fatos a partir de novos ângulos e buscam notícias exclusivas.

Outra particularidade é o formato, que varia em tamanho e quantidade de páginas, mas que segue a lógica da “necessidade de carregar, de guardar, de colecionar” (SCALZO, 2004, p. 41). Isso por conta da qualidade do papel e da impressão, que lhe rendem uma durabilidade maior que a dos jornais, por exemplo. Inclusive, essa qualidade de papel e impressão lhe garantem ótimas imagens, recursos muito utilizados nesse suporte.

Tendo em vista essas características, as revistas são veículos de comunicação impresso que detém a possibilidade de falar sobre um fato ou um assunto de maneira mais aprofundada e explorando o recurso de imagens mais do que os jornais impressos. Seja ela uma revista segmentada, isto é, voltada para veiculação de informações a respeito de um tema específico, seja ela uma revista de informação que contém uma determinada quantidade de assuntos, as revistas veiculam notícias, entrevistas, reportagens e artigos de opinião sobre: política, economia, cultura, história, ciência, tecnologia, esportes, educação, saúde, religião, dentre outros.

Religião. Tema de grande relevância no meio social e que também esconde por trás de si polêmica. Mesmo no Brasil, país onde há liberdade religiosa e o Estado é laico, falar sobre esse tema suscita calorosos debates.

A Igreja Católica, outrora dominante e considerada, praticamente, religião oficial do país, foi perdendo espaço para outros segmentos religiosos, principalmente a partir do século XX. A partir daí, começaram a surgir novos movimentos religiosos, como os evangélicos, divididos primariamente em protestantes históricos e pentecostais. Esses últimos, em especial, agregaram multidões em seus templos através de performances vibrantes de seus pastores e bispos, caracterizadas por rituais de exorcismo.

Esse fenômeno – o surgimento e expansão dos evangélicos – foi acompanhado com interesse tanto por líderes católicos que viam seus seguidores migrarem para os templos

evangélicos quanto por especialistas e estudiosos em religião e acabou tornando-se pauta nos variados veículos de comunicação do país, inclusive em famosas revistas de informação de circulação nacional.

Dentre essas revistas de informação, destaque para a revista Veja, que ao longo dos seus 40 anos de existência, dedicou oito capas de reportagem para falar sobre os evangélicos. Inclusive, no site da revista, é possível encontrar uma seção sobre esse segmento religioso: Seções Online – Em Profundidade – Religião – Evangélicos (mais detalhes sobre isso no Capítulo 2). É possível encontrar nesse material todas as oito capas e reportagens de capa acerca dessa religião, além de duas capas e reportagens de capa sobre católicos, mas com assuntos relacionados aos evangélicos. Matérias, entrevistas, imagens, gráficos e outros recursos são utilizados para apresentar ao leitor as características que regem – de acordo com a visão imprimida pela Veja – o grupo evangélico.

Sendo assim, iremos, utilizando a perspectiva da análise de discurso, analisar o discurso de um veículo de comunicação impresso (revista Veja) sobre um determinado tema (evangélicos). Mostraremos como a Veja constrói e apresenta, em suas páginas, os evangélicos

Veremos as estratégias utilizadas pela publicação para caracterizar esse segmento religioso: líderes, rituais, templos, seguidores e outros aspectos relacionados. Veremos também a avaliação que a revista dá acerca desse grupo – positiva ou negativa – apesar de que a Veja coloca-se como publicação informativa e não opinativa. Porém, a construção discursiva desse e de qualquer outro suporte, sempre deixa a marca de seu lugar de fala.

Além disso, haverá também em nossa análise a investigação de outros discursos presentes no discurso midiático da Veja dos evangélicos – se há e de que forma eles são aplicados nos textos e imagens.

No primeiro capítulo, apresentaremos noções acerca do discurso e da análise do discurso, com o objetivo de mostrar a metodologia que rege este trabalho. Falaremos sobre alguns dos diferentes significados do termo *discurso* e também um breve histórico sobre a análise do discurso, além de sua aplicação e conceitos a ela pertinentes.

Em seguida, faremos uma apresentação da revista *Veja*, suporte escolhido neste trabalho, incluindo breve histórico e características como: tiragem, temas abordados, entre outras. Também apresentaremos brevemente o surgimento das igrejas evangélicas no mundo e também no Brasil, as diferentes denominações que compõem essa religião e a expansão dessas igrejas no país. Mostraremos, ainda, a relação entre *Veja* e evangélicos: faremos uma descrição de quando e como os evangélicos apareceram nas páginas da *Veja*.

Enfim, partiremos para análise do discurso da *Veja* sobre os evangélicos, indicando de que maneira a revista constrói o sentido em torno das igrejas evangélicas, ou seja, como os evangélicos são apresentados nas páginas da *Veja*.

Partiremos da premissa de que a revista, ao construir o discurso sobre os evangélicos, utiliza narração de eventos e descrição de pessoas e fatos para caracterizar as igrejas evangélicas, seus líderes e seguidores. Além disso, nossa hipótese é que esse discurso alterna aspectos positivos e negativos à religião em questão, isto é, ao informar aos seus leitores sobre os evangélicos, a *Veja* intercala, entre edições, um discurso que apresenta os benefícios gerados pelas igrejas evangélicas e um outro que aponta seus malefícios.

## 1. APROXIMAÇÃO À ANÁLISE DO DISCURSO

### 1.1 SOBRE O DISCURSO

Uma série de tendências e correntes se interessa em analisar o *discurso*, termo que varia seu significado conforme dada abordagem.

#### 1.1.1 DIFERENTES SIGNIFICADOS DO TERMO *DISCURSO*

Desde a Grécia Antiga, havia interesse na recepção de textos e a sua produção, passando pela prática interpretativa, prática retórica, hermenêutica, filologia, idéias de polifonia e dialogismo, análise de conteúdos até mais recentemente à lingüística, análise automática do discurso e análise do discurso francesa. Conforme vemos em Milton Pinto, 1999, p.10-16, há o interesse em se estudar produção, conteúdo e recepção de diferentes tipos de discurso. Aspectos da história do estudo e interpretação de textos serão melhor explicitados na parte em que trataremos da análise do discurso.

Tomado em sua acepção mais ampla, aquela que ele [discurso] tem precisamente na *análise do discurso*, esse termo designa menos um campo de investigação delimitado do que um certo modo de apreensão da linguagem: esse último não é considerado aqui como estrutura arbitrária, mas como atividade de sujeitos inscritos em contextos determinados. Nesse emprego, *discurso* não é susceptível de plural: dizemos «o discurso», «o domínio do discurso» etc. Por supor a articulação da linguagem sobre parâmetros de ordem não lingüística, o *discurso* não pode ser o objeto de uma abordagem puramente lingüística. (MAINGUENEAU, 1998, p. 43)

Na obra supracitada, que reúne vários termos utilizados na análise do discurso, Dominique Maingueneau (1998, p. 44-45) fala ainda sobre uma série de posições em que o termo discurso adquire valores mais precisos:

**Discurso/enunciado:** o discurso forma uma unidade de comunicação associada a condições de produção determinadas, ou seja, depende de um gênero de discurso determinado. Discurso: estudo lingüístico das condições de produção do texto. Enunciado: um olhar lançado sobre um texto, do ponto de vista de sua estruturação “na língua”.

**Discurso/língua:** Língua: sistema de valores virtuais e sistema compartilhado pelos membros de uma comunidade lingüística. Discurso: uso da língua num contexto particular e uso restrito desse sistema. Pode tratar-se de: posicionamento em um campo discursivo; tipo de discurso; produções de uma categoria de locutores; função da linguagem. Michel Foucault *apud* Maingueneau: “Chamaremos *discurso* um conjunto de enunciados que dependem da mesma formação discursiva” (MAINGUENEAU, 1998, p. 45).

**Discurso/texto:** o discurso é a associação de um texto e seu contexto.

**Discurso/narrativa** (ou história).

**Discurso relatado:** disposição entre aspas, itálico, modalização pelo envio a um outro discurso, múltiplas formas de alusão a discursos já elaborados.

Em outra obra (2005, p. 51), dessa vez tratando sobre a análise de textos de comunicação, Maingueneau expõe os seguintes empregos usuais para esse termo: desde a utilização para designar discursos solenes (discurso de autoridades) ou, pejorativamente, as falas incoseqüentes (“é tudo discurso!”) ou ainda quaisquer usos restritos da língua (discurso da juventude ou discurso polêmico, por exemplo). Nesse último caso, segundo ele, há ambigüidade, pois discurso pode dizer respeito tanto ao sistema que possibilita produzir um conjunto de textos quanto ao próprio conjunto de textos produzidos.

Nas ciências da linguagem, discurso é usado no singular e no plural, de acordo com a atividade verbal em geral ou a cada evento de fala a que ele se refira. A modificação na



maneira de se conceber a linguagem é avaliada a partir da utilização da noção discurso, mudança esta resultante da pragmática, ou seja, do modo de apreensão da comunicação verbal.

Maingueneau (2005, p. 52-56) define também oito características gerais do discurso:

- a) **O discurso é uma organização situada para além da frase** – mobiliza estruturas de uma *outra ordem* (grifo do autor) que as da frase, estando submetidos a regras de organização pertencentes a um grupo social determinado, como aquelas que determinam um diálogo ou argumentação, regras referentes ao plano de texto, dentre outras.
- b) **O discurso é orientado** – desenvolve-se *no tempo* (grifo do autor) de maneira linear, constrói-se em função de uma finalidade e é concebido em função de uma perspectiva assumida pelo locutor. Essa linearidade pode variar, caso o enunciado seja proferido por um enunciador (monologal), como em um livro, ou em uma interação, onde o interlocutor pode fazer intervenções (dialogal).
- c) **O discurso é uma forma de ação** – falar não é apenas uma representação do mundo; é também uma forma de ação. Afirmar, prometer, sugerir, por exemplo, constituem-se em atos que têm como intuito modificar uma determinada situação.
- d) **O discurso é interativo** – a atividade verbal pode ser definida pela *inter-atividade* (grifo do autor) entre dois parceiros. Essa interação é mais evidente na conversação, em que os dois locutores enunciam em função da atitude do outro e pela imediata percepção do efeito das palavras de um sobre o outro.

- e) **O discurso é contextualizado** – só é possível atribuir sentido a um enunciado levando-se em consideração o seu contexto. Inclusive, o contexto é definido também pelo discurso, sendo modificado por ele ao longo da enunciação.
- f) **O discurso é assumido por um sujeito** – “o discurso só é discurso enquanto remete a um sujeito” (MAINGUENEAU, 2005, p.55). Esse representa uma *fonte de referências* (grifo do autor) pessoais, temporais, espaciais e, simultaneamente, indica a *atitude* (grifo do autor) tomada em relação ao que diz e também em relação ao seu co-enunciador.
- g) **O discurso é regido por normas** – por se inscrever na instituição da fala e sendo esta um comportamento, a atividade verbal é regida por normas, em que cada ato de linguagem implica preceitos particulares.
- h) **O discurso é considerado no bojo de um interdiscurso** – é no interior de um universo de outros discursos que um discurso adquire sentido. A interpretação de um dado enunciado depende da relação desse com uma série de outros enunciados que são citados, parodiados ou comentados, por exemplo. A classificação de um determinado discurso em um gênero discursivo já implica a relação com o universo de outros discursos de mesmo gênero.

Por seu turno, Norman Fairclough (2001, p. 91) apresenta a noção de discurso a partir de duas implicações: considerar discurso como *modo de ação* (grifo nosso), na medida em que os indivíduos têm a possibilidade de agir sobre o mundo e, principalmente, sobre os outros, assim como um modo de representação; uma *relação dialética entre discurso e estrutura social* (grifo nosso), com destaque para a existência de tal relação entre prática social e estrutura social, essa última condição e efeito da primeira. Por outro lado, afirma ele, “o discurso é moldado e restringido pela estrutura social no sentido mais amplo e em todos os

níveis” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 91). Por exemplo, pelo direito ou pela educação, que são instituições particulares ou por normas e convenções, de natureza discursiva ou não, dentre outros. Por outro lado, ainda, Fairclough (2001, p. 91) diz que o discurso é socialmente constitutivo e contribui para a constituição das mesmas normas, convenções e instituições que o moldam ou restringem.

Além disso, o autor trata de três aspectos dos efeitos construtivos do discurso: construção das chamadas ‘identidade sociais’ e ‘posições de sujeito’ para os ‘sujeitos’ sociais e os tipos de ‘eu’, dos termos variavelmente referidos na construção de relações sociais entre as pessoas e na construção de sistemas de conhecimento e crença (FAIRCLOUGH, 2001, p. 91). Cada um desses efeitos corresponde, segundo ele, às funções da linguagem, respectivamente *identitária*, modos pelos quais as identidades sociais são estabelecidas no discurso; *relacional*, relações sociais entre os participantes do discurso e *ideacional*, modos pelos quais os textos significam o mundo e seus processos, entidades e relações (FAIRCLOUGH, 2001, p. 91-92).

### **1.1.2. O DISCURSO MIDIÁTICO**

O discurso midiático não é uma das funções entre outras da instituição midiática; é o seu principal produto e resultado final do seu funcionamento. A mídia produz discursos como os pintores pintam telas, os músicos compõem músicas, os arquitetos projetam edifícios. (RODRIGUES *apud* MOUILLAUD & PORTO, 1997, p. 217)

Considerando-se todas essas nuances sobre o termo discurso até aqui apresentadas, partimos para a noção de discurso midiático, que será o objeto de estudo do presente trabalho.

Através da televisão, rádio, internet, jornais e revistas, o discurso midiático propaga-se, atingindo variados tipos de público. Discurso esse que se caracteriza por informar algo segundo normas específicas que regem o fazer jornalístico, abrangendo critérios de importância e noticiabilidade<sup>1</sup>, conforme o *newsmaking*<sup>2</sup>, a partir de dois limites: a cultura profissional dos jornalistas e a organização do trabalho e processos produtivos. Destacam-se, aqui, três obrigações, segundo Gaye Tuchman *apud* Mauro Wolf (1987, p. 167-167), que os órgãos de informação devem cumprir para produzirem notícias: (1) tornar possível o reconhecimento de um fato desconhecido (inclusive os excepcionais) como acontecimento notável; (2) elaborar formas de relatar os acontecimentos que não tenham em conta a pretensão de cada fato ocorrido a um tratamento idiossincrático; (3) organizar, de forma temporal e espacial, o trabalho de modo que os acontecimentos noticiáveis possam afluir e ser trabalhados de forma planejada.

Considerem-se, também, os chamados valores/notícia, que consistem em componentes da noticiabilidade e são responsáveis pela decisão na seleção de notícias. Os valores/notícias derivam de: (a) aspectos substantivos (relativos ao conteúdo) – importância e interesse da notícia; (b) disponibilidade de material e critérios relativos ao produto informativo – grau de acessibilidade do acontecimento para os jornalistas e dos critérios imbuídos nos meios de comunicação; (c) ao público – imagem que os jornalistas têm do

---

<sup>1</sup> Conjunto de elementos através dos quais o órgão informativo controla e gere a quantidade e o tipo de acontecimentos entre os quais há que selecionar as notícias (WOLF, 1987, p.168).

<sup>2</sup> Constituído pelos estudos que analisam a *lógica dos processos* pelos quais a comunicação de massa é produzida e o tipo de organização do trabalho dentro da qual se afecta (sic) a <<construção das mensagens>> (*ibid*, p. 159).

público, seja leitor, ouvinte, telespectador, internauta; (d) à concorrência – competição entre veículos de imprensa, a busca pelo “furo jornalístico” e pelo “exclusivo”.

O discurso também varia conforme a linha editorial, ou seja, a política assumida por cada veículo de comunicação, indicando a visão de mundo da empresa, seus valores e paradigmas e orientando a forma como cada notícia será produzida. Por esse motivo, um mesmo fato noticiado pode ser apresentado em diferentes versões, por conta das variadas linhas editoriais assumidas pelas diferentes empresas jornalísticas de televisão, por exemplo.

Notícias veiculadas pelos meios de comunicação produzem efeitos diversos, local e globalmente. Noticiar uma catástrofe natural como o tsunami, por exemplo, que no ano de 2004 culminou na morte de milhares de pessoas na Ásia, pode causar uma comoção mundial derivando uma série de ações humanitárias em prol da reconstrução dos países e do atendimento a sobreviventes. Em nível local, por exemplo, segundo Fernando Lattman-Weltman (1994, p.11), a vitória (da imagem) de Fernando Collor de Melo, nas eleições presidenciais de 1989 deve ser atribuída à atuação da mídia<sup>3</sup>.

## **1.2 SOBRE A ANÁLISE DO DISCURSO**

### **1.2.1 INÍCIO**

---

<sup>3</sup> Segundo Fernando Lattman-Weltman (1994, p.11-46), a estratégia de *marketing* político de Collor aliada à “ajuda” da imprensa, como a apresentação desse candidato como “caçador” de marajás e de funcionários “fantasmas” de Alagoas, estado que então governava, em oposição ao “espectro de Brizola”, mistura dos nomes dos candidatos Brizola e Lula e que se referia de maneira negativa a um governo mais ou menos radical de esquerda, que seria “construído” caso um desses dois candidatos vencesse a eleição. Cita-se também a edição do último debate no telejornal *Jornal Nacional*, da Rede Globo, como meio de garantir a vitória de Collor nas urnas.

Na cultura grega antiga, há interesse por textos, tanto no que diz respeito à recepção, à sua produção e quanto ao texto em si. A prática interpretativa, primeira prática decorrente desse interesse, estava ligada inicialmente à interpretação dos textos de oráculos. Paulatinamente, estendeu-se aos textos religiosos em geral e outros valorizados na cultura, como os jurídicos e literários. Passou então a chamar-se *hermenêutica* – disciplina especializada em interpretar quaisquer tipos de textos, segundo Milton Pinto, 1999, p. 11.

Aliava-se à hermenêutica técnicas da exegese, como a genealogia dos textos, cotejo de versões, escolha da versão mais confiável, por exemplo, ligando-se a ciências humanas e sociais (história, antropologia, psicologia), como também à lingüística e à psicanálise. No século XIX, crescia a filologia, área da linguagem que ligava gramática, exegese e história na produção de comentários críticos de textos antigos. O interesse hermenêutico acompanha interesses explicativos, relacionando texto ao seu autor ou à época em que foi escrito e avaliativos, conforme critérios éticos e estéticos.

A segunda, denominada prática retórica, tinha por base a criação de textos políticos, de tribunal ou de homenagem. A produção de textos em nossa cultura é influenciada pela retórica, especialmente nos eventos da mídia. Seu surgimento data do ano 485 a. C., nas colônias gregas da Sicília, sendo conjunto de técnicas para criação de textos proferidos em públicos – discursos – advocatícios para serem utilizados em tribunais onde se reivindicava posse de terras, passando depois para outros gêneros; deliberativo (discurso político proferido em assembleias) e epidíctico (louvor e/ou crítica a alguma pessoa). A retórica é a primeira teoria da produção e recepção de textos, por ser uma técnica de produção textual. O apogeu dessa prática chegou dentro da cultura grega com os sofistas, que foram bastante criticados por Platão, por construir simulacros inverossímeis que escondiam interesses de indivíduos e grupos, utilizando “técnicas de produção discursiva centrada mais na emoção do que na razão, destinada à cooptação do público” (MILTON PINTO, 1999, p. 13), ao invés de procurar o

conhecimento e a verdade. Essa noção de discurso – deixada de lado por Aristóteles em sua *Arte Retórica* por conta das críticas de Platão – como “simulacro interesseiro” é um dos conceitos centrais da análise de discursos contemporânea.

Presente nas análises atuais, fruto da influência de Mikhail Bakhtin, a *polifonia* já era encontrada na primeira parte da *invenção*, primeira parte da *techné rhetoriké*. Conforme vemos em Milton Pinto, 1999, p. 13, os argumentos usados em um discurso eram copiados de discursos anteriores, tirados da tradição, onde haviam apresentado bom funcionamento e estavam reunidos em listas e classificados quanto ao tipo de público ao qual deveriam ser aplicados, ficando à disposição dos interessados.

Outra idéia muito presente nas análises contemporâneas também por força da teorização bakhtiana é o *dialogismo*. Essa noção está atrelada na estrutura esquemática das partes de um discurso, como exige a *disposição*, segunda parte da técnica retórica e requer uma *probatio* constituída de: confirmação (apresentação dos argumentos a favor da tese defendida) e refutação (contra-argumentação).

### 1.2.2 A ANÁLISE DE CONTEÚDOS

A partir dos anos 1930, com influência da tradição hermenêutica e do empirismo e cientificismo da pesquisa norte-americana, diversos pesquisadores, ligados à sociologia e à psicologia, começaram a desenvolver a *análise de conteúdos*, definida como “método de tratamento da informação semântica dos textos” (MILTON PINTO, 1999, p. 14).

Algumas correntes atuais de análise de discursos dão continuidade à análise de conteúdos, corrigindo pontos fracos e agregando conceitos mais recentes provenientes das ciências humanas, sociais e da linguagem, enquanto outras lhe fazem oposição. A proposta da análise de conteúdos é, através de

[...] um processo de normatização da diversidade superficial de um grande conjunto de documentos expressos em linguagem verbal (como pesquisas de opinião, *corpora* de textos jornalísticos ou de discursos políticos), torná-los comparáveis, abrindo caminho ao emprego de técnicas estatísticas e, mais tarde, computacionais. (MILTON PINTO, 1999, p.15)

Por normatização, que é apontada como aspecto mais criticável das análises, podemos dizer que é a transcrição do conteúdo de textos a partir de uma rede de categorias semânticas que são indiferentes, na maioria das vezes, às articulações textuais e lingüísticas que os textos apresentam. A transcrição seria responsável pela destruição aquilo que é pertinente para a caracterização de um texto como discurso, ou seja, as marcas que o ligam à situação em que foi produzido, que se encontram nele próprio e não em outro texto construído a partir dele, isto é, o seu contexto.

Outro problema é o fato de ser introduzida nessa análise a duvidosa variável do julgamento do analista, responsável pela transcrição, em que a análise é feita a partir da interpretação criada pelo pesquisador, um outro discurso produzido em outras condições e do qual o primeiro texto é um componente intertextual dentre outros, sendo a análise semântica uma tradução do texto original em outro texto de responsabilidade do analista.

Substituir categorias semânticas por sintáticas, então consideradas puramente formais na normatização, substituição essa tentada pelo estruturalista Zellig Harris e pelo grupo de pesquisadores franceses liderados por Michel Pêcheux (criadores da análise automática do discurso) e que se apresentou viciada, de acordo com Milton Pinto, 1999, p. 16.



As categorias sintáticas, ao contrário do que se pretendia, também colocavam imposição para uma interpretação ao texto original.

### 1.2.3 A ANÁLISE DE DISCURSO: DUAS TRADIÇÕES

A análise do discurso recebe definições bastante variadas [...]. Julgamos preferível especificar a análise do discurso como a disciplina que em vez de proceder a uma análise lingüística do texto em si ou a uma análise sociológica ou psicológica de seu «contexto», visa a articular sua enunciação sobre um certo lugar social. Ela está, portanto, em relação com os gêneros de discurso trabalhados nos setores do espaço social (um café, uma escola, uma loja...) ou nos campos discursivos (político, científico...). (MAINGUENEAU, 1998, p. 13-14)

Grosso modo, conforme Milton Pinto, 1999, p. 10, duas tradições influenciam as análises de discurso atuais: a análise do discurso francesa e a pragmática, a etnometodologia e outras propostas psicossociológicas de abordagem de textos anglo-americanas. Por conta de suas diferenças epistemológicas, esses dois tipos de análise nem sempre se relacionam adequadamente. *Discurso* nessas duas correntes é empregado como um coletivo no singular, apesar de definirem o termo de maneira muito distinta.

A análise do discurso francesa (AD) tem como expoentes, dentre outros, Michel Foucault e Michel Pêcheux. Desde os anos 70, esse domínio do saber tentava articular lingüística e história em uma teoria do discurso. A função das ideologias, desenvolvida por Louis Althusser, em que elas constituem a produção e reprodução dos sentidos sociais, por forças dos aparelhos ideológicos, é fundamental na AD, conforme Milton Pinto, 1999, p. 17.

Os discursos são definidos como “práticas sociais determinadas pelo contexto sócio-histórico, mas que também são partes constitutivas daquele contexto” (MILTON PINTO, 1999, P.17). As análises têm se voltado para textos impressos ou transcrições de textos orais, normalmente tratados isoladamente e independente de outros sistemas

semióticos. E procuravam desvelar, de um ponto de vista crítico, implicações político-ideológicas.

Também chamada de *discourse analysis*, a análise anglo-americana, caracterizada pelo empirismo, de acordo com Milton Pinto, 1999, p.17, surgiu na Inglaterra, mas está enraizada nos Estados Unidos. Em terras norte-americanas, adicionou elementos da etnologia, psicologia e sociologia. Descrição da estrutura e funcionamento internos dos textos, tentativa de contextualização um pouco limitada e utópica são combinadas para integrar as análises.

Nessa tradição, o processo de comunicação é definido como uma interação cooperativa entre indivíduos, os quais possuem controle total e consciente das regras a serem usadas, além de serem capazes de contribuir igualmente no desenvolvimento do processo. Outra noção é a de fala, vista como forma de ação, o que se aproxima da idéia de discurso como prática social. Contudo, essa ação é vista como proveniente do indivíduo, com aparente imunidade a qualquer coação social e estrategicamente adotada pelos falantes para atingir objetivos e intenções na comunicação, conforme vemos em Milton Pinto, 1999, p. 17-20.

A análise de discursos anglo-americana define o termo discurso em duas frentes: como oposto a frase, sendo unidade lingüística constituída por uma sucessão de frases e como uso da linguagem verbal em contextos determinados. Segundo Milton Pinto, 1999, p. 19-20, trabalhos realizados nessa tradição em entrevistas médicas, policiais, de candidatos a emprego e também de mídia contribuíram para técnicas de análise de textos orais com características de empostação, entonação, pausas, gaguejamentos e murmúrios. Comparando-se com textos impressos, esses aspectos representam a “diagramação” dos textos.

Apesar de diferenças metodológicas que podem levar ao conflito, as tradições francesa e anglo-americana podem chegar à conciliação, conforme propõe Milton Pinto, 1999, p. 20, através do que já foi produzido sobre análise junto a desenvolvimentos teóricos

relacionados à contextualização das marcas formais encontradas na superfície do texto: reconhecer que todo evento de comunicação é ou faz parte de um ritual social cujas normas deve seguir; que a contextualização passa sempre por mediações; marcas são resultado das convenções de codificação exigidas pelo contexto social onde se dá o evento comunicacional; e que o universo dos discursos que são produzidos em uma sociedade é organizado em séries ou redes discursivas.

#### **1.2.4 A ANÁLISE DE DISCURSO: METODOLOGIA DE ANÁLISE**

A análise dos discursos está próxima da semiologia ou semiótica. Seu ponto de partida são textos, produtos culturais empíricos produzidos por eventos comunicacionais. O analista deverá voltar a atenção para aquilo que se pode chamar “textura” do texto, ou seja, o uso da linguagem verbal e uso de outras semióticas. Na superfície do texto, o analista pode encontrar pistas ou marcas deixadas pelos processos sociais de produção de sentido. Esses irão ser interpretados durante a análise.

A prática do analista de discurso é procurar e interpretar vestígios que permitem a contextualização em três níveis: contexto situacional imediato, contexto institucional e contexto social cultural mais amplo, dentro do evento comunicacional. A análise se preocupa no *como* e *por que* o texto diz e mostra algo, e não necessariamente pelo que ele *diz* ou *mostra*, segundo Milton Pinto, 1999, p. 23, pois não se trata de uma interpretação semântica de conteúdos. Enfim, o interesse dela está em explicar os *modos de dizer*, ou seja, uso comunicacional da linguagem e de outras semióticas.

Os modos de dizer, segundo Milton Pinto 1999, p. 61, podem ser explicitados pelos *modos de mostrar, modos de interagir e modos de seduzir*.

*Modos de mostrar* – uso referencial, em que são criados os universos de discurso em jogo no processo comunicacional.

*Modos de interagir* – construção das identidades e das relações sociais assumidas pelos participantes no processo comunicacional.

*Modos de seduzir* – busca do consenso, pelo qual se distribuem os afetos positivos e negativos associados ao universo de discurso em jogo.

Sendo o discurso uma prática social, pode-se afirmar que a linguagem verbal e outras linguagens que constroem os textos fazem parte do contexto sócio-histórico e não algo simplesmente instrumental, alheio às pressões exercidas pelo social.

Para se utilizar a análise de discurso, é necessário conhecer outros conceitos, como:

### **Campo discursivo:**

No universo discursivo, isto é, no conjunto dos discursos que interagem em um dado momento, a análise do discurso segmenta *campos discursivos*, espaços onde um conjunto de formações discursivas estão em relação de concorrência no sentido amplo, delimitam-se reciprocamente: assim as diferentes escolas filosóficas ou as correntes políticas que se afrontam, explicitamente ou não, numa certa conjuntura. (MAINGUENEAU 1998, p.19)

O campo é definido como um jogo de equilíbrios instáveis entre diversas forças, onde não há homogeneidade: há sempre dominantes e dominados, posicionamentos centrais e periféricos. Ele também pode incluir subcampos, como por exemplo, em uma corrente política, em que pode haver disputa entre diversos discursos para o monopólio da legitimidade enunciativa

### **Enunciação:**

“A enunciação é classicamente definida, após Benveniste<sup>4</sup>, como «a colocação em funcionamento da língua por um ato individual de utilização» (1974:80). [...] A enunciação constitui o pivô da relação entre a língua e o mundo: ela permite representar no enunciado os fatos, mas ela constitui em si um fato, um acontecimento único, definido no tempo e no espaço”. (MAINGUENEAU, 1998, p.52, 53-54).

A enunciação difere-se do enunciado, como o ato difere-se do seu produto. A interação é preponderante na enunciação, mesmo se tratando de um monólogo. Oswald Ducrot – citado por MAINGUENEAU, 1998 – lingüista, define enunciação como o acontecimento construído pela aparição do enunciado.

### **Formação discursiva:**

Noção utilizada essencialmente na Escola Francesa, a formação discursiva foi introduzida por Foucault (1969:53) para designar conjuntos de enunciados relacionados a um mesmo sistema de regras, historicamente determinadas. Dessa forma, Foucault procurava contornar as unidades tradicionais como «teoria», «ideologia», «ciência». Mas foi com Pêcheux que essa noção entrou na análise do discurso. Nesse quadro teórico do marxismo althusseriano, ele adiantava que toda «formação social» passível de se caracterizar por uma certa relação entre classes sociais, implica na existência de «posições políticas e ideológicas, que não são o feito de indivíduos, mas que se organizam nas *formações* que mantêm entre si relações de antagonismo, de aliança ou dominação». (MAINGUENEAU, 1998, p. 67-68)

As formações discursivas interligadas estão incluídas em formações ideológicas e determinam o que pode e deve ser dito, a partir de uma posição determinada em uma conjuntura específica. Esse termo refere-se ao fato de que “para uma sociedade, uma posição e um momento definidos apenas uma parte do dizível acessível, que esse dizível forma sistema e delimita uma identidade” (MAINGUENEAU, 1998, p.68-69).

### **Gênero de discurso:**

O termo gênero de discurso é empregado para designar os dispositivos de comunicação social e historicamente definidos, como, por exemplo, consulta média, editorial

---

<sup>4</sup> Émile Benveniste, lingüista estruturalista francês responsável pela expansão do paradigma lingüístico estabelecido por Ferdinand de Saussure.

de um jornal, anúncios, etc. A análise do discurso utiliza esse conceito com o objetivo de relacionar falas a lugares e atribui a ele um papel fundamental. Há uma diversidade de gêneros de discurso, entre estáveis e fugazes, além dos subgêneros.

A definição do tipo de gênero está atrelada às seguintes limitações: status dos enunciadadores e dos co-enunciadores; circunstâncias locais e temporais da enunciação; suporte (que tem papel essencial na emergência e estabilização de um gênero) e modos de difusão; temas que podem ser introduzidos; extensão, modo de organização, dentre outros. “O gênero de discurso tem uma incidência decisiva sobre a interpretação dos enunciados. Não podemos interpretar um enunciado se não sabermos a qual gênero relacioná-lo” (MAINGUENEAU, 1998, p.75).

### **Ideológico:**

Ao me referir com insistência ao fato de que a análise de discursos é sempre dependente do contexto, tinha em mente que todo processo de produção-circulação-consumo dos sentidos de um texto passa por estas duas dimensões (ideológico e poder), constitutivas do que se chama de *semiose social*. A primeira dimensão da social é o ideológico, que Eliseo Verón (1978a:14-16) define como o “nome do sistema de relações entre um conjunto significativo dado – que neste trabalho estou chamando de texto – e suas condições sociais de produção” [...] O ideológico está presente num texto pelas marcas ou traços que estas regras formais de geração de sentidos deixam na superfície textual e que o analista de discursos procura encontrar e interpretar [...]. (MILTON PINTO, 1999, p.40-41)

### **Poder:**

A segunda dimensão da semiose social é o poder. De maneira intuitiva, sabe-se que o poder está em jogo em qualquer interação comunicacional, de modo explícito como objetivo em disputa (...). Para ele (Eliseo Verón), “a noção de ‘poder’ de um discurso não pode designar outra coisa senão os efeitos desse discurso no interior de um tecido determinado de relações sociais” e esses efeitos só podem ter a forma de outra produção de sentido. (MILTON PINTO, 1999, p. 42-43)

### 1.2.5 APLICANDO A ANÁLISE DO DISCURSO

A análise do discurso pode ser utilizada em textos (orais, escritos ou audiovisuais) dos mais variados gêneros. No caso do presente trabalho, será analisado um texto de comunicação, jornalístico, da publicação impressa revista.

Para tanto, foi necessário o estudo das teorias e conceitos anteriormente apresentados, que consistem no método de análise adotado e que irão guiar os capítulos em que reportagens, imagens e infográficos serão estudados, a fim de se delinear qual o discurso produzido pelo veículo de comunicação escolhido em relação ao assunto em questão.

Para análise de discursos, cada texto pertence a um gênero de discursos ou a uma espécie de discursos e, para cada gênero ou espécie, cabe determinar o que se chama de dispositivo de enunciação: a explicitação dos diferentes posicionamentos ideológicos ou posições enunciativas ou ainda lugares de fala – ou seja, as diferentes maneiras de construir a representação de uma determinada prática social ou área de conhecimento propostas pelos sujeitos que aparecem nos textos e que são assumidas ou não pelos participantes do evento comunicativo em curso. (MILTON PINTO, 1999, p.28-29)

A proposta é analisar o discurso de uma determinada revista de informação (Veja, publicação semanal brasileira da Editora Abril) em relação aos evangélicos (segmento religioso presente no Brasil e em vários países do mundo).

Porém, não será estudado qualquer fato relacionado aos evangélicos que tenha sido publicado na Veja. A proposta é analisar reportagens de capa, denominadas em alguns momentos de “reportagens especiais” sobre evangélicos, conforme seleção feita no site da revista Veja, intitulado Especial – Em Profundidade – Evangélicos (mais detalhes no capítulo 2, que será dedicado a expor a relação entre Veja e evangélicos).

Uma revista de informação semanal apresenta matérias sobre acontecimentos da “atualidade” da semana, mas não necessariamente seus especiais seguem esse modelo. Por

esse motivo e sendo essas reportagens especiais e de capa objeto de estudo, será analisado se as reportagens de capa relacionam-se com algum fato que tenha ocorrido contemporaneamente àquela edição ou não.

Revista é, então, o objeto cujo discurso será analisado. E, no nosso caso, podemos restringir ainda mais o *corpus* de análise: revista Veja, uma revista semanal de informação, apresentando assim uma diversidade de temas, linha editorial específica e também se for levada em conta a assertiva abaixo (esses aspectos serão melhor delineados no(s) capítulo(s) dedicado(s) à análise):

Veja não se enquadra nos gêneros tradicionais de texto jornalístico, notadamente na distinção entre jornalismo informativo e opinativo. Embora carregado de informação, seu texto é fortemente permeado pela opinião, construída principalmente por meio de adjetivos e figuras de linguagem. Veja construiu, de si mesma, uma forte imagem de legitimidade para proferir saber – frente a um suposto não-saber dos leitores, da população em geral e, em certos momentos, das próprias fontes. (BENETTI, 2007, p. 8)

Através desse trabalho, serão identificadas as estratégias utilizadas pela revista para falar sobre os evangélicos, estratégias essas presentes na superfície dos textos e imagens presentes nas reportagens e que estão ligadas a uma série de aspectos como: contexto sócio-histórico em que se inserem cada matéria, linha editorial da revista, condições de produção das reportagens, dentre outros aspectos.

A análise irá revelar também de que forma o discurso jornalístico se relaciona com o discurso religioso neste caso: desde apropriação de termos utilizados no contexto religioso para matérias jornalísticas até o modo como os elementos presentes no culto evangélico e, principalmente, líderes e seguidores são retratados.

O discurso da revista será encarado como uma representação da religião, na medida em que a revista apresenta aos leitores características sobre o segmento evangélico,



assim como estimula seus leitores a adotar a visão estabelecida pela publicação a respeito dos evangélicos. Tomando-se por base o pensamento de Fairclough:

A prática discursiva é constitutiva tanto de maneira convencional como criativa: contribui para reproduzir a sociedade (identidades sociais, relações sociais, sistemas de conhecimento e crença) como é, mas também contribui para transformá-la. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 92)

No presente trabalho, serão levados em consideração os textos e a forma como eles estão dispostos no veículo de comunicação. No nosso caso, serão estudados manchete de capa, reportagens de capa (título, textos da matéria) e também a seção Carta ao Leitor, espécie de editorial da revista.

A manchete de capa será estudada como estratégia utilizada pela revista a fim de atrair leitores.

Uma boa revista precisa de uma capa que a ajude a conquistar leitores e os convença a levá-la para casa. “Capa”, como diz o jornalista Thomaz Souto Corrêa, “é feita para vender revista”. Por isso, precisa ser o resumo irresistível de cada edição, uma espécie de vitrine para o deleite e sedução do leitor. (SCALZO, 2004, p.62)

Também, a relação que se estabelece entre ela e a imagem da capa, complementares segundo esta citação: “A chamada principal e a imagem da capa devem se complementar” (SCALZO, 2004, p.63); “Texto e imagem remetem um ao outro em um equilíbrio semântico fechado” (VERON, 2004, p.173). Será avaliado de que forma é produzido o discurso através da interação dessas. Assim como entre a capa e a reportagem a qual remete.

Para estudos sobre os títulos das reportagens, utilizaremos conceitos expressos por Maurice Mouillaud e Sergio Dayrell Porto (1997, p. 99-116), na obra em que falam sobre o jornal e o discurso por ele produzido, relacionando-se forma e sentido.

O título será encarado e estudado em local próprio, não como um enunciado posto sobre um suporte, mas como uma inscrição, quer dizer, como enunciado da língua e como uma marca – a marca maior – da articulação do jornal: uma região-chave que é o articulado e articulador do jornal, a expressão de sua estrutura. (MOUILLAUD & PORTO, 1998, p.99)

O título funciona, assim como a manchete de capa, como atrativo da matéria – ele informa sobre qual o assunto a ser relatado, mas não o faz de qualquer forma. Utiliza estratégias específicas e também funciona como uma espécie de continuidade da capa.

Parece-me que título envolve pelo menos duas dimensões fundamentais. Em primeiro lugar, uma dimensão metalingüística: de fato, sempre se trata do título de um discurso que o segue, e neste sentido, um título que o *qualifica*, que o *nomeia*. Além disso, todo título tem também uma dimensão *referencial*: assim como o discurso que ele nomeia, o título também fala de “algo”. (VERON, 2004, p.105)

Esse elemento pode ser analisado a partir de sua forma: tipo e tamanho da fonte (esse último sempre maior do que a fonte usada na matéria) e qual a sua disposição na página, se acima do texto ou de alguma imagem ou então sobrepondo uma fotografia.

Diferentemente do jornal, em que este aspecto só é observado em alguns casos, nas revistas, os títulos de reportagens normalmente são seguidos de subtítulos. O motivo de tal estrutura explica-se pelo fato de os títulos serem compostos por texto sem verbo ou por expressões que em si mesmas não são suficientes para apresentar ao leitor o assunto a ser dito na matéria.

O subtítulo funciona como um complemento do título e a presença de um torna-se dependente do outro e vice-versa: assim como o sentido do título é esvaziado sem a presença do seu “complemento”, o subtítulo sozinho é grande demais e pouco atrativo para um leitor que esteja a folhear uma edição de revista. Vejamos um exemplo extraído de uma das edições da Veja que serão analisadas neste trabalho:

Título: *Fé em desencanto* (VEJA, 1991, p.32)

Subtítulo: *O êxodo dos católicos de classe média sangra uma Igreja já enfraquecida pelo assédio das seitas evangélicas sobre os pobres* (VEJA, 1991, p.32)

Como se pode observar, o título “Fé em desencanto” é insuficiente para deixar o leitor exatamente a par sobre o assunto a ser abordado na reportagem, pois a “fé” a que se refere pode ser a de uma infinidade de religiões, seitas e crenças; da mesma forma “desencanto” pode ter diferentes significações, a partir do contexto. Contudo, cumpre sua missão de instigar, de levar à curiosidade: Que fé é essa? Como ela está em desencanto?

Já o subtítulo explica o título, pois fala sobre a redução de fiéis de classe média da Igreja Católica, que já havia perdido seguidores pobres para as igrejas evangélicas. Porém, esse subtítulo não poderia substituir “Fé em desencanto” nem outro título que fosse ali proposto, pois sua estrutura não supre exigências pertinentes aos títulos.

Também serão analisados os textos das reportagens, ponto mais importante desse trabalho, pois é onde o discurso da revista *Veja* sobre evangélicos se apresenta com mais intensidade. Discurso esse considerado de acordo com a noção expressa por Maingueneau, conceito já apresentado no tópico 1.1.1. Discurso que se articula com outros discursos – sejam os discursos sobre evangélicos produzidos em outras edições da revista ou por outros veículos de comunicação. Discurso que se relaciona também com o discurso dos evangélicos ou mesmo com o de outras religiões, como a católica.

Logo, algumas questões podem nortear a análise: De que forma o discurso<sup>5</sup> da revista *Veja* sobre evangélicos é construído e se articula em si mesmo (ou seja, como cada

---

<sup>5</sup> Não se constitui um objeto homogêneo, sendo o “lugar de manifestação de uma multiplicidade de sistemas de condições, uma rede de interferências” (VERON, 2004, p.90). Essa ressalva é de suma importância, pois *discurso* apresentado nessa parte significa o conjunto dos discursos produzidos ao longo da publicação das edições da *Veja* cujas reportagens de capa foram sobre evangélicos.

reportagem interage com as outras)? De que forma esse discurso sofre interferência de discursos midiáticos anteriores? (no caso de uma reportagem basear-se em algum fato noticiado por outros meios de comunicação) De que forma esse discurso relaciona-se com o discurso evangélico, católico<sup>6</sup> ou de outra linha religiosa?

A contaminação provocada pelo discurso midiático entre as diferentes modalidades discursivas é responsável pela natureza metaforizante da prática discursiva midiática. Este fato de assimilar parte da dimensão discursiva das outras instituições contribui para a função de mediação de que o discurso midiático é responsável. A título de exemplo, observemos alguns títulos retirados da revista brasileira *Veja*, nos quais podemos apreciar metáforas forjadas por transposição do discurso religioso [...]. *Transposições do discurso religioso*: “Templos de leitura”. “Anjo na cabine. Menina de 7 anos morre pilotando avião”. “Pecados da carne. Doença da vaca louca arrasa pecuária britânica e a ciência tem poucas respostas sobre o mal”. (MOUILLAUD & PORTO, 1998, p. 222)

Um ponto importante e que também ajudará na análise é avaliar as fontes utilizadas pela revista ao falar sobre evangélico: Quais foram as fontes usada para falar sobre a) elementos e características da religião evangélica; b) elementos de características de outras religiões citadas nas reportagens; c) Como essas “vozes” se articulam nessa reportagem? d) Há algum tipo de “disputa” entre essas “vozes” nos textos? Da mesma forma, a utilização de citações diretas ou indiretas nesse caso.

Essas questões relacionam-se aos conceitos de ideologia, hegemonia, poder, conceito já brevemente apresentados aqui anteriormente no tópico 1.2.4. Seja qual for o discurso que um veículo de imprensa publique, esse discurso está permeado pela ideologia e opinião de quem o produziu e difundiu. Essas marcas podem ser visíveis ou não, cabendo ao analista identificar quais são essas marcas e que função elas têm na construção do discurso.

Será vista também a seção *Carta ao Leitor*, presente na revista *Veja* e que funciona como uma espécie de editorial. Não será feita uma análise sobre os textos dessa seção e sim será verificado se o tema da reportagem de capa está presente nas “Cartas ao

---

<sup>6</sup> Tendo-se por base que a religião católica é a dominante no país, em termos de número de adeptos, investigar se a *Veja* faz alguma referência a esse segmento religioso: apropriação de discurso, utilização da Igreja Católica como fonte para falar sobre evangélicos, etc.

Leitor” de cada edição e de que forma esses assuntos se apresentam: chamada para a matéria, breve descrição sobre produção da reportagem, observação sobre alguma parte da matéria, dentre outras possibilidades.

Uma perspectiva que também deve ser levada em consideração aqui neste trabalho é a noção de *contrato de leitura*:

A relação entre um suporte e seu leitorado repousa sobre aquilo que nós chamaremos de *contrato de leitura*. O discurso do suporte, de um lado, seus leitores, de outro, são as duas “partes” entre as quais se atêm, como em todo contrato, um laço, aqui a leitura. No caso das comunicações de massa, evidentemente, é a mídia que propõe o contrato. (VERON, 1999, p.4)

O conceito de contrato de leitura implica que o discurso de um suporte de imprensa seja um espaço imaginário onde percursos múltiplos são propostos ao leitor; uma paisagem, de alguma forma, na qual o leitor pode escolher seu caminho com mais ou menos liberdade, onde há zonas nas quais ele corre o risco de se perder ou, ao contrário, que são perfeitamente sinalizadas. (VERON, 2004, p. 236)

Utilizar a perspectiva do conceito de contrato de leitura pode ajudar em nossa análise na medida em que, sendo esse a relação construída entre o suporte e seus leitores, a forma como se dá essa relação pode indicar como é construído o discurso dos evangélicos para o público da revista.

Assim, partindo do estudo de conceitos e apresentando a forma como a análise será realizada e como as noções pertinentes à análise do discurso serão utilizadas, partimos para o estudo sobre a revista *Veja*, sobre os evangélicos e sobre a forma como os evangélicos são noticiados nas reportagens de capa da revista *Veja*.

## 2. VEJA E EVANGÉLICOS

Após apresentarmos, no capítulo anterior, as noções de discurso, discurso midiático e análise do discurso, iremos apresentar, neste capítulo, o suporte escolhido para a análise – a revista *Veja* – e o tema escolhido veiculado nesse suporte – evangélicos.

### 2.1 APRESENTANDO A REVISTA VEJA

*Veja* é uma revista semanal de informação, com circulação nacional, produzida pela Editora Abril S.A. Lançada no dia 11 de setembro de 1968, foi criada pelos jornalistas Victor Civita e Mino Carta – este último atualmente é diretor de redação da *Carta Capital*, outra revista semanal que circula em todo o Brasil.

*Veja* foi a primeira publicação a praticar o marketing da notícia. Teve um período brilhante sob a direção de Mino Carta, com uma redação jovem e talentosa trabalhando em cima de alguns princípios básicos do novo jornalismo. No nível, a linguagem tinha que ser compreendida pela dona-de-casa de Bauru, como se dizia na época. Como só a linguagem não basta, simplificaram-se também as análises. O público a ser perseguido não era o politizado, inibido pela repressão que se seguiu ao Ato Institucional número 5, mas a nova opinião pública urbana, recém-ingressa na era do “milagre”, com acesso a novos bens de consumo. (NASSIF, 2003, p. 6)

A idéia da revista seguia a linha da publicação americana *Time* e também da *Newsweek*, com pautas que valorizavam o enfoque glamourizado, na escolha dos temas, uso da adjetivação e lides rebuscados. A Editora Abril tinha o projeto de lançar uma revista semanal de interesse geral ainda no início dos anos 60, baseada em revistas como *L’Europeo*, *Oggi*. O nome *Veja* foi pensado por Civita referência ao verbo ver: veja, olhe, look, see.

A *Veja* não foi aceita inicialmente pelo público, Os números provam isso. O público esperou um concorrente da *Manchete*, que era a revista semanal da época, inspirada no magazine americano ilustrado. Os leitores não entenderam aquele veículo de formato pequeno. As revistas ilustradas da época eram maiores do que são hoje.

Tinham fotos grandes. Houve alguns eventos que nos ajudaram, como a chegada do homem à lua, o “boom” da bolsa de valores. Assim a revista começou a crescer. Só a partir de 71, a *Veja* passou a recuperar o terreno perdido. (LOPES, SOBRINHO e PROENÇA, 1998, p.30)

Os números: tiragem inicial de 700 mil exemplares, caindo para 500 mil na segunda edição, 300 mil na terceira e 150 mil na quarta. Na sexta, foi para 22 mil. A idéia de uma publicação naquele formato que priorizava o texto ao invés da imagem ainda era estranha aos brasileiros, quadro que se alterou com o passar do tempo, através das grandes reportagens da revista Realidade, também da editora Abril, que acabou sendo “destronada” pela *Veja*.

Segundo narra Scalzo (2004, p. 31), a *Veja* durante sete anos lutou contra prejuízos e contra a censura do governo militar – alguns meses depois do lançamento da revista, havia sido instaurado o Ato Institucional número 5 (AI nº.5), que cerceava a liberdade de imprensa. Conseguiu acertar sua fórmula e viu suas vendas aumentarem quando passou a ser vendida por assinatura, que atualmente correspondem a 80% da tiragem comercializada. Scalzo afirma ainda que, no mundo, a *Veja* é a única revista semanal de informação a ser mais vendida e mais lida no país. As revistas semanais de informação vendem bem em outros países, mas nenhuma é a mais vendida.

A revista *Veja* apresenta a maior tiragem entre as revistas que circulam pelo país, contabilizando mais de 1 milhão de exemplares. Em fevereiro de 2008, a circulação da revista foi de 1.090.090 exemplares, com 919.858 assinaturas, 170.230 avulsas e 4.343 revistas vendidas no exterior. *Veja* é lida mais por mulheres (53%) do que homens (47%), por pessoas da classe B (39%), contra A (34%) e C (20%) e na faixa etária de 25 a 33 anos de idade (33%). Os dados são do site de publicidade das marcas da Editora Abril<sup>7</sup>.

---

<sup>7</sup> O site < <http://publicidade.abril.com.br> > apresenta tabelas de perfil de leitores, circulação geral e outras informações referentes às publicações da Editora Abril e tem como função servir de plataforma para a editora vender espaços publicitários.

A edição número um trazia como manchete “O grande duelo do mundo comunista” e uma capa com as cores vermelho, preto e branco, com a figura da foice-e-martelo – entrecruzados e significando respectivamente, o campesinato e o proletariado industrial -, símbolo do comunismo, sendo segurados cada um por uma mão, produzindo um sentido de disputa no interior desse tipo de regime político e econômico. As seções se dividiam em: Brasil, Internacional, Geral, Negócios e Artes & Espetáculos. As reportagens tratavam de temas que perpassavam política, economia, esportes, ciência, vida moderna, religião, cinema, teatro, televisão, dentre outros assuntos. Na época do lançamento da publicação, o Brasil vivia seu quarto ano de Ditadura Militar e era o período da história em que existia o 2º Mundo, formado por países, sobretudo, do Leste da Europa.

Desde então, são mais de 2000 edições trazendo temas como cotidiano da sociedade brasileira e mundial, política, economia, comportamento, meio ambiente, cultura, tecnologia e *religião*, este último assunto de interesse deste trabalho.

A revista apresenta edições sobre interesse geral e cultura das cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, respectivamente, Veja Rio e Veja São Paulo, além de publicações com outras capitais; Veja na Escola, que estimula professores a explorar assuntos da revista na sala de aula e edições especiais, como *O Guia do Pan* (Americano no Rio de Janeiro), edição de junho de 2007; *Perspectivas do século XXI*, de dezembro de 2000; na comemoração do aniversário da revista na edição *30 anos de Veja*, de outubro de 1998; *Jovens*, nas edições de setembro de 2001, julho de 2003 e junho de 2004 ou sobre a *Amazônia*, edição de dezembro de 1997.

Também foram publicadas seis edições extras, em 1973 [*Ernesto Geisel: futuro presidente* – sobre a eleição do quarto presidente do regime militar do Brasil], 1976 [*A Morte de JK* – sobre o falecimento do ex-presidente brasileiro Juscelino Kubitschek], 1992 [*Caiu!* –



sobre o *impeachment* do ex-presidente brasileiro Fernando Collor de Melo], 1994 [sobre a morte do piloto brasileiro de Fórmula 1 Ayrton Senna], 1994 [*É Tetra* – sobre a conquista da seleção brasileira do quarto título na Copa do Mundo de Futebol], 2002 [*É Penta!* – sobre a conquista da seleção brasileira do quinto título na Copa do Mundo de Futebol] e a primeira edição da revista, em 1978 [*O grande duelo no mundo comunista*], já citada anteriormente.

Veja possui ainda uma versão on-line, disponível no site <<http://vejaonline.abril.com.br/>>. Nesse site, é possível encontrar as matérias da versão impressa da edição vigente e de edições anteriores, além de recursos como galerias de fotos, vídeos, testes, infográficos, espécie de blog escrito por colunistas com diversas temáticas e matérias especiais.

Veja se insere no universo de revistas da Editora Abril, que conta com variados tipos de publicação voltados para os mais diversos tipos de público: revistas para adolescentes do sexo feminino [Capricho], para mulheres [Cláudia], pessoas interessadas em carros [Quatro Rodas], infantil [Recreio], pessoas interessadas em literatura e outras artes [Bravo!], dentre outros.

## **2.2. EVANGÉLICOS**

### **2.2.1 SURGIMENTO DAS DENOMINAÇÕES EVANGÉLICAS NO BRASIL**

Para conhecer e entender a história da religião evangélica no Brasil, é necessário pensar o surgimento da fé protestante na Europa e de que forma ela se expandiu e se

ramificou até os dias de hoje, onde se vê Igrejas Batista, Presbiteriana, Assembléia de Deus, Universal do Reino de Deus, Deus é Amor, dentre tantas outras. Da mesma forma, deve-se ressaltar que cada denominação apresenta distinções: tradicionais, renovadas e pentecostais, aspectos doutrinários responsáveis pela diversificadas formas de culto e adoração presentes no interior de uma mesma denominação.

A Reforma Protestante constitui-se um marco na História, principalmente no tocante à questão religiosa. O cisma com a Igreja Católica, até então fé exclusiva no Ocidente, deu origem a uma série de denominações: Anabatistas, surgidos no século XVI e que se expandiram pela Morávia<sup>8</sup>, Alemanha e Suíça, movimento marcado pela ênfase no batismo adulto por imersão (CAMPOS JR., 1995, p. 11), em oposição ao batismo realizado com crianças pela Igreja Católica.

Em outubro de 1517, Martinho Lutero, padre e professor de universidade, afixava na porta da Igreja do castelo de Wittenberg, na Alemanha, 95 teses contra as indulgências<sup>9</sup> impostas pelos líderes católicos na região, “(...) era o conjunto de uma reforma religiosa e de uma renovação espiritual que o monge saxão se aprestava a abordar” (PIERRARD, 1986, p. 171), era o início do luteranismo. As idéias de Lutero, bem como suas obras, foram bem recebidas pelos franceses, destacando-se o nome de João Calvino. Sua doutrina se baseia na exigência de que o cristão honre e sirva a Deus e sua teologia é ao mesmo tempo teocêntrica e social. Sua incessante pregação assegura a reforma na França, país onde o protestantismo reformado é chamado de calvinismo pelos católicos.

Na Inglaterra, surgiu o anglicanismo. O rei Henrique VIII desejava o rompimento de seu casamento com Catarina de Aragão, tia de Carlos V, mas não conseguiu que o Papa lhe

---

<sup>8</sup> Atualmente é a República Tcheca.

<sup>9</sup> “No catolicismo, remissão total ou parcial das penas temporais cabíveis para pecados cometidos, que a igreja concede depois de os mesmos terem sido perdoados” (HOUAISS, 2001).

desse permissão para o divórcio. Então, o parlamento foi pressionado pelo rei para que votasse a favor da subordinação da Igreja à coroa. Henrique VIII casa-se com Ana Bolena e é excomungado. O evangelismo ainda era próximo ao catolicismo, porém os bens da Igreja foram vendidos. No reinado de Eduardo VI, filho de Henrique VIII, há uma segunda reforma no sentido do calvinismo, em que foi suprimida a missa e autorizado o casamento entre pastores. Na Escócia, se desenvolveu uma Igreja reformadora presbiteriana, estritamente calvinista, republicana e sem bispos.

Citando novamente Luís Campos Jr. (1995, p. 12), foi na Morávia que o movimento anabatista se propagou com rapidez. As idéias dos morávios influenciaram John Wesley, fiel ao anglicanismo, mas fundador do metodismo na Inglaterra – que vem de “método” e se refere às constantes reuniões de estudos bíblicos com dia e hora previamente marcados. Em 24 de maio de 1774, Wesley teve a sua “experiência do coração aquecido” e mudou seu procedimento em relação à Igreja Anglicana, pregando fora dos templos e permitindo a participação de pregadores leigos, entre os quais um pedreiro, por exemplo. O metodismo possui estreita relação com o pentecostalismo, palavra que vem de Pentecostes, evento narrado na Bíblia como a “descida do Espírito Santo de Deus” aos apóstolos reunidos em Jerusalém.

E cumprindo-se o dia de Pentecostes, estavam todos concordemente no mesmo lugar. E de repente veio do céu um som, como de um vento veemente e impetuoso, e encheu toda a casa que estavam assentados. E foram vistas por eles línguas repartidas, como que de fogo, as quais pousaram sobre cada um deles. E todos foram cheios do Espírito Santo, e começaram a falar noutras línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem. (BÍBLIA, ATOS DOS APOSTOLOS, capítulo 2, versículos 1-4).

Esse trecho bíblico é um referencial do pentecostalismo, que tem como uma de suas características o “falar em outras línguas” ou “em línguas estranhas”; em reuniões religiosas, é considerado como prática comum e representa um sinal da presença do Espírito

Santo. Outro componente é a cura divina, demonstrando a ênfase na atuação sobrenatural desse tipo de segmento. Nos cultos, os dirigentes chamam à frente pessoas doentes para que sejam realizadas orações. Há também espaço para pessoas narrarem orações atendidas (testemunhos) e também “revelações”<sup>10</sup>, profecias e visões. Há as vigílias, que são reuniões de oração, em que há também canto e manifestações através de vozes e de gestos – alguns caem, outros se deitam, significando que estão “cheios do Espírito Santo”. “Dons” presentes no pentecostalismo: línguas, cura, fé, profecias, interpretação de línguas, discernimento de espírito, operação de milagres, sabedoria e ciência. O batismo é feito por imersão e também há a prática de “exorcismos”: quaisquer males são tratados como ação de espíritos malignos: vícios, doenças, conflitos, dentre outros.

Segundo Liberal (2004, p. 1), “No Brasil, a Igreja Evangélica Brasileira data da segunda metade do século XIX, porém as idéias protestantes remontam o início da colonização”. Um comandante da expedição francesa radicada no Rio de Janeiro pediu a Calvino que enviasse, de Genebra, “crentes reformados” em 1555. O primeiro culto evangélico no Brasil foi celebrado em 1557, também no Rio de Janeiro. No Nordeste, entre os anos de 1630-34, a fim de implantar o protestantismo no país, Maurício de Nassau trouxe a Igreja Reformada, através de pastores, tentativa que não vingou por conta da retirada dos holandeses em 1654.

A expansão da fé evangélica se estabeleceu a partir da imigração de europeus, na segunda metade do século XIX. Idéias evangélicas foram disseminadas no sul do país por imigrantes alemães, muitos adeptos ao luteranismo.

---

<sup>10</sup> O pregador durante o culto faz uma afirmação, como por exemplo, “O Espírito de Deus está me revelando que tem alguém aqui com dor de ouvido”. Se alguma pessoa levanta a mão, ele pede aos fies que batam “palmas para Jesus” pelo milagre operado. A revelação se torna então uma demonstração de que o líder é o interlocutor entre os fiéis e Deus, conforme Campos Jr., 1995, p.70.

Destacam-se religiosos provenientes dos Estados Unidos: James Cooley Fletcher fundou a primeira escola dominical do Brasil e viajou pelo país realizando distribuição de Bíblias. A obra “O Brasil e os Brasileiros”, escrita por ele, influenciou Robert Reid Kalley, médico e missionário que chegou aqui em 1885, fundador da Igreja Evangélica Fluminense e primeiro missionário a utilizar a língua portuguesa em seus sermões, divulgando o evangelho. O mais famoso hinário evangélico brasileiro, “Salmos e Hinos”, foi escrito por ele e sua esposa Sarah Poulton, segundo Mendonça (1995) *apud* Liberal (2004, p. 2).

Cita-se também o americano Ashbel G. Simonton, que esteve à frente da Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro, no período de 1862-67. Simonton chegou ao Brasil em 1859 com a Missão do Brasil (*Brazil Mission*), da Igreja do Norte (PUCSA) da Junta de Nova York. Outra missão, sem nome definido, chegou por aqui dez anos depois, proveniente da Igreja do Sul (PCUS) do Comitê de Nashville. Os missionários batistas Richard Ratcliff e William Buck Bagby radicaram-se em Santa Bárbara do Oeste, São Paulo, por volta de 1871, onde havia uma comunidade de imigrantes vindos dos Estados Unidos. Bagby e sua esposa Anne Luther foram os responsáveis pela organização da Primeira Igreja Batista do Brasil, em 15 de outubro de 1882, juntamente com outro casal de missionários Zacharias Clay Taylor e Kate Stevens Crawford Taylor, auxiliados pelo ex-padre Antônio Teixeira de Albuquerque. Enviados pela *American Church Missionary*, os episcopais Lucien Kinsolving e James Watson Morris chegaram ao Brasil em 1889, radicando-se em Porto Alegre. Em 1897, já havia 150 fiéis e, em 1899, foi sagrado o primeiro Bispo da Igreja Episcopal do Brasil.

### 2.2.2 A EXPANSÃO NO BRASIL

No século XX, a fé evangélica apresentou amplo crescimento, expandindo-se em número de denominações, templos e seguidores. O Brasil, até então país predominantemente católico, estava se tornando, a cada década, mais evangélico.

A Congregação Cristã no Brasil foi fundada pelo italiano Luigi Francescon em 1910, em São Paulo. Através de suas atividades proselitistas, Francescon atraiu presbiterianos, metodistas, batistas e católicos. A Igreja cresceu rapidamente nos estados do Sul do país, atingindo colônias de imigrantes italianos. No culto dessa denominação, o ancião é o dirigente-mor – e não o pastor como em outras igrejas evangélicas – e abre-se espaço para que aquele que se sente “inspirado” pelo Espírito Santo realize a pregação, conforme Campos Jr., 1995, p. 29. A espontaneidade é a principal marca dos cultos, mas a Congregação segue somente a Bíblia e não é permitida a utilização de instrumentos de música como baterias, guitarras, violões e pandeiros. Sendo pentecostal, há uma preocupação com o chamado “batismo no Espírito Santo”.

A vinda de dois missionários suecos – Daniel Berg e Gunnar Vingren – em 1911 – que se radicaram no Pará, proporcionou a fundação da Assembléia de Deus em terras brasileiras. O primeiro nome dado a esse movimento aqui foi Missão da Fé Apostólica, com o atual nome adotado em 1918, que se iniciou no Norte, passou pelo Nordeste e atingindo, posteriormente, o Sul do país, segundo descreve Campos Jr., 1995, p. 30. Somente a partir da década de 50, um pastor brasileiro passou a dirigir as Assembléias de Deus; até então isso havia sido feito por suecos. As principais características são a doutrina do batismo no Espírito Santo, no interior dos templos os homens ficam separados das mulheres, mas há participação de bandas nas quais é permitido o ingresso de ambos os sexos (CAMPOS JR., 1995, p. 32). A

doutrina dessa denominação no Brasil assume postura mais radical do que nos Estados Unidos, onde se é permitido o uso de cosméticos e roupas “da moda”.

A Congregação Cristã e a Assembléia de Deus representaram, durante vários anos, ícones do pentecostalismo no Brasil. Dissidentes dessas igrejas criaram, na década de 40, ministérios independentes, dando origem às Igrejas Brasil Para Cristo e Deus é Amor.

A Igreja Pentecostal O Brasil Para Cristo (IPBC), ao contrário de outras organizações religiosas provenientes do exterior, surgiu a partir da iniciativa de um líder brasileiro em 1956. Manoel de Melo, pernambucano, foi evangelista da Assembléia de Deus e freqüentou a Igreja do Evangelho Quadrangular antes de iniciar seu trabalho de proselitismo utilizando-se do rádio. As pregações e ações da IPBC, de acordo com Campos Jr., 1995, p. 40, abordam problemas sociais, aspecto que a difere dos outros segmentos pentecostais.

Em 1961, foi fundada a Igreja Pentecostal Deus é Amor (IPDA) por David Martins Miranda, que havia pertencido à Igreja Brasil Para Cristo. Miranda alugava salões em São Paulo para realizar suas pregações, que atingiam parcelas mais pobres da população paulistana. A mensagem também era veiculada pelo rádio, mensagem essa cuja base eram profecias, milagres e conselhos e sessões de exorcismo. Graças à aquisição de rádios, a IPDA alcançou capitais de países como Argentina, Paraguai, Uruguai e Peru.

Outra denominação de cunho pentecostal é a Igreja do Evangelho Quadrangular, que chegou ao Brasil em 1951, sete anos após a morte de sua fundadora nos Estados Unidos, Aimeé Simple McPherson. A ênfase dessa denominação é o batismo do Espírito Santo e a cura divina, com pregações realizadas em tendas de lona, tentativa de se aproximar da população, segundo Campos Jr., 1995, p. 36. Após o uso de tendas, passou-se a construir templos de diferentes aspectos arquitetônicos. Além disso, houve maior oportunidade para

que as mulheres pregassem. A doutrina básica baseia-se em quatro características da pessoa de Jesus Cristo: Médico, Rei, Batizador e “que em breve voltará”.

Uma denominação destaca-se pelos aspectos pentecostais, amplo crescimento e utilização da televisão para propagar suas doutrinas: é a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD). Essa igreja surgiu quando um ex-funcionário público da Casa de Loterias do Rio de Janeiro, Edir Macedo, resolveu sair da Igreja Pentecostal Nova Vida e fundar um movimento, em que pudesse colocar em prática suas concepções acerca de alguns aspectos da doutrina evangélica.

O primeiro local encontrado para as reuniões da IURD, de acordo com Campos Jr., 1995, p. 53,55, foi uma funerária, em 1977, que anos mais tarde se transformou em um grande império, com templos grandiosos, milhares de fiéis, empresas de comunicação, entre outros. Em 1985, já estava presente em todas as capitais brasileiras. Todo o tipo de acomodações foram usadas para abrigar cultos, até mesmo cinemas. Atinge as classes média e média alta, e chega às camadas mais populares, conforme Campos Jr, 1995, p.55. Utilização do rádio e da televisão para pregações. Os cultos televisionados destacam-se, principalmente, pelos exorcismos, nas chamadas “sessões do descarrego”. A aquisição de uma rede emissora de TV, a Rede Record, possibilitou ampliar o uso do meio televisivo, colocando à disposição da igreja um espaço maior para exibir seus programas religiosos. Em 17 anos, a IURD alcançou os mais de um milhão de fiéis e uma de suas características são as catedrais, templos imensos presentes em capitais do país.

Outra denominação a ser mencionada é a Igreja Internacional da Graça de Deus, fundada pelo cunhado de Edir Macedo, Romildo R. Soares, que havia ajudado-o a fundar a IURD. Por dissidências, separaram-se e Soares seguiu seu empreendimento sozinho.



Atualmente, o líder dessa igreja é conhecido hoje por missionário R.R. Soares, cujos cultos são transmitidos pela televisão na Rede Bandeirantes, em horário nobre.

A Igreja Apostólica Renascer em Cristo também se destaca pelo uso da mídia, com a Rede Gospel de Televisão, gravadora Gospel Records, rádio Gospel FM, estabelecimento de ensino privado (o Esar) e fundação de assistência social (a Fundação Renascer). Fundada em 1986, a Renascer teve um início modesto: um grupo de oração na casa do fundador, Estevam Hernandes, que cresceu e se transferiu para uma pizzaria e hoje é um império de comunicação, tem mais de 1000 templos espalhados pelo Brasil e fora do país, para atender aproximadamente dois milhões de fiéis. A Renascer também é conhecida por escândalos envolvendo seus líderes, E. Hernandes e sua esposa, Sônia Hernandes, acusados de evasão de divisas para os Estados Unidos.

### 2.2.3 PANORAMA ATUAL

“O país mais católico do mundo está ficando cada vez mais evangélico”<sup>11</sup>. A frase aponta para um fenômeno que mudou a faceta religiosa do Brasil: o crescimento vertiginoso no número de evangélicos nas duas últimas décadas. Em uma edição da revista *Veja*<sup>12</sup> de 1997, foram divulgados os números: oito milhões de brasileiros se convertem pacificamente às mais de 100 denominações evangélicas existentes no país, entre as décadas de 80 e 90,

---

<sup>11</sup> A frase foi extraída da *Veja* edição nº 1758, de 3 de julho de 2002 com a seguinte manchete de capa: *A nação evangélica - O maior país católico do mundo está ficando cada vez mais evangélico. E isso começa a mudar muita coisa no Brasil* e com o título de reportagem de capa: *A força do Senhor – O crescimento da fé evangélica está mudando o Brasil dos esportes à política, das favelas aos bairros chiques, dos presídios à televisão.*

<sup>12</sup> A edição da *Veja* que contabiliza o crescimento do número de evangélicos do Brasil é a de número 1502, de 2 de julho de 1997, com a manchete de capa: *Evangélicos - Como a religião está ajudando pessoas humildes a conquistar o reino da terra* e com o título de reportagem de capa: *Soldados da fé e da prosperidade – As igrejas evangélicas crescem com a promessa do paraíso na terra.*

registrando aumento de 100%, enquanto que a população brasileira cresceu 31% no mesmo período. Outros dados dessa mesma revista mostram 10% de participação dos evangélicos na população em 1996 contra 6,7% em 1980.

Uma edição mais antiga da *Veja*, de 1990<sup>13</sup>, apresenta o avanço da fé evangélica em 40 anos: 1,7 milhões de seguidores (1950); 2,8 milhões (1960); 4,8 milhões (1970) e cerca de 16 milhões (1990), dados obtidos com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e com a estimativa dos anos 90 feita pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), entidade da Igreja Católica.

Entre os anos de 1990 e 2000, o acréscimo no número de evangélicos foi da ordem de 93%, enquanto que o crescimento populacional foi de 16% na mesma década. Entre 2000 e 2004, a porcentagem era de 35% a mais de seguidores da fé evangélica contra 6% a mais de brasileiros<sup>14</sup>.

Na religião evangélica, há uma grande variedade de denominações que surgiram ao longo dos anos: as supracitadas Batista, Presbiteriana, Metodista, Apostólica Renascer em Cristo, pentecostais, como Universal do Reino de Deus, Internacional da Graça, Congregação Cristã no Brasil, Assembléia de Deus, O Brasil para Cristo, Evangelho Quadrangular, dentre outras, oriundas da reforma protestante ou de divergências entre membros de um mesmo segmento.

Algumas com apelo à juventude, como a recente Bola de Neve Church, cuja maioria dos adeptos são jovens e surfistas e outras mais tradicionais, como Deus é Amor, em

---

<sup>13</sup> A edição é a de nº. 1130, de 16 maio de 1990, com a manchete de capa: *Guerra Santa - Com quarenta estações de rádio, quatro emissoras de televisão e 16 milhões de adeptos, a fé evangélica explode no país e assusta a Igreja Católica* e título de reportagem de capa: *A fé que move multidões avança no país – as seitas evangélicas multiplicam os fiéis e armam seu lance mais ousado: a conquista da televisão e do rádio.*

<sup>14</sup> Esses dados estão disponíveis na seção Em profundidade – Evangélicos, do site *Veja On line* <<http://veja.abril.com.br/idade/exclusivo/evangelicos/index.html>>. A página da internet conta com imagens de dez capas da revista *Veja* relacionadas á religião evangélica, além de reportagens, galeria de fotos, infográficos, entrevistas, artigos de colonistas da revista sobre o tema.

que homens e mulheres sentam-se separados. Essas e outras particularidades tornam a fé evangélica diversa no quesito doutrinário, tornando a adoração à mesma divindade o único elo entre elas.

### 2.3 VEJA E EVANGÉLICOS

Sendo a Veja uma revista semanal de informação, diversos assuntos já foram estampados e narrados em suas páginas, seja em capas e reportagens principais ou em outras sessões de cada edição. A temática *religião* esteve presente em vários momentos da história da revista, com alguns segmentos tendo destaque maior.

O surgimento e expansão da Internet proporcionaram uma nova possibilidade de difusão de informações. As empresas de comunicação que antes utilizavam outros veículos como rádio, televisão, jornal, passaram a utilizar-se da web não como substituta dos outros meios, mas como complemento deles.

Com a Veja não foi diferente. Além de disponibilizar o conteúdo de edições anteriores e da mais recente, o site Veja Online<sup>15</sup> conta com um acervo de imagens, reportagens especiais, infográficos, vídeos, áudios e matérias especiais. A versão online funciona tanto como um atrativo para a compra da versão impressa como um complemento dessa.

A Veja dispõe, em uma das suas seções on-line, o especial Em Profundidade, dividido nas temáticas: Brasil, Internacional, Tecnologia, Saúde, Esportes, Economia, Religião e Ciência. Cada uma delas apresenta sub-temáticas relacionadas.

---

<sup>15</sup> <http://vejaonline.abril.com.br>

O que interessa aqui é a seção sobre Religião, cujos sub-tópicos são: Papa Bento XVI, Evangélicos, Catolicismo, Islamismo e João Paulo II. Na seção sobre evangélicos, são selecionadas as principais reportagens a respeito do assunto, incluindo reportagens de capas sobre o tema, oito imagens de capas da revista que falam sobre esse segmento religioso, duas imagens de capas sobre a Igreja Católica (a reação dela ao crescimento do número de evangélicos no Brasil), entrevistas, artigos de opinião, infográficos, números e dados das principais igrejas e informações sobre a trajetória da Igreja Universal do Reino de Deus e expansão dos neopentecostais.

Através dessa seção online, o leitor pode descobrir quais foram as principais reportagens de Veja sobre evangélicos, pelo menos até a edição de 12 de julho de 2006, data da última capa selecionada pela revista presente no conteúdo especial para internet.

As dez capas de revistas disponíveis no especial sobre evangélicos contêm as seguintes manchetes (por ordem cronológica):

**1. *Pentecostais: O milagre da multiplicação* – Edição 683, de 07/10/81. (VEJA, 1981)**

Relato sobre o alagoano Manoel Raulino do Nascimento, de 46 anos, que deixou o cigarro e a bebida após ouvir o missionário Manoel de Mello, fundador da Igreja Pentecostal O Brasil para Cristo. Através dessa história, essa edição da revista Veja começa aquela que é a primeira reportagem de capa da revista sobre evangélicos.

A matéria é intitulada *O avanço dos crentes* e com o subtítulo *Sob a luz do Espírito Santo e com um código que proíbe o fumo e a bebida, o pentecostalismo já converteu 8,5 milhões de brasileiros*. Autor: J. A. Dias Lopes.

Então, há explicação sobre o termo pentecostalismo, já elucidado anteriormente neste trabalho, além de restrições oriundas da conversão, como não poder dançar, não ir ao

teatro, não frequentar sessões de cinema, nem usar roupa de banho. Fala-se também sobre a leitura quase exclusiva de livros religiosos, rezar<sup>16</sup> duas vezes ao dia, pelo menos; e entregar o dízimo à igreja, que corresponde aos 10% de seus rendimentos mensais.

A edição mostra ainda que o número de pentecostais tem aumentado e conta sobre o início do protestantismo no Brasil, a partir de datas e números de fiéis. Há também uma diferenciação dos pentecostais em relação aos outros protestantes. A partir de levantamentos, são informados dados como porcentagem de pentecostais e o perfil religioso de cada grupo: porcentagem de ex-católicos, umbandistas, batistas, sem religião anterior, espíritas. Também se afirma que empregadas domésticas crentes apresentam melhor conduta do que aquelas que não são. As igrejas são frequentadas ainda por médicos, advogados, funcionários públicos, graduados, engenheiros, diz a revista, mostrando que pessoas da classe média também fazem parte desse segmento.

Fala-se também na hierarquia na igreja, onde o pastor figura como líder, acima de presbíteros, diáconos e auxiliares. Línguas estranhas são faladas nos cultos e há manifestações como fiéis que se jogam no chão, incorporam e desincorporam demônios e, segundo a Veja, contracenam curas milagrosas.

Há descrição do tipo de vestimenta – homens de paletó e gravata e mulheres sem pintura e com vestidos fora de moda – e a atuação deles em praças e presídios na evangelização. Os ciganos são citados como prioridade na “catequese”<sup>17</sup> pentecostal. O rádio é utilizado para disseminar as pregações. A doutrina “cura pela fé” é citada, assim como os “testemunhos”. Fala-se ainda sobre a reação da Igreja Católica frente à expansão do

---

<sup>16</sup> Termo inerente à religião católica. Na evangélica, o termo utilizado é “orar”.

<sup>17</sup> Outro termo utilizado pela igreja católica e que a revista utilizou para falar sobre a evangelização promovida pelos evangélicos.

pentecostalismo, apresentando hipóteses sobre o crescimento de pentecostais e diminuição do número de católicos.

Dois boxes: um sobre a Igreja Pentecostal O Brasil para Cristo (que na revista é chamada de seita) e seu líder e outro sobre a fé pentecostal em Trindade, um vilarejo de pescadores, onde os costumes são bastante rígidos, diz a revista.

**2. Guerra Santa – com quarenta estações de rádio, quatro emissoras de televisão e 16 milhões de adeptos, a fé evangélica explode no país e assusta a igreja católica – Edição 1130, de 16/05/90 (VEJA, 1990).**

A segunda reportagem de capa da Veja sobre evangélicos tem como *título A fé que move multidões avança no país* e o subtítulo é *As seitas evangélicas multiplicam os fiéis e armam seu lance mais ousado: a conquista da televisão e do rádio*. Autor: não especificado – nessa reportagem, diferentemente das outras aqui apresentadas não há assinatura do autor(es) do texto.

A matéria adjetiva como “explosivo” o crescimento do número de evangélicos no país e afirma que essa expansão assusta um pouco a Igreja Católica. Segundo a revista, são 16 milhões, cuja maioria é de “descamisados colocados à margem da modernidade e do progresso” e “rezam pela cartilha de igrejas barulhentas”. Todos os anos, seiscentas mil pessoas migram do catolicismo para a fé evangélica, “migração febril” como é caracterizada na reportagem. O fenômeno atinge também a América Latina e preocupa o Papa.

Há também a diferenciação entre o discurso dos teólogos da libertação, da Igreja Católica, que estimula o engajamento político e o discurso dos evangélicos, e das Igrejas Evangélicas, cuja mensagem é mais simples e fala sobre a possibilidade de ter uma vida terrena melhor.

Afirma-se também que há pouca semelhança entre os pregadores pentecostais e os pioneiros da evangelização (batistas, metodistas, luteranos, anglicanos), conhecidos como protestantes históricos. Há 50 anos antes da edição da revista, os pentecostais representavam 9,5% dos protestantes e na época da edição, já eram 80%.

Conta-se resumidamente a história da fundação da Igreja Universal do Reino de Deus e seu líder, Edir Macedo. Também se fala sobre eventos evangélicos que atraíram multidões. O dízimo é citado, como no exemplo da Igreja Assembléia de Deus: há uma lista visível com nome e endereço dos inadimplentes.

Os pastores latinos são citados como tendo dom do ilusionismo coletivo. O deslocamento de pessoas da zona rural para os centros urbanos, aliado à rede de proteção promovida pelas igrejas evangélicas é caracterizado como fatores para o crescimento no número de crentes. A prosperidade financeira das igrejas é apontada como terreno fértil para a proliferação de líderes evangélicos charlatões e alvo de processos criminais.

Dados do Instituto de Estudos da Religião (Iser) – entidade que faz pesquisas sobre religião e que foi utilizada como fonte pela revista Veja – mostram que mais de 80% dos crentes ganham entre um e dois salários mínimos e que a maioria saiu do campo para viver na cidade. Conta-se a história de um baiano que foi para Curitiba e que depois de se envolver com bebidas e psicotrópicos, chegou a tentar suicídio, mas recuperou-se em uma entidade evangélica de tratamento.

Além disso, a revista faz uma separação entre as igrejas pentecostais com amadurecimento e seriedade e outras com “culto do absurdo”, segundo ela. As que estão preocupadas com a formação do seu corpo religioso, segundo a reportagem: Assembléia de Deus, Congregação Cristã no Brasil e a Igreja do Evangelho Quadrangular. Fala-se ainda

sobre a reação da Igreja Católica frente ao avanço dos evangélicos e do Movimento de Renovação Carismática.

Os boxes são sobre *A multiplicação dos evangélicos*, de 1950 a 1990, década a década e dados do IBGE e estimativa da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), da Igreja Católica; sobre *Os novos missionários eletrônicos*: Edir Macedo (Igreja Universal), Nilson do Amaral Fanini (Igreja Batista) e pastor Silas Malafaia (Igreja Assembléia de Deus); *Os caminhos da fé*, uma espécie de árvore genealógica sobre o surgimento das religiões protestantes; *O poder da fé e do dinheiro*, sobre católicos, protestantes, pentecostais tradicionais e recentes e testemunhas de Jeová, um quadro que mostra a visão de cada um deles sobre fé e dinheiro; *Cristo versus Cristo*, sobre divisão entre igrejas.

**3. *A decadência do Catolicismo no Brasil – Depois de se distanciar dos pobres, a Igreja Católica está perdendo a classe média – Edição 1214, de 25/12/91 (VEJA, 1991).***

Título: *Fé em desencanto*. Subtítulo: *O êxodo dos católicos de classe média sangra uma Igreja já enfraquecida pelo assédio das seitas evangélicas sobre os pobres*.

Autor: Eurípedes Alcântara.

Apesar de se enquadrar nas capas de reportagens da revista Veja sobre evangélicos, essa edição fala sobre a redução no número de católicos no Brasil, apontando o avanço dos evangélicos como um dos principais motivos. O catolicismo é encarado como a “base espiritual sobre cuja estrutura foi erguida a sociedade brasileira”.

Constata-se que os templos das igrejas católicas enchem apenas em datas especiais, como a missão de Natal. Dados do Instituto brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), fonte utilizada pela revista Veja, mostram que dez anos antes da publicação da



edição, nove em cada dez brasileiros se diziam católicos, sendo que o número caiu para oito entre dez. Uma pesquisa constatou que poucos dos que se dizem católicos freqüentam regularmente as missas e que muitos deles também recorrem a cartomantes, tarólogos, sessões espíritas e candomblé, coisas que a ortodoxia católica consideraria pecado mortal.

Outra constatação foi que os padres católicos perderam o poder de convencimento. 65% dos evangélicos e dos adeptos do espiritismo já foram católicos, mas apenas 8% dos católicos já foram evangélicos, judeus ou espíritas convertidos. Outros dados mostram o esvaziamento da Igreja Católica, inclusive porque os fiéis têm ido menos às missas do que há alguns anos antes.

A recepção fria dada ao papa João Paulo II preocupou bispos e os estimulou a reagir. Bispos e padres de esquerda põem a culpa da diminuição de católicos em conservadores; esses afirmam que marxismo e cristianismo (Teologia da Libertação) enfraquecem a igreja.

Afirma-se que a ala conservadora da igreja precisava de mais generosidade com os dissidentes influenciados por idéias de esquerda, como exemplo, Leonardo Boff, que foi punido pela Santa Sé. Discussões repetitivas e temas polêmicos como a proibição de contraceptivos fizeram com que alguns rompessem com a igreja.

A Igreja Católica é estimulada a reagir, mas talvez os dados não sejam tão preocupantes, porque, segundo um reverendo da Igreja Presbiteriana, mesmo em seus dias de glória, os católicos praticantes sempre estiveram na faixa dos 10%. Contudo, há mais católicos no mundo do que protestantes, hindus, budistas ou mulçumanos; o catolicismo exerceu grande força e influência na história mundial. Na obra de Gilberto Freyre, Casa Grande e Senzala, livro citado pela revista Veja, o catolicismo e o brasileiro são praticamente inseparáveis.

Aspectos históricos da Igreja Católica no Brasil, grandes pensadores católicos e a exaltação da religiosidade são outros pontos abordados na matéria. Um box, *A escassez das orações*, mostra a redução do número de católicos. Outro, *O comportamento pela lei das religiões cristãs* apresenta as concepções sobre bebê de proveta, sexo antes do casamento, planejamento familiar e divórcio sob o ponto de vista do: catolicismo, evangélicos, espiritismo e testemunhas de Jeová.

**4. A igreja que assusta – o bispo Edir Macedo já tem mais de 3 milhões de seguidores – Edição 1415, de 25/10/95 (VEJA, 1995a).**

O título da reportagem: *Com fé, dinheiro e fiéis*. Subtítulo: *A Igreja Universal, a que mais cresce no Brasil, já tem força para provocar a maioria católica*. Autor: não especificado.

A matéria começa com o relato da revolta de um homem enquanto assiste, pela TV, um bispo Von Helder da Igreja Universal do Reino de Deus chutar a imagem de Nossa Senhora Aparecida. O homem, Murilo Valois, de 36 anos, acabou invadindo um templo da Igreja Universal e quebrou púlpito, mesa, vaso de flores e equipamento de som. Outro homem, ao ver a cena do bispo também pela televisão, invadiu um templo da Universal, jogou sal nas vidraças e, mesmo armado, não disparou nenhum tiro.

Fala-se sobre a revolta dos católicos em relação à agressão da imagem e os protestos contra “o maior fenômeno religioso da atualidade”, isto é, o crescimento no número de evangélicos. Outros relatos são resumidamente descritos, mas dizem respeito à reação dos católicos frente à atitude do bispo evangélico. Há também a descrição de como foi que o bispo bateu na imagem, que segundo ele, é apenas um pedaço de gesso.

A revista também fala sobre a disputa entre a Igreja Universal (dona da Rede Record) e a Rede Globo de televisão: enquanto essa transmite várias vezes a cena do bispo chutando a imagem, a Universal já havia entrado com processo contra a Globo, por causa da minissérie *Decadência*<sup>18</sup>, por ter abusado da imagem de Edir Macedo, líder daquela igreja.

A atitude do bispo é enquadrada como crime previsto no Código Penal, conforme afirma a revista. Cita-se que a Igreja Universal despreza outras religiões e agride seus respectivos símbolos. E também fala-se sobre o espantoso crescimento dessa denominação, contando, resumidamente, a história de sua fundação, o império de comunicações, utilizado para suas pregações.

Fala-se também sobre a estrutura da Igreja Universal, o tipo de vestimenta utilizado pelos fiéis, como ela é mais atrativa do que a Igreja Católica, o que acontece nos cultos e questões doutrinárias, ligadas ao espiritual, afirmando que o núcleo da pregação da Universal é a “guerra entre Deus e o diabo”.

Em relação à Igreja Universal, cita-se ainda que seus líderes são ligados à cultura do medievalismo, que ela ataca outras religiões, tem gosto pelo dinheiro, e promete oferecimento de saúde, prosperidade material e felicidade imediata aos pobres e o acolhimento a pessoas marginalizadas na sociedade.

Uma matéria secundária, cujo título é *Ele é um milagre* e o subtítulo é *Empresário nato e pregador vibrante, Edir Macedo veio do nada para arrastar milhões*, é uma resumida biografia sobre o líder da Igreja Universal, falando sobre sua família, sua trajetória e seu estilo de pregação. Boxes sobre a estrutura da Igreja Universal, relatos de pessoas convertidas,

---

<sup>18</sup> A minissérie mostrava um pastor de igreja evangélica, interpretado pelo ator Edson Celulari, que durante as pregações na ficção, chegou a citar frases ditas pelo bispo Edir Macedo.

católicos que protestaram contra o chute do bispo à imagem, informações sobre Von Helder e infográfico sobre as origens da Universal fazem parte da edição.

**5. [Exclusivo] Edir Macedo ataca:**

**- A igreja católica tem interesse na miséria**

**- A Globo é a encarnação do diabo**

**- A campanha de Betinho é uma farsa**

**- Sexo é para ter prazer – Edição 1421, de 06/12/95 (VEJA, 1995b).**

A mais polêmica das reportagens de capa da Veja sobre evangélicos traz uma entrevista com Edir Macedo, líder da Igreja Universal do Reino de Deus. São duas matérias. A primeira tem título: *Fanático e muito rico* e subtítulo: *Morando nos Estados Unidos há nove anos, Edir Macedo caça fiéis com uma boa oratória, muito senso teatral e um discurso no limite da paranóia*. Autor: Morris Kachani.

A abertura da primeira conta com uma declaração forte: “Foi um prazer tão grande que é até indescritível. Muito mais gostoso do que o gozo de um homem com uma mulher”, disse Macedo à reportagem, referindo-se à sua experiência de encontrar Deus. Conta-se então sobre a Igreja Universal, o ano de sua fundação, o número de adeptos, templos e de países que foram alcançados pela Universal.

Fala-se sobre o estilo de vida do Edir Macedo, que é bispo, roupas que costuma vestir, salário, família (mulher e filhos), cita-se o bispo Von Helde que chutou a imagem da santa católica e que estava visitando Macedo na ocasião da entrevista. Também narra um pouco de sua vida nos Estados Unidos, seus gestos durante as pregações em mínimos detalhes. A esposa define-o como pessoa impaciente e insistente. Também se diz que a

riqueza ostentada pelo bispo é o oposto de sua infância difícil, com um pai com “mão de ferro”. Para Macedo, criticar a Igreja Católica é natural, pois, segundo ele, todas as seitas e religiões só conseguem prosperar competindo com crenças já existentes.

A segunda matéria, que é a entrevista propriamente dita, tem como título “*Sou estrume do cavalo do bandido*” e subtítulo *O fundador da Universal diz que tem vaga reservada no Reino de Deus, mas reconhece que não é nenhum santo*. Edir Macedo faz duras críticas à Igreja Católica, à Rede Globo, à campanha de Betinho, a Paulo Coelho e responde à questões envolvendo AIDS, vícios, aborto, demônio, o bispo Von Helde que chutou a imagem da santa católica, dentre outros assuntos considerados polêmicos no quesito religião.

**6. Evangélicos – Como a religião está ajudando pessoas humildes a conquistar o reino da terra – Edição 1502, de 02/07/97 (VEJA, 1997).**

Título: *Soldados da fé e da prosperidade*. Subtítulo: *As igrejas crescem com a promessa do paraíso na terra*. Essa é a sexta edição, cronologicamente falando, de reportagem de capa da revista Veja sobre evangélicos. Autores: Andréa Barros e Laura Capriglione.

A revista começa falando do interesse de sociólogos e estudiosos em entender a conversão de 8 milhões de brasileiros às mais de cem denominações evangélicas. O maior país católico se tornou o terceiro maior do mundo em número de protestantes, diz esta edição da revista Veja.

Rede de solidariedade sólida para ajudar pessoas com algum tipo de dificuldade, desde problemas com alcoolismo até o desemprego e leitura cotidiana da Bíblia ajudando na alfabetização e educação são apontados como benefícios prestados pelas igrejas evangélicas. Indo mais a fundo no quesito educação, a Igreja Batista, por exemplo, mantém dezenas de

escolas de 1º e 2º graus. Editoras evangélicas publicam muitos livros, revistas, bíblias e jornais também.

A maior igreja evangélica na época, a Assembléia de Deus, contava com 2,9 milhões de fiéis no Brasil, conduzida por um líder que é bacharel em direito e cujo um pouco de sua vida é contada, inclusive, com o fato de ele ter recebido os ex-presidentes José Sarney, Fernando Collor de Mello e Fernando Henrique Cardoso.

Mesmo empenhados contra o Movimento dos Sem-Terra (MST), assembleianos realizam cultos em favor da reforma agrária. A expansão tem se estendido às periferias, ermos rurais, bairros em formação, favelas em morros. A impressão que fica, segundo a revista, é de que estão em todos os lugares. Um padre fala sobre o grande número de templos evangélicos em torno de sua paróquia e de nomes complicados, como Igreja Assembléia de Deus no Trabalho de Cura Divina, Prodígio e Libertação, por exemplo.

Fala-se sobre a diferença entre as doutrinas católica e evangélica, e como a dessa facilita o surgimento de novas igrejas. Além disso, remete-se à história do protestantismo para explicar um pouco dos preceitos da fé evangélica. Os princípios permaneceram, mas os invólucros mudaram, como a pregação do hedonismo. Citam-se os líderes da Renascer em Cristo, Estevam Hernandes e sua esposa, Sônia, conhecida como “perua de Deus”, por conta de seu exibicionismo nos cultos.

Na periferia, as igrejas evangélicas são uma opção contra as drogas, diz pesquisa do Instituto de Estudos da Religião (Iser), mas por que as igrejas se renovaram: música funk, rap, dança, biquíni e sunga. Levou igrejas tradicionais a mudarem, como a Assembléia de Deus. A prova da bênção divina: dinheiro, saúde e felicidade. A questão do dízimo é relatada como repugnante para outras igrejas. E por fim, a constatação: seiscentos mil católicos se convertem à fé evangélica por ano.

**7 A ressurreição da fé – Como os católicos carismáticos reagem ao avanço dos evangélicos – Edição 1541 de 08/04/98 (VEJA, 1998a).**

*Católicos em transe* é o título. *Ricos, pobres, elegantes e desvalidos lotam as missas da Renovação Carismática e mudam a cara da Igreja* é o subtítulo. A matéria, destacada na seção sobre evangélicos no site da Veja, fala sobre a Renovação Carismática Católica, estratégia para conter a redução no número de fiéis e fazer frente ao avanço dos evangélicos no Brasil. Autores: Thaís Oyama e Samarone Lima.

Choro, rezar alto bater de palmas, cantos a plenos pulmões são manifestações que adentraram as missas católicas, lembrando culto de igreja evangélica, mas os fiéis católicos são diferentes dos da Igreja Universal, por exemplo: têm poder aquisitivo muito maior. A Renovação Carismática reconquista a elite brasileira.

A elite brasileira foi atraída pelo discurso da Renovação. Para a revista, o mistério é entender como pessoas tão ricas podem se render à fé. Inclusive, a Renovação liga-se ao materialismo, condenado pela Teologia da Libertação, dos esquerdistas católicos.

O movimento conta com 8 milhões de seguidores, alguns deles também de classes baixas e é reconhecida pela Conferência Nacional de Bispos do Brasil (CNBB). O padre Marcelo Rossi, ex-professor de Educação Física, é um dos expoentes desse fenômeno, com “performance eletrizante e suas missas ao som de guitarra”. A Renovação Carismática tem feito algo sonhado pelos evangélicos: trazer os ricos de volta à igreja; padres da Renovação falam em bem-estar e prosperidade.

Enquanto as preces entre os ricos são contra as falências, a dos pobres é por emprego de carteira assinada. Grupos de oração são a base do movimento, onde há reza do terço e leitura bíblica. Missas são realizadas até mesmo em butiques de alto luxo.

Outro padre que tem o perfil de Rossi é o padre Zeca, surfista, que faz sucesso entre os jovens com a linguagem de DJ “Deus é dez”. Ambos ainda não eram, na época da edição, aceitos por toda a Igreja Católica. Porém, alguns tradicionalistas se renderam ao estilo do movimento.

A Renovação Carismática tem a vantagem de contar com a infra-estrutura da Igreja Católica para poder crescer. Uma estrutura onde há 95 funcionários e são produzidos 130 mil discos, 40 mil partituras, cerca de seis mil Bíblias e dezenas de filmes mostra o grau de organização do movimento. Por fim, fala-se sobre a trajetória histórica da igreja e de alguns de seus artifícios para a sobrevivência em seus dois mil anos.

Os boxes falam sobre *A explosão carismática*, sobre o aumento do número de fiéis; *Rebanho estrelado*, sobre socialites e empresários que se renderam ao movimento; *Kit da carismática elegante*, sobre souvenirs católicos; *As duas versões da missa*, sobre diferenças entre catolicismo tradicional e renovado; *Unidos pelo Espírito Santo*, sobre riqueza e fé e *Ofensiva nacional*, sobre objetivos e estratégias traçados pela Renovação.

**8. A fé contra o crime – Numa cruzada em presídios e redutos de traficantes, os evangélicos estão convertendo bandidos em soldados de Jesus – Edição 1555, de 15/07/98 (VEJA, 1998b).**

A reportagem de capa dessa edição tem o seguinte título: *Salvos pela palavra* e o seguinte subtítulo: *Com Bíblias nas mãos, disciplina rigorosa e solidariedade, as igrejas evangélicas invadem cadeias e redutos de drogas para converter e regenerar bandidos*. Autores: Samarone Lima e Roberta Paixão.

A matéria começa com o relato de um ex-líder de uma organização criminosa que se converteu à Igreja Presbiteriana, mudando sua conduta de um extremo a outro. A partir



desse caso, a reportagem fala sobre pesquisa do Instituto Superior de Estudos da Religião (Iser) que revelou pessoas marginalizadas da sociedade encontrando uma “vida melhor”, uma “luz” através da palavra pregada pela Igreja Evangélica.

Os cultos das denominações se apropriam de gêneros musicais como o funk, adaptando as letras da música – glórias e aleluias ao invés de exaltação à marginalidade, segundo a revista – e atraindo jovens da periferia. Outro aspecto atrativo é o fato de os pastores falarem numa língua mais acessível e sobre assuntos pertinentes à própria da localidade, em contraposição à erudição católica.

Dados estatísticos divulgados pela edição mostram que 63% dos seguidores da Igreja Universal têm rendimento mensal de menos de dois salários mínimos e na Assembléia de Deus, 62% vivem com menos de 260 reais por mês. Segundo a revista, são 16 milhões de fiéis à fé evangélica, que tornam o Brasil o terceiro maior país em número de protestantes. Outra história relatada é a de um dependente de drogas de que se converteu, possivelmente, de acordo com a revista, graças ao “contato com uma força espiritual profunda, a crença de que a felicidade pode ser aqui e agora, e uma eficiente rede de solidariedade, que proporciona uma sensação de amparo, refúgio, aceitação”.

Outra história, dessa vez de um ex-chefão do tráfico, que atualmente é pastor, é contada e fala-se sobre a quantidade de internos de algumas unidades prisionais que se converteram à fé. O ambiente hostil das prisões se torna também local de culto e de adoração a Deus. As roupas usadas pelos internos para ir aos cultos são mais formais do que aquelas que eles usam normalmente e o bom comportamento inspirado pela religião proporciona redução de pena.

Também é citado um caso de um homem que se drogava, mas se converteu. Porém, voltou ao vício. Outra história, dessa vez com o final de “sobrevivente, foi a fé que o

salvou”. Em um box, a revista fala ainda sobre policiais militares que também são seguidores da fé evangélica.

***9 A nação evangélica – o maior país católico do mundo está ficando cada vez mais evangélico. E isso começa a mudar muita coisa no Brasil – Edição 1758, de 03/07/02 (VEJA, 2002).***

A matéria de capa dessa edição tem como título *A força do Senhor* e subtítulo *O crescimento da fé evangélica está mudando o Brasil dos esportes à política, das favelas aos bairros chiques, dos presídios à televisão*. Autor: José Edward.

A reportagem trata sobre o crescimento do número de evangélicos, através de dados do censo e porcentagens, além de apontar suas conseqüências. Também relata o comportamento dos seguidores dessa religião, a origem desse segmento e como a Igreja Evangélica tem influenciado a sociedade, em especial a brasileira em diferentes campos sociais: política, futebol, presídios, empresários, mídia, música, educação, literatura.

A revista fala sobre algumas características presentes nessa religião, como a missão de “espalhar a palavra do Senhor”; a simplicidade em relação à Igreja Católica (fiéis falam de forma pessoal com Deus, diferente do catolicismo em que há intermediação do padre); possibilidade de usufruir bênçãos na terra (outra diferença entre os católicos); idéias de fraternidade, solidariedade, comunidade e dignidade e dízimo.

Fala-se também sobre denúncias envolvendo líderes de famosas igrejas evangélicas, como Edir Macedo (Igreja Universal do Reino de Deus), David Miranda (Igreja Pentecostal Deus é Amor), Estevam e Sônia Hernandes (Igreja Apostólica Renascer em Cristo) e também políticos, como o deputado federal Francisco Silva e Anthony Garotinho, candidato à presidência da república em 2002.

Por fim, a reportagem fala resumidamente sobre a reação da Igreja Católica (até então religião dominante no Brasil) frente ao avanço do número de evangélicos. Espalhadas por boxes ao longo da matéria, há informações sobre pessoas famosas que se converteram à fé evangélica, dados sobre música gospel, educação, esporte, negócios, política, livros e afins, mídia eletrônica, apresentaram de denominações e coisas inusitadas, como o “Homem-Bíblia”, uma espécie de super-herói americano cujo poder consiste em citar versos de textos bíblicos.

***10. O pastor é show! – Com o uso da psicologia e da auto-ajuda, uma nova geração de pregadores dá espetáculo e reinventa a fé que mais cresce no Brasil – Edição 1964, de 12/07/06 (VEJA, 2006).***

A última edição da revista Veja, selecionada no site, tem como *título Os novos pastores* e subtítulo *Com menos ênfase no sobrenatural e mais investimento em técnicas e auto-ajuda, a nova geração de pregadores evangélicos multiplica o rebanho protestante e aumenta a sua penetração na classe média*. Autores: Camila Pereira e Juliana Linhares.

A reportagem começa com a informação de que a Igreja Católica Brasileira perdeu 15 milhões de fiéis, segundo o Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais (Ceris), outra fonte utilizada por Veja para apresentar dados estatísticos, em pesquisa realizada em 50 municípios, dentre eles, 23 capitais, em 2004. São apresentadas razões para o declínio no número de católicos: discordância em relação aos princípios, sensação de não acolhimento da igreja e não encontrar apoio nela nos momentos difíceis.

Por outro lado, a matéria fala sobre o crescimento de três grandes correntes evangélicas: o neopentecostalismo e citando os líderes R.R. Soares (Igreja Internacional da Graça de Deus) e Edir Macedo (Igreja Universal do Reino de Deus), cita o episódio em que o bispo da Universal, Sergio von Helde, chuta a imagem de uma santa da Igreja Católica.

Ambos, Soares e Macedo, são considerados pregadores da geração passada. Então a revista começa a falar sobre “novas estrelas evangélicas”, que atraem novos fiéis através da auto-ajuda. Diferente dos neopentecostais, segundo a revista, que promove destruição de santos e descrição do apocalipse e do demônio, por exemplo. Ferramentas são sugeridas para felicidade e prosperidade imediata: fé, bom senso, intervenção divina e esforço individual.

Faz-se comparação entre livros escritos pelos que a revista chama de velhos e novos pastores. Para um sociólogo entrevistado, o sucesso do discurso desses novos líderes evangélicos está no fato de acabar com a idéia de “barganhar” com Deus, diferente dos antigos pregadores. Também foram apresentados dados de um estudo da Fundação Getúlio Vargas, citado pela revista Veja nesta edição: em 2000, os evangélicos correspondiam a 15% da população, sendo que, nas regiões metropolitanas, a porcentagem chegava a 20%. Além disso, compara-se que os novos pastores tendem a atrair pessoas de classes econômicas mais altas do que os velhos líderes. Inclusive, o nível instrução dos novos é mais alto do que o dos antigos.

As novas igrejas também dão tratamento diferenciado, conforme a faixa etária, uma espécie de segmentação. O número de pastores evangélicos por fiel é 18 vezes maior que a proporção de padres por católicos, outro dado revelado nesta matéria da revista Veja. Uma projeção feita por um economista aponta que mais de 20% da população brasileira será evangélica em 2015.

Boxes por toda a reportagem destacam os principais líderes dessa nova geração de pastores: Ana Paula Valadão (chamada de Sandy dos Evangélicos pela revista), da Igreja Batista da Lagoinha (Minas Gerais) e do famoso grupo gospel Diante do Trono; Rinaldo de Seixas Pereira (São Paulo), da Igreja Bola de Neve Church, conhecida por atrair jovens e, principalmente, surfistas; Robson Rodvalho (Brasília), fundador da Igreja Sara a Nossa

Terra; Silmar Coelho (Rio de Janeiro), da Igreja Metodista Wesleyana e Silas Malafaia (Rio de Janeiro), da Igreja Assembléia de Deus, campeão de vendas em CDs e DVDs de pregações.

Outro box, que funciona como uma matéria secundária, tem o título *Como se forma um pregador* e subtítulo *Além de frequentar cursos de teologia e de oratória, candidatos a pastor agora aprendem a pregar na TV e portar-se à mesa*. Os candidatos a pastor têm que aprender oratória e etiqueta, além de técnicas utilizadas por apresentadores de televisão. Um pequeno box mostra como os três principais segmentos evangélicos formam seus ministros: históricos (luterana, presbiteriana, metodista e batista), pentecostais (Assembléia de Deus, Congregação Cristã no Brasil e Deus é Amor) e neopentecostais (Universal do Reino de Deus, Apostólica Renascer em Cristo, Internacional da Graça de Deus e Sara a Nossa Terra).

### **3. OS EVANGÉLICOS NAS PÁGINAS DA VEJA**

Após descrevermos os conceitos acerca do discurso e da análise do discurso (Capítulo 1) e falarmos sobre a revista *Veja* (nosso corpus de análise) e os evangélicos (o tema a ser analisado no corpus) (Capítulo 2), apresentaremos, neste capítulo, descrição e análise do discurso da revista *Veja* sobre os evangélicos. Para tanto, utilizaremos como objeto as edições da revista já apresentadas no capítulo II, onde vamos analisar imagens de capas e de reportagens, gráficos e textos presentes em capa, reportagens e no editorial da *Veja*, *Carta ao leitor*.

#### **3.1 OS EVANGÉLICOS NAS CAPAS DA VEJA**

Conforme mostramos no Capítulo II, este presente trabalho se propõe a analisar dez edições – dez capas – da revista *Veja* sobre os *evangélicos*, segundo a seleção feita pelo site da própria revista – com a ressalva de que duas dessas edições falam sobre o impacto e a reação da religião católica frente ao crescimento do número de fiéis da fé evangélica no Brasil.

Organizando-se cronologicamente as edições, temos:

Anos 80 – A revista *Veja* foi lançada em 1968, mas somente em 1981, mais precisamente no dia 7 de outubro, foi publicada a primeira edição com capa sobre a fé evangélica.

Anos 90 – Foi o auge da produção de reportagens de capa sobre evangélicos pela *Veja*. Foram sete, representando exatamente 70% do total de capas sobre essa religião. Os anos foram: 1990, 1991, 1995 (duas edições), 1997 e 1998 (duas edições). Dentre elas, inclusive, estão as duas edições que falam sobre a Igreja Católica (Edição 1214, de 25/12/91 e Edição 1541 de 08/04/98).

Anos 2000 – Na década atual, duas edições serão analisadas neste trabalho: Edição 1758, de 03/07/02 e Edição 1964, de 12/07/06.

Veremos, agora, as principais temáticas relatadas por *Veja*, através das dez capas escolhidas para análise, para caracterizar a igreja evangélica – incluindo-se líderes e fiéis.

### **3.1.1 UMA IGREJA QUE CRESCE**

No discurso da revista *Veja* sobre os evangélicos, uma das principais características observadas é o destaque para o crescimento no número de fiéis. Das dez edições analisadas, cinco destacam esse aspecto na capa da edição.

*Pentecostais – O milagre da multiplicação* (Figura 1). A manchete já se constitui uma apropriação do discurso religioso – milagre da multiplicação refere-se a uma passagem bíblica<sup>19</sup> em que Jesus realizou um milagre multiplicando cinco pães e dois peixes para alimentar milhares de pessoas. No caso dessa edição da revista, a multiplicação é no número de membros do segmento pentecostal.

---

<sup>19</sup> A passagem bíblica encontra-se nos livros bíblicos de Mateus, capítulo 14, versículos de 13 a 21; Marcos capítulo 6, versículos de 30 a 44; Lucas capítulo 9, versículos de 10 a 17 e João capítulo 6, versículos de 1 a 14.

Na imagem, uma cena de um culto: uma pessoa, um líder, que pode ser um pastor e, ao fundo, uma grande quantidade de pessoas. Não é possível ver com muita nitidez os rostos das pessoas, que seriam os fiéis, porque a imagem está focalizada no pastor, mas pode-se ver que há homens e mulheres e que alguns deles estão com as mãos erguidas. O pastor não está de frente para os seus fiéis, mas está “na diagonal” entre seus fiéis e o leitor da revista. Com uma das mãos, ele aponta para fora da imagem, “para o leitor” enquanto com a outra segura a Bíblia.

O líder daquela reunião está com a expressão facial séria e, por baixo das lentes dos seus óculos, percebe-se que ele olha para fora da imagem, “para o leitor”. O pastor, que pode ser identificado através da legenda *Manoel de Mello da Igreja Pentecostal O Brasil para Cristo, SP*, parece convocar o leitor para fazer parte daquela igreja e mostra a Bíblia como uma espécie de instrumento para introduzir o leitor naquele culto. A capa dessa edição apresenta a cor do nome *Veja* em azul – as cores variam conforme edição e a escolha das cores está relacionada ao layout e às cores da imagem e da manchete de cada capa.

*Guerra Santa – com quarenta estações de rádio, quatro emissoras de televisão e 16 milhões de adeptos, a fé evangélica explode no país e assusta a igreja católica* (Figura 2). Nome *Veja* escrito em branco, mesma cor da fonte utilizada na manchete, do lado esquerdo, sobre um fundo preto. Do lado direito, uma mão estendida, onde se vê uma pequena parte do braço, coberto pela manga de uma camisa branca e de um paletó escuro. A mão segura uma Bíblia, e percebe-se que é esse livro pelo nome *Bíblia* escrito nele e também por sua capa ser de cor preta – normalmente as capas de Bíblias são dessa cor. Do lado da imagem onde aparece a mão com a Bíblia, há uma fumaça avermelhada e uma luz também de cor vermelha incide sobre aquele braço estendido.



Na “Guerra Santa” de que se fala na manchete, só aparece um dos supostos oponentes: a fé evangélica, representada pela pessoa vestida de paletó e camisa branca que estende a Bíblia nas mãos. Outro suposto oponente, a Igreja Católica, não aparece na imagem, apesar de ser citada na manchete.

*A igreja que assusta – o bispo Edir Macedo já tem mais de 3 milhões de seguidores* (Figura 4). Mais uma capa da revista *Veja* que chama a atenção para o crescimento do número de evangélicos, dessa vez com foco na pentecostal Igreja Universal do Reino de Deus (IURD).

A imagem também “assusta”, como o título da manchete afirma. O líder da Igreja Universal do Reino de Deus, Edir Macedo, aparece no canto esquerdo, olhando para frente, para fora da imagem, “para o leitor”. Ele segura com a mão uma Bíblia, que está aberta e com as páginas em chamas. A luz do fogo torna o fundo da imagem uma cor entre tons de amarelo e alaranjado e ilumina uma parte do corpo de E. Macedo. Uma parte da testa, o cabelo e a imagem acima dele são de cor preta, sobreposta ao nome *Veja* escrito em vermelho.

A “Bíblia em chamas” nas mãos do líder da Universal leva à idéia de poder que E. Macedo teria sobre as pessoas, poder de persuasão pode-se aferir. Esse poder é confirmado pela manchete, que diz “o bispo Edir Macedo já tem mais de 3 milhões de seguidores”. A igreja (Universal do Reino de Deus) “assusta” por conta de seu rápido crescimento, mas o responsável por isso é o seu líder, utilizando-se da Bíblia.

É interessante dizer que o fogo aqui traz, além do sentido de poder, um sentido negativo, até mesmo “demoníaco”. O que poderia ser considerado absurdo, pois as igrejas evangélicas em geral e, principalmente, as pentecostais – incluindo-se aqui a IURD – têm como foco de suas pregações a “luta contra o mal, contra o demônio”, aspecto que pode ser

visto através da ênfase nas sessões de “libertação” e exorcismos praticados nos templos e até exibidos em seus programas de televisão.

*A nação evangélica – o maior país católico do mundo está ficando cada vez mais evangélico. E isso começa a mudar muita coisa no Brasil (Figura 9).* A imagem mostra pessoas jovens – homens e mulheres – de mãos estendidas e que parecem cantar em um show a céu aberto. A legenda nos ajuda a identificar do que se trata: *Reunião de 100.000 fiéis em Belo Horizonte.*

A imagem poderia ser de um show de algum artista famoso, mas é de um show evangélico. Fotografia, legenda e manchete expressam o crescimento no número de fiéis da fé evangélica e que essa religião alcançou muitas pessoas, em especial jovens – a imagem mostra pessoas jovens.

*O pastor é show! – Com o uso da psicologia e da auto-ajuda, uma nova geração de pregadores dá espetáculo e reinventa a fé que mais cresce no Brasil (Figura 10).* A referência ao crescimento é feita aqui através da manchete: tanto afirmando que a fé evangélica é a que mais cresce no Brasil como quais são as recentes estratégias utilizadas pelos pregadores e que têm atraído um número maior de seguidores.

Na imagem, uma nova forma de caracterizar o pastor: ao fundo, uma praia, uma prancha de surfe; na frente, um rapaz segura e beija uma Bíblia. Mas não se trata de uma pessoa qualquer e sim, conforme a legenda, de *Rinaldo Pereira, o pastor surfista que em seis anos ergueu 26 templos e conquistou 10.000 fiéis.*

O nome *Veja* está escrito de verde claro. A cor da manchete varia: cor branca na expressão “O pastor é”, mas a expressão “show!” está com as letras e ponto de exclamação,

respectivamente, em vermelho, amarelo, roxo, verde claro e azul. O restante da manchete está na cor preta.

A expressão “show!” com letras e interrogação com cores diferentes remete à novidade, e juventude, expressas pelo restante da manchete e também pela imagem – o pastor aparentemente jovem beijando a Bíblia e há uma prancha de surfe ao fundo.

### **3.1.2 UMA IGREJA QUE ASSUSTA**

Conforme vimos, uma das capas (Figura 4) tem como manchete *A igreja que assusta*. Mas a dúvida que inevitavelmente acompanha essa afirmação é: A igreja evangélica assusta a quem?

Fazendo-se análise das capas utilizadas neste trabalho, pode-se aferir que a igreja evangélica *assusta* a igreja católica, como a capa revela: a manchete contém a expressão “a fé evangélica explode no país assusta a Igreja Católica” (Figura 2). Isso porque, das dez edições estudadas no presente trabalho, escolhidas a partir da seleção de reportagens de capa sobre evangélicos feita no site da revista, duas falam sobre o catolicismo – qual a reação da Igreja Católica frente à expansão das Igrejas Evangélicas.

*A decadência do Catolicismo no Brasil – Depois de se distanciar dos pobres, a Igreja Católica está perdendo a classe média* (Figura 3). Apesar de ser uma reportagem que retrata a diminuição do número de fiéis da Igreja Católica no Brasil, a matéria se insere no contexto de matérias de capa da revista Veja pelo fato de apontar o crescimento da fé

evangélica no país como fator para a diminuição no número de católicos (veremos isso mais adiante, quando analisarmos as reportagens de capa).

A imagem mostra um templo católico: vê-se alguns bancos de madeira, um altar com a imagem de um santo no canto superior esquerdo, e, em destaque, a sombra de uma cruz. O templo está vazio e pouco iluminado: os locais mais iluminados são o altar e a parte do piso próximo à sombra da cruz. A manchete está em duas cores: branca na parte principal e preta na secundária. O nome *Veja* está na cor vermelha, com borda branca.

*A ressurreição da fé – Como os católicos carismáticos reagem ao avanço dos evangélicos* (Figura 7). Ao contrário da outra capa (Figura 3), esta mostra a fé católica aclamada, procurada por muitas pessoas.

Um ostensório – objeto da liturgia católica utilizado para expor o “Santíssimo Sacramento” para adoração dos fiéis – de ouro está no centro da imagem. Muitas mãos, praticamente todas com terços – objeto utilizado pelos católicos para rezar -, estão a tocá-lo. O fundo da imagem é preto e, com o nome *Veja* e manchete na cor branca, mostra como a renovação carismática levou várias pessoas de volta ou à Igreja Católica. Observa-se que o centro da cruz encobre parte da palavra *Veja*, algo que não ocorre nas outras edições estudadas neste trabalho.

### **3.1.3 UMA IGREJA QUE ATACA**

*[Exclusivo] Edir Macedo ataca: A igreja católica tem interesse na miséria; A Globo é a encarnação do diabo; A campanha de Betinho é uma farsa; Sexo é para ter prazer*

(Figura 5). O “big close” no rosto do líder da Igreja Universal, Edir Macedo, é a imagem da capa desta edição. É ele quem realiza os “ataques”: a outra religião, a uma emissora de TV concorrente à sua, a uma campanha beneficente, além de dar uma declaração polêmica a respeito de sexo.

A imagem está pixelizada e o olhar de E. Macedo, voltado para cima e para o lado direito, demonstra uma feição desafiadora, como se ele acabasse de proferir as palavras da manchete. O nome *Veja* está em vermelho, com borda branca. A manchete está em branco, mas a palavra *Exclusivo* está em um fundo preto. Cada frase após a expressão *Edir Macedo ataca* está com um marcador vermelho.

*A fé contra o crime – Numa cruzada em presídios e redutos de traficantes, os evangélicos estão convertendo bandidos em soldados de Jesus* (Figura 8). Desta vez, o “ataque” não é feito contra uma instituição ou uma pessoa, como na Figura 5, e sim, contra a criminalidade.

Na imagem, um homem de camisa branca segura uma Bíblia em uma das mãos. Poder-se-ia dizer que é um pastor ou um seguidor comum da fé evangélica, mas há uma diferença: esse homem tem tatuagens no dedo médio da mão, a mesma que segura a Bíblia e também no pulso. A legenda esclarece: *Kellé, ex-viciado em drogas, hoje evangélico*.

A manchete está em duas cores: parte principal em vermelho, assim como o nome da revista e o restante em branco. A imagem mostra que a fé evangélica tem alcançado pessoas marginalizadas na sociedade – apesar de que nem todas as pessoas que possuem tatuagem fazem parte desse grupo – a fotografia é só um exemplo e isso fica claro quando a legenda diz que se trata de uma pessoa real e não de um modelo utilizado para caracterizar um grupo específico.

### 3.1.4 UMA IGREJA QUE AJUDA

*Evangélicos – Como a religião está ajudando pessoas humildes a conquistar o reino da terra* (Figura 6). A Igreja Evangélica é uma igreja que ajuda e, nesta capa, a revista mostra que ela ajuda a “conquistar o reino da terra”, ou seja, a enriquecer.

Vejam os a capa: Um fundo preto, aparentemente de couro, com fina borda dourada e um cifrão dourado no centro. A imagem remete a uma Bíblia pelas cores preta e dourado – com a ressalva de que nem todas as Bíblias possuem capas com essas cores – e cifrão, simbolizando dinheiro. A figura, aliada ao texto, transmite a mensagem de que a fé evangélica ajuda pessoas a enriquecer.

A manchete está em branco e o interessante é observar a expressão “reino da terra”, que remete ao discurso religioso de “reino dos céus” presente na Bíblia. O nome da revista está em vermelho, com bordas brancas. O cifrão presente no centro daquilo que pode ser considerado uma espécie de Bíblia parece querer mostrar que o principal assunto retratado naquele livro é dinheiro e que uma das formas de consegui-lo é através de sua leitura. A capa da Figura 8, que já foi apresentada no tópico *A igreja que ataca*, também mostra o lado altruísta da fé evangélica, na medida que ajuda pessoas a sair da criminalidade e do vício das drogas.

O fato de ela “atacar” a criminalidade, conforme já citado, é uma forma de ajudar pessoas que estão marginalizadas na sociedade. A própria imagem da capa, cuja legenda informa que o rapaz da fotografia é um ex-viciado em drogas, mostra o poder “regenerador” e “transformador” que essa fé pode proporcionar às pessoas. A fé é “contra o crime”, mas está

“convertendo bandidos em soldados de Jesus”, algo apresentado como positivo na capa, por conta do exemplo, em que um homem deixou o vício das drogas.

Veremos, também, quais capas, dentre as dez edições analisadas, contém chamadas para outras matérias:

Figura 1 - Contém duas tarjas amarelas na diagonal, no canto superior esquerdo, onde está escrito *O caso Consuelo Brada – Escândalo em Brasília*, sendo que acima das tarjas há a foto de uma mulher, a própria Consuelo que é citada. Trata-se de uma chamada para outra reportagem que a revista quis destacar, com menor importância do que a reportagem sobre evangélicos, na sua capa.

Figura 2 - Assim como na figura 1, nessa capa, há também uma tarja amarela abaixo de uma pequena foto, na diagonal do canto superior esquerdo da página. A chamada: *Inflação – o impacto dos 3%* e na foto, a imagem do então presidente da república, Fernando Collor de Mello, remetendo a outra reportagem da edição.

Figura 9 - Uma tarja na cor vermelha, localizada na diagonal no canto superior esquerdo, remete a outra reportagem: *Presidenciáveis – como fugir das promessas falsas*. A matéria tratava sobre as eleições para presidente da república, cuja edição precedia o período de votação.

Figura 10 - Uma tarja, dessa vez na cor preta, está na diagonal, no canto superior esquerdo, onde está escrito *Congresso – A lista, as fotos, dos 94 parlamentares investigados por crimes*, remetendo a outra reportagem da mesma edição.

Podemos observar que, através da descrição das capas, percebe-se uma bipolaridade acerca do discurso sobre os evangélicos: *Igreja que cresce x Igreja que assusta* e *Igreja que ataca x Igreja que ajuda*.

## 3.2 OS EVANGÉLICOS NAS REPORTAGENS DE CAPA DA VEJA

Após a descrição das dez capas selecionadas para este trabalho, onde destacamos que a revista *Veja* mostra a Igreja Evangélica como igreja que *cresce, assusta, ataca e ajuda*, iremos agora partir para a análise das reportagens referentes a essas capas.

Dentre os vários pontos que poderíamos abordar para caracterizar o discurso da revista *Veja* sobre os evangélicos, vamos nos concentrar em alguns tópicos e, a partir deles, relatar o que foi observado na análise das dez reportagens de capas da revista selecionadas. Vamos, também, apresentar brevemente outros aspectos que caracterizam o discurso da revista sobre esse segmento: imagens, gráficos e apropriação de outros discursos para falar sobre a fé evangélica.

### 3.2.1 CAUSAS DO CRESCIMENTO, HISTÓRIA E ORGANIZAÇÃO

Assim como está expresso em cinco das dez capas selecionadas para análise, o discurso da revista *Veja* sobre evangélicos ressalta o rápido – e espantoso, segundo a própria *Veja* – crescimento do número de evangélicos no país. Crescimento expresso em dados estatísticos desde a primeira edição da revista sobre a fé evangélica:

Apesar dessa escassez de atrativos mundanos, o número de pentecostais tem acusado saltos espantosos nas últimas e é provável que os cálculos disponíveis no momento sejam amplamente superados pelos resultados do Censo 1980. Afinal, só a Igreja Evangélica Assembléia de Deus, a maior das 37 diferentes seitas pentecostais catalogadas no país, pastoreia 2,5 milhões de fiéis. E a Igreja O Brasil para Cristo, a segunda em importância, guarda na sede nacional, em São Paulo, um fichário com 1 milhão de fiéis. (...) A semente caiu em solo fértil. Os templos eram 267, em 1930; 912, em 1940; 1 929, em 1950; 4 583, em 1960; 11 118, em 1970. Hoje, há 26 000 templos no país, mais de 1 000 deles em São Paulo. (VEJA, 1981).



Aspecto que também é ressaltado em outras edições. Mas cabe aqui destacar como a revista relata esse crescimento, ou melhor, como ela o explica. Quais as estratégias utilizadas para aumentar o número de seguidores e expandir igrejas, num curto prazo de tempo se tomar em conta o período que uma religião leva para crescer em um determinado país, como no exemplo dado pela própria revista:

De 1990 para cá (1995), seus fiéis (Igreja Universal) pularam de 900 000 para cerca de 3,5 milhões, num salto estratosférico de 280% - mais do que qualquer igreja. A Assembléia de Deus é muito maior, com um rebanho de 12 milhões de fiéis, mas está no país desde o início deste século. (VEJA, 1995b).

De fato, várias são as causas apontadas pela Veja para explicar o crescimento do número de evangélicos; umas encaradas pela revista como *positivas* e outras como *negativas*, ou seja, a revista apresenta uma bipolaridade da fé evangélica no que diz respeito ao seu processo de expansão no Brasil.

## **A) CAUSAS POSITIVAS**

Nas *causas positivas*, a Igreja Evangélica é apontada como alternativa, principalmente espiritual, diante da Igreja Católica que, apesar de ser dominante por vários séculos no país, mantém certo afastamento dos fiéis e não proporciona inúmeras vantagens encontradas na fé evangélica. Essa também acolhe pessoas marginalizadas da sociedade e está presente em locais aonde as ações de governos não chegam ou são ínfimas, e proporciona mudança para uma vida honesta e mais digna. Vejamos alguns trechos:

As Igrejas Evangélicas são apontadas como alternativa religiosa ante o catolicismo impessoal e teórico:

(O sociólogo Francisco Cartaxo) Rolim detectou entre os católicos convertidos ao pentecostalismo um certo desencanto com a tendência que levou a Igreja Católica a colocar em segundo plano, depois do Concílio Vaticano II, a devoção aos santos, às velas, às procissões, enfim, alguns dos mais antigos símbolos da religiosidade popular. “o pentecostalismo supre essa ausência porque mexe com o lado emocional dos fiéis”, contata Rolim. (VEJA, 1981).

(...) as massas empobrecidas preferiram ouvir os evangélicos em vez de prestar atenção à retórica dos teólogos da libertação. Afinal, os padres de esquerda exortavam os miseráveis a uma maior participação política, enquanto o bloco dos evangélicos tinha mensagem muito mais simples e melhor. Apela para as conquistas que as pessoas podem realizar já neste mundo, no plano concreto, como maior disciplina, sucesso no combate aos vícios e até na aquisição de bens materiais. (VEJA, 1990).

Os evangélicos entendem melhor “a linguagem do povo” e buscam suprir carências emocionais ou materiais.

(...) as igrejas evangélicas mais organizadas, como a Assembléia de Deus, por exemplo, armam uma rede de proteção em torno dos fiéis. Segundo o pesquisador inglês David Martin, as pessoas gritam e choram nos cultos e deixam ali boa parte das frustrações. “Além disso, a igreja é, ao mesmo tempo, a família e o círculo de amigos e, em alguns casos, funciona como uma eficiente agência de empregos. (idem).

“Os pentecostais falam a língua do povo, assim como o futebol e o Carnaval”, afirma o pastor Jaime Wright, da Igreja Prebiteriana Unida do Brasil, da linha mais tradicional do protestantismo (...). (idem).

Com um império de comunicações e soldados xiitas, a Universal foi montada na hora certa. A Igreja Católica perdeu o senso de espetáculo das suas missas e o rebanho ficou desorientado entre o secularismo da Teologia da Libertação e o conservadorismo anacrônico de João Paulo II. (VEJA, 1995b).

“A Igreja Universal cresce porque oferece aos pobres o reino dos céus na terra. Oferece saúde, prosperidade material e felicidade já.” (idem).

Os evangélicos têm grande preocupação com pessoas deixadas à margem da sociedade, como viciados em drogas e conseguem expandir sua fé nos locais mais pobres das grandes cidades.

Nas capitais, o local do fermento (maior crescimento dos evangélicos) está na periferia, não no bairro dos Jardins, em São Paulo, ou na beira da Vieira Souto, no Rio. Ela se interessa por um público que o Estado esqueceu, ocupando seus vazios. A igreja acolhe mendigos, drogados e prostitutas. (idem).

Habitantes de um mundo em que o emprego é escasso e as políticas públicas quase não chegam, esses garotos encontram nas religiões evangélicas um ambiente bem diverso da sisudez e do distanciamento que a Igreja Católica sempre manteve com seus fiéis. (VEJA, 1998b).

Em vez do sacerdote católico celibatário, recrutado ainda menino pelos seminários e cevado no isolamento dos mosteiros e conventos, os novos líderes religiosos são cooptados no terreno mesmo em que floresce a marginalidade. Os pastores falam a língua do rebanho. Entendem seu sofrimento não por ouvir dizer ou porque estudaram. Sabem o que é não ter onde cair morto e sentir a sedução de ganhar muito dinheiro em pouco tempo, um milagre que, nesses lugares, só o banditismo permite. (idem).

A regeneração de Kellé (ex-viciado em drogas) tem os três ingredientes nos quais se apóia o movimento evangélico – o contato com uma força espiritual profunda, a crença de que a felicidade pode ser aqui e agora, e uma eficiente rede de solidariedade, que proporciona uma sensação de amparo, refúgio, aceitação. (idem).

As igrejas evangélicas, sobretudo as de ramo pentecostal, penetram com enorme velocidade e sem nenhuma burocracia nas comunidades carentes e oferecem um modelo ético em regiões que as autoridades esqueceram e às quais a polícia leva mais medo que segurança. (VEJA, 2002).

## **B) CAUSAS NEGATIVAS**

Como contraponto às causas positivas já apresentadas, há as *causas negativas*.

Nelas, a revista aponta que líderes e igrejas aproveitam-se da pobreza e da falta de instrução

de grande parte da população brasileira para instituir uma religião e também organizar a vida pessoal e econômica do fiel, mas, sobretudo, ganhar dinheiro através de contribuições financeiras dos seguidores.

As igrejas são adjetivadas com léxicos como *barulhentas* e chama a maioria dos fiéis de *descamisados*.

Cerca de 16 milhões de pessoas no país, especialmente a imensa massa de descamisados colocados à margem da modernidade e do progresso, já rezam pela cartilha dessas igrejas barulhentas que em seus cultos cheios de cânticos e emoções prometem curas, milagres e prosperidade instantâneos na Terra. (VEJA, 1990).

Os pastores são apresentados como pessoas com “dom de ilusionismo coletivo” e o foco dos cultos, segundo a revista, está na arrecadação de dízimos.

Em cada templo, há uma lista em lugar visível com nome e endereço dos inadimplentes – os que pagaram o dízimo, a décima parte do salário que a *Bíblia* manda recolher aos cofres da igreja. No Recife, o pastor Carlos Alberto, da igreja de Edir Macedo, incitava os fiéis em altos brados, na semana passada, como se estivesse num leilão. “Quem tem 1 000 cruzeiros pra Jesus?”, perguntava ele. O pastor desceu o valor das oferendas até 10 cruzeiros e arrematou: “Para Satanás, para bebida e para festa, sempre se tem dinheiro. Para Jesus, as pessoas amarram...” (idem).

Não se pode reduzir a atração exercida pelas seitas evangélicas à ação de pastores ladinos, dotados do dom do ilusionismo coletivo – mesmo que em proporções variadas essas características estejam presentes em algumas seitas. (idem).

É um fenômeno (crescimento do número de evangélicos) que se assemelha aos épicos bíblico-hollywoodianos: milhões de figurantes, novos apóstolos, canastrões, parábolas de sofrimentos abissais antes da conversão; glória e prazeres indizíveis depois. (VEJA, 1997).

E o fiel testa o merecimento dessa bênção ao fazer “apostas” com Deus, na forma das “ofertas em dinheiro”. Se Deus acreditar na sinceridade do ofertante, dizem os pastores, concederá a graça desejada. Causa repugnância a adeptos de outras igrejas. Isso sem falar no dízimo. Pode ser repugnante esse mercado de Deus. Mas o fato de pregar que o paraíso é aqui e agora – depende de acreditar, pagar e trabalhar – tem conseguido movimentar uma legião de miseráveis, que não se acobram diante das vicissitudes da vida, à espera do paraíso além-túmulo. (idem).

O caso (de denúncias) mais notório é o do bispo Edir Macedo, fundador da Igreja Universal do Reino de Deus. Para erguer seu império, Macedo vendeu até cornetas de torcida organizada como se fossem instrumento divino para derrubar as muralhas de Jericó. (VEJA, 2002).

Por outro lado, em alguns momentos, a revista rebate essas acusações feitas sobre a igreja evangélica:

Esse processo de conquista de almas já foi interpretado como puro fanatismo, exploração de gente humilde por espertalhões, desqualificado pó boçal e vítima dos preconceitos mais pitorescos. Na versão mais sofisticada, a crítica atribuiu aos novos fiéis a pecha de fundamentalistas. Nada mais errado. Tantas almas foram ganhas para o “Deus vivo” – professado sempre aos gritos pelos evangélicos neopentecostais em cultos mais estridentes que uma apresentação de Carla Perez – porque de alguma maneira a religião acabou sendo útil aos convertidos. (VEJA, 1997).

Com essa defesa, ainda assim, a Veja desqualifica os evangélicos, como no trecho “professado sempre aos gritos pelos evangélicos neopentecostais em cultos mais estridentes que uma apresentação de Carla Perez” (*op. cit.*).

Como se pode observar, na relação entre causas *positivas* e *negativas*, na edição da revista de 1990, contata-se bipolaridade até em uma mesma reportagem, a Veja apresenta aspectos positivos e negativos com relação às causas responsáveis pelo crescimento das igrejas evangélicas.

### **C) HISTÓRIA E ORGANIZAÇÃO**

As edições da revista Veja cujas reportagens principais são sobre evangélicos também exercem um papel didático: elas explicam o início das religiões evangélicas, através da história do movimento protestante, isto é, evangélico.

As religiões cristãs não-católicas, como as evangélicas, têm sua origem no começo do século XVI, quando um monge alemão chamado Martinho Lutero se insurgiu contra Roma. No ano de 1517, revoltado com a venda de indulgências pelo papa, Lutero escreveu suas famosas 95 teses, que pregou na porta da catedral de Wittenberg. Foi o estopim da Reforma Protestante, que se tornaria uma das mais profundas transformações sociais da história humana. Com o tempo, do tronco protestante antipapal foram brotando dezenas de denominações. (Veja, 2002).

Esse “tronco antipapal” citado nesta edição é tanto uma referência a uma espécie de árvore genealógica cristã quanto a uma figura de uma árvore assim numa edição muito anterior (VEJA, 1990) da revista (Figura 14).

Nessa ilustração, o tronco é representando pelo Catolicismo, considerada primeira religião cristã. A seguir, têm-se os Ortodoxos, os Protestantes Históricos (Calvinismo, Anglicanos, Luteranos, Presbiterianos, Batistas, Metodistas e Adventistas), os Pentecostais Tradicionais (Congregação Cristã, Assembléia de Deus, Evangelho Quadrangular e O Brasil para Cristo) e os Pentecostais Recentes (Igreja Universal do Reino de Deus e Deus é Amor).

Outro pequeno histórico, com informações sobre doutrina, pode ser visto nesta edição:

Desde que Martinho Lutero afixou as suas 95 teses na porta da igreja do castelo de Wittenberg, em 1517, e com isso deu origem ao mais espetacular cisma religioso da época moderna, a Reforma Protestante, os crentes acreditam no sacerdócio universal e na autoridade exclusiva da *Bíblia*. Todos podem falar com Deus, diretamente, sem a intermediação de vigários, e ter acesso direto à palavra divina. Com isso, o indivíduo tem mais responsabilidade, mais consciência, não depende tanto de hierarquias acima dele. Fundamentos básicos da nova fé, esses princípios valem para todas as igrejas ditas evangélicas. (VEJA, 1997).

Referência a Martinho Lutero, um dos precursores da Reforma Protestante, conforme apresentamos no Capítulo 2, também é feita nesta edição, cuja reportagem fala sobre a perda de fiéis da Igreja Católica no Brasil:

Concebido por Lutero com a promessa de libertar o ser humano da intermediação dos padres católicos na comunicação com Deus, o protestantismo – pelo menos em

sua versão mais nervosa e moderna no Brasil, encarnada pelos evangélicos – é que, paradoxalmente, atrai a presença física do fiel ao templo. (VEJA, 1991).

Outra ilustração (VEJA, 1995b), mostra as origens da Igreja Universal do Reino de Deus (Figuras 15 e 16), certamente a denominação evangélica mais citada entre as edições de Veja selecionadas para este trabalho. Dessa vez, a religião primária é o Judaísmo, vindo em seguida Igreja Católica, Luteranos, Presbiterianos e Anglicanos. A partir desses últimos, surgiram os Metodistas, depois os Pentecostais, Congregação Cristã, Assembléia de Deus, Igreja do Evangelho Quadrangular, Igreja Brasil para Cristo, Deus é Amor, Casa da Bênção e, por fim, Igreja Universal do Reino de Deus.

Nessa mesma edição, há um pequeno histórico sobre essa igreja, cuja sigla é IURD:

Fundada em 1977 pelo bispo Edir Macedo e outros três evangélicos, a Universal nasceu da costela de outra igreja, a Nova Vida, criada no país por um missionário canadense. Nove anos depois da fundação, o bispo Macedo já era o único papa da igreja, com domínio total sobre tudo. Nunca parou de crescer, mas só despertou a atenção em 1989, quando comprou a TV Record, por 5 milhões de dólares. Até líderes de outras igrejas pentecostais ficaram impressionados com a riqueza da Universal e a voracidade com que se propunha a formar um império na área de comunicações. (VEJA, 1995b).

Já outra edição fala brevemente sobre o surgimento dos neopentecostais – em outras edições eles são chamados de pentecostais recentes:

Surgida na década de 70, ela (corrente evangélica neopentecostal) teve como principais expoentes pregadores como o pastor Romildo Ribeiro Soares, conhecido como R.R. Soares, e o bispo Edir Macedo. Juntos, eles fundaram a Universal do Reino de Deus e lotaram estádios com seus brados de cura e suas performances exorcistas. (VEJA, 2006).

Nesta edição, breves referências à fundação da IURD:

“Fundada em 1977, a Igreja Universal do Reino de Deus é uma potência. Possui 3,5 milhões de adeptos em 34 países.” (VEJA, 1995a).

“(Edir Macedo) Fudou-a (IURD) no porão de uma funerária carioca e, doze anos depois, já tinha 45 milhões de dólares no bolso para comprar a TV Record.” (idem).

Outra edição também cita a fundação da Igreja Universal:

Macedo, ex-funcionário da Loterj, a Loteria do Rio de Janeiro, iniciou seu culto pregando para meia dúzia de pessoas no galpão de uma funerária católica há treze anos. Hoje ele tem 500 000 adeptos no Brasil, abriu igrejas nos Estados Unidos e, no mês passado, completou o mais audacioso lance de um missionário protestante no país – desembolsou 45 milhões de dólares e tornou-se dona da Rede Record, que engloba uma das mais tradicionais emissoras de televisão do Brasil e duas emissoras de rádio. (VEJA, 1990).

A forma como as igrejas evangélicas se organizam também é apresentada por Veja. Desde a distinção das diferentes denominações Protestantes Históricas (Calvinismo, Anglicanos, Luteranos, Presbiterianos, Batistas, Metodistas e Adventistas), Pentecostais Tradicionais (Congregação Cristã, Assembléia de Deus, Evangelho Quadrangular e O Brasil para Cristo) e Pentecostais Recentes (Igreja Universal do Reino de Deus e Deus é Amor) (VEJA, 1990) como também a hierarquia presentes nelas:

Tecnicamente, o pastor figura no topo da hierarquia pentecostal, alguns degraus acima de presbíteros, diáconos e auxiliares leigos. O pastor goza de autonomia quase completa em seu templo e só está impedido de trocar-lhe a denominação, vendê-lo ou consagrar ministros. (VEJA, 1981).

Também encontramos um breve histórico e informações sobre Protestantes Históricas, Pentecostais e Neopentecostais nas Figuras 17 e 18 (VEJA, 2006), cuja reportagem trata sobre a forma como um pregador se forma na atualidade, que envolve até mesmo técnicas para apresentação em rádio e televisão.

Em outra edição (VEJA, 1995b), há um organograma mostrando a hierarquia da Igreja Universal do Reino de Deus (Figura 19). Na, figura, é importante notar três elementos, à primeira vista “decorativos” do cronograma, mas cujas presenças trazem significado: a pomba branca voando (símbolo da Universal) para representar que se trata ali de algo relacionada àquela igreja; as nuvens levemente azuis, uma referência aos céus, ao paraíso



pregado por essa igreja e os cifrões (símbolo de dinheiro) e que remetem à idéia de dinheiro movimentado na igreja, assim como empresas compradas pela IURD, cifrão também presente na capa de outra edição analisada (Veja, 1997).

Na reportagem, há uma descrição dessa hierarquia:

A Universal tem uma estrutura vertical, na qual quem manda mesmo é o bispo Edir Macedo (...). Mas tem um exército mais aguerrido do que qualquer outra religião em ação no Brasil. Na base da Universal, há milhares de obreiros cuja tarefa é auxiliar crentes durante os cultos, receber os que entram num templo pela primeira vez e conversar com todos sobre qualquer problema. (...) Os pastores que comandam um templo ou um grupo deles, trabalham em tempo integral. (...) Em média, recebem 1500 reais por mês, mas a igreja lhes dá casa, carro telefone, celular e, às vezes, lhes fornece até alimentação. Os bispos vivem um pouco melhor. Suas casas são espaçosas, o carro é de melhor qualidade e o salário não é fixo. (VEJA, 1995b).

Uma pequena observação acerca da estrutura da igreja:

A força da organização está nos passos de formiga de cada um de seus membros. A Assembléia de Deus é menos centrada que a Igreja Católica, muito mais permeável, portanto, à pressão dos fiéis. (VEJA, 1997).

### 3.2.2 CATÓLICOS X PROTESTANTES

Além da bipolaridade *causas positivas versus causas negativas* apresentada no item anterior, o discurso da revista Veja sobre os evangélicos é construído a partir da confrontação *protestantes (evangélicos) versus católicos*.

Uma das maiores dúvidas que permearam o início da pesquisa para esse trabalho é: Por que a revista Veja selecionou duas edições sobre os católicos para integrar as edições sobre evangélicos? Podemos responder a essa pergunta observando cada reportagem de capa dessas duas edições citadas.

## A) MIGRAÇÃO DO CATOLICISMO PARA A FÉ EVANGÉLICA

Na edição de Veja sobre decadência da religião católica no Brasil (VEJA, 1991), a reportagem mostra para onde estavam migrando os, outrora, seguidores da fé católica:

A Igreja Católica vem perdendo o rebanho dos pobres para as seitas evangélicas, que incham na mesma proporção assustadora da urbanização do país – quatro em cada cinco brasileiros estarão morando numa grande cidade até o ano 2000. (VEJA, 1991).

(...) os padres católicos perderam poder de convencimento sobre seus paroquianos (65% de adeptos das seitas evangélicas e do espiritismo já foram católicos) e pregam no vazio quando se dirigem aos gentios (apenas 8% dos novos católicos são evangélicos, judeus ou espíritas convertidos). (idem).

Além disso, um representante do segmento evangélico é citado como fonte na matéria, onde sua opinião sobre o declínio da Igreja Católica no Brasil é publicada. Trata-se do reverendo Jaime Wright, secretário-geral da Igreja Presbiteriana Unida do Brasil.

Assim, pode-se observar que, nesse caso, a expansão da fé evangélica no Brasil é *confrontada* com o declínio da Igreja Católica. Dessa afirmação, pode ser extraída a seguinte premissa: A diminuição de adeptos da fé católica foi provocada pela migração de fiéis para as igrejas evangélicas. Concomitantemente, a revista acaba chamando a atenção do leitor para o fato, no sentido de afirmar que, com o crescimento dos evangélicos, “alguém está perdendo” e este alguém é o catolicismo no país.

## B) REAÇÃO CATÓLICA

A outra edição da revista, dentre as selecionadas para este trabalho, cuja reportagem de capa fala sobre católicos, é a que relata a Renovação Carismática Católica. O motivo de ela estar presente no especial do site da Veja sobre os evangélicos pode ser dividido em duas idéias: 1) a Renovação Carismática é uma resposta da Igreja Católica à perda de fiéis que sofreu, principalmente nos anos 90 e também à expansão da fé evangélica no país – inclusive, a migração do catolicismo para as religiões evangélicas é um dos motivos para o declínio da Igreja Católica no país. 2) Em alguns pontos, o movimento carismático assemelha-se ao neopentecostalismo, segmento da Igreja Evangélica que seria a atual versão do pentecostalismo apresentada neste trabalho no Capítulo 2.

Na tradicional Igreja Nossa Senhora do Brasil, há duas gerações freqüentada pela fina flor da sociedade católica paulistana, 300 pessoas rezam alto, choram, batem palmas e cantam a plenos pulmões. No palco improvisado no salão de festas, um jovem religioso esconjura demônio, invoca os poderes do Espírito Santo e pede a Deus “a quebra de todo encantamento, amarração e maldição” que possa estar prejudicando a vida dos presentes. Parece um culto evangélico da Igreja Universal do Reino de Deus. E algumas coisas nesse ritual católico são de fato muito parecidas com uma reunião evangélica. (VEJA, 1998a).

**“Edir Macedo”** – (...) Segundo a contabilidade dos líderes carismáticos, o movimento conta com 8 milhões de seguidores no país. A Renovação nasceu em 1967, nos Estados Unidos, e chegou ao Brasil em 1971, pelas mãos do padre jesuíta Eduardo Dougherty. Lá, inspirou-se nos televangelistas. Aqui, manteve fonte muito semelhante, como admite uma das estrelas da Renovação em São Paulo, o padre Marcelo Rossi: “Foi o bispo Edir Macedo quem nos despertou. Ele nos acendeu.” (idem).

Com a redemocratização do país, as comunidades eclesiais de base, onde essa corrente (esquerdistas, teólogos da libertação) se abrigava, sofreram esvaziamento total. Os ricos e remediados continuaram se dizendo católicos, e só se dizendo, enquanto os pobres lançavam-se nas redes de religiões evangélicas, como a do bispo Edir Macedo, que forma mestres em comunicação aptos a promover missas frenéticas e formidáveis espetáculos de cura. Agora, recorrendo a métodos parecidos, os carismáticos católicos já têm do que se gabar. (idem).

Por outro lado, apesar das semelhanças, a Veja aponta também um feito realizado pelos carismáticos que, segundo ela, é algo nem sonhado pelos evangélicos:

A Renovação Carismática fica, porém, mais garbosa quando se pensa que ela vem conseguindo um milagre nem sonhado pelos evangélicos: trazer os ricos de volta às igrejas. (idem).

Nessa edição há também uma retomada à história da fé protestante, em que cita-se Martinho Lutero e também Max Weber, autor da obra *A ética protestante e o espírito do capitalismo*:

É difícil imaginar hoje o profundo significado do ato do padre alemão Martinho Lutero, afixando suas 95 teses na igreja do castelo de Wittenberg, em 1517. (...) Como mostrou o sociólogo Max Weber (1864-1920), o protestantismo legitimou os capitalistas e criou as condições mentais que possibilitaram a acumulação e o lucro. O cisma protestante foi o maior movimento da fé na época. (idem).

E também cita-se o pentecostalismo:

Nessa corrente (carismática), ganha relevo a figura do Espírito Santo, em detrimento dos outros dois elementos da Trindade, o Pai e o Filho. É a fé pentecostal, na qual o fiel se relaciona diretamente com Deus, com a bênção do Espírito. Teólogos vêem no pentecostalismo que se apossa da cristandade (tanto na ala protestante quanto na católica, na forma da Renovação Carismática) uma nova revolução religiosa, tão ou mais possante do que a de Lutero. (idem).

Além de vantagens dos católicos em relação aos evangélicos:

“Em vez de (a Igreja Católica) se preocupar em erguer edifícios próprios, como têm de fazer os evangélicos, ela usa os já existentes” (idem).

“(A Igreja Católica) já entrou em guerras religiosas contra protestantes e venceu” (idem).

### C) CATÓLICOS NAS PÁGINAS SOBRE EVANGÉLICOS

Se nas duas edições sobre o catolicismo apresentadas nos tópicos A e B há referências aos evangélicos, o inverso também é verdadeiro. Todas as oito edições sobre evangélicos – no universo das dez selecionadas neste trabalho – citam a Igreja Católica. Inclusive, três capas (Figuras 2, 5 e 9) citam a religião católica.

Assim como foi apresentado nos itens anteriores, o discurso da revista *Veja* sobre evangélicos tem, dentre outras características, a confrontação entre as religiões católica e evangélica.

Ao falar do crescimento da fé evangélica no país, o discurso é construído a partir da premissa de que o Brasil é o maior país católico do mundo – em termos de número de fiéis – embora a revista não informe que o Estado brasileiro é laico.

O Brasil é apontado como país mais católico do mundo:

“O maior país católico agora é também o terceiro maior do mundo em número de protestantes.” (VEJA, 1997).

“O país mais católico do mundo está ficando cada vez mais evangélico” (VEJA, 2002).

Fala-se sobre o crescimento da fé evangélica frente à Igreja Católica, que, inclusive, assusta os católicos:

“Só agora a cúpula da Igreja Católica constata, inquieta, até um pouco assustada, que o poder de arregimentação das seitas é muito maior do que se imaginava.” (VEJA, 1990).

O avanço dos novos missionários e as sementes da televangelização no Brasil são o reflexo de um movimento que se alastra por toda América Latina e tornou-se uma dor de cabeça para o próprio papa. “Coloco nas mãos da Virgem de Guadalupe o destino da evangelização da América Latina”, disse João Paulo II ao desembarcar no México no domingo passado, dia 6, para uma visita de oito dias. “As seitas protestantes aumentaram 500% na América Latina nas últimas décadas, e o papa precisava fortalecer a Igreja Católica com essa visita”, disse Joaquín Navarro-Valls, porta-voz do Vaticano. (idem).

“Para a TV Globo, Edir Macedo é o inimigo a combater e, para a Igreja católica, é o concorrente que assusta.” (VEJA, 1995a).

“Seiscentos mil católicos deixam a cada ano a guarda do Vaticano para ingressar nessa aventura” (VEJA, 1997).

A informação divulgada pela primeira vez no último mês de maio, para perplexidade dos 320 bispos católicos reunidos na 44ª Assembléia Geral dos Bispos do Brasil (CNBB), em Iduatuba, no interior de São Paulo: nas últimas décadas, a Igreja Católica brasileira perdeu nada menos que 15 milhões de almas, segundo pesquisa de mobilidade religiosa feita pelo Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais (Ceris). (VEJA, 2006).

Atualmente, o número de pastores evangélicos por fiel é dezoito vezes maior que a proporção por padre católico. Enquanto a Igreja Católica não consegue ordenar mais do que 900 padres por ano, só um único instituto evangélico de São Paulo forma, no mesmo período, 200 pastores. (idem).

A manutenção da tradição tem seu preço: atualmente, segundo estudo inédito do professor Marcelo Neri, da FGV, apesar de o número de evangélicos ser quase cinco vezes menor que o de católicos, o número de pastores é quatro vezes maior que o de pastores. (idem).

Seguindo a premissa de que o Brasil é o maior país católico do mundo, o discurso também apresenta a reação dos católicos frente ao avanço dos evangélicos. Os católicos reagem:

- a) ao avanço dos evangélicos no país

**Carismáticos** – A arquidiocese do Rio de Janeiro já começou a se mexer. Vai colocar no ar, dentro de alguns meses, sua emissora FM que transmitirá na frequência de 106,7 MHz. O arcebispo Dom Eugênio Sales não admite com facilidade que tenha colocado para andar a FM motivado pelas seitas. “Não perdi nenhuma noite de sono por causa dos evangélicos”, diz Dom Eugênio. (VEJA, 1990).

O pentecostalismo também provocou o surgimento, na Igreja Católica, do Movimento de Renovação Carismática, atuante no Brasil há sete anos que já conta com cerca de 600 000 adeptos. (idem).

Paradoxalmente, o que mais mudou no Brasil com o crescimento da legião evangélica foi a Igreja Católica. De um lado, surge a Renovação carismática, para revigorar os aspectos místicos e milagrosos da fé. De outro, os padres-cantores saíram atrás dos fiéis e compradores de CDs. (VEJA, 2002).

b) ao chute que o bispo da Universal deu na imagem de uma santa católica

A edição de 25 de outubro de 1995 (Figura 4) apresenta no início de sua reportagem de capa, o fato – um bispo da Universal chutou uma imagem de uma santa católica – e também as conseqüências desse fato, as já citadas reações dos seguidores do catolicismo.

É interessante notarmos que o *contexto* em que essa edição foi publicada e se insere foi justamente o polêmico fato de um dos líderes de uma igreja evangélica – a Igreja Universal do Reino de Deus, uma das que mais cresceram no país – ter agredido uma estátua, ícone sagrado na religião católica, que outrora já foi a fé dominante no Brasil. Nesse contexto, em 1995, foram publicadas duas reportagens de capa acerca dos evangélicos.

Além disso, é necessário destacar que, nessa edição, a Veja faz uma voraz defesa à integridade da imagem católica, discursando com forte juízo de valor e “condenando” o ato do bispo evangélico através da adjetivação – marca forte do discurso da Veja e ao mesmo tempo uma contradição, pois a revista se propõe a ser informativa e não opinativa:

Foram cenas grotescas com o bispo beócio desafiando os mais comezinhos conceitos de bom senso: ele queria que a estátua reagisse, que os espectadores acreditassem que estava vencendo? (VEJA, 1995b).

Os léxicos *grotescas* e *beócio* são utilizados de forma pejorativa, com o objetivo de desqualificar e “condenar” o ato de chutar a imagem.

Seguindo o confronto entre evangélicos *versus* católicos, são apresentadas as vantagens da fé evangélica em relação à católica:

Diferentemente da Igreja Católica, com templos cravados nos lugares centrais de cada cidade, os evangélicos se enfiam nos bairros em formação, em bocados miseráveis, em favelas encarapitadas em morros. Essa logística de ocupação das grandes cidades produz o milagre da multiplicação dos templos, que dá a impressão de que eles estão em todo lugar. (VEJA, 1997).

“É fácil criar uma igreja cristã não católica porque ninguém vai lá cobrar legitimidade, enquanto na Igreja Católica o padre não pode casar, tem de terminar o 2º grau e fazer sete anos de seminário, estudando três anos de filosofia quatro de teologia. Isso ainda nos amarra” (citação direta do padre Agnaldo Luiz Castro, pároco da Igreja Nossa senhora das Graças do Éden). (idem).

Contudo, conforme apresentando no tópico B, do item 3.2.2, a revista cita vantagens da Igreja Católica frente às Igrejas Evangélicas.

Líderes de Igrejas Evangélicas fazem críticas ao catolicismo. A entrevista presente na edição de 6 de dezembro de 1995 traz declarações ferozes do líder da Universal, bispo Edir Macedo, acerca da Igreja Católica.

**MACEDO** - Esses números que falam da força do catolicismo são manipulados pela Igreja Católica. É tudo enganação. Tem a mesma origem da afirmação de que o Brasil é o maior país católico do mundo. Balela que também se vê em outros lugares. (VEJA, 1995a).

**VEJA** – *De que forma a ação da Igreja Católica pode prejudicar um país como o Brasil?* **MACEDO** – Os feriados de santos são m bom exemplo. Acho que todos eles deveriam acabar. O Brasil não tem condições de ficar parado, porque está cheio de dívidas. Como é que vamos resolver os problemas assim? (idem)



“**MACEDO** – (...) Nosso problema é a Igreja Católica. Eles são responsáveis pela miséria e desgraça do Brasil e de todas as terras.” (idem).

**MACEDO** – (...) Eles (católicos) são os responsáveis pelas Cruzadas. Invadiam, matavam e estupravam quem não era daquela fé. (...) No século 20, eles apoiaram o nazismo, prepararam as duas guerras mundiais para acabar com os judeus e tomar Jerusalém. (VEJA, 1995a).

### 3.2.3 CONSEQÜÊNCIAS DO CRESCIMENTO

Semelhantemente à apresentação das causas do crescimento da fé evangélica, a Veja também apresenta, com uma espécie de bipolaridade, as conseqüências geradas pela expansão dessa fé no país.

#### A) CONSEQÜÊNCIAS POSITIVAS

Em seu discurso sobre os evangélicos, a Veja aponta várias *conseqüências positivas* do aumento da fé evangélica no país. Esses aspectos positivos estão relacionados, principalmente, à mudança na organização da vida pessoal das pessoas.

+ As igrejas evangélicas colaboram na educação da população brasileira.

As igrejas evangélicas realizam um monumental trabalho de alfabetização de adultos e estimulam o hábito da leitura. (...) O analfabetismo entre eles (evangélicos) atinge apenas 9,5%, contra 20% da população brasileira em geral. (VEJA, 1997).

A disciplina religiosa e a importância dada à educação como fator de ascensão social fazem com que os fiéis das igrejas evangélicas sejam mais exigentes com a educação dos filhos. (...) Sem dogmas que impeçam planejamento familiar, as novas igrejas distribuem anticoncepcionais a seu rebanho. (idem).

Pastor-presidente da 1ª Igreja Batista de Niterói há 33 anos, Nilson Fanini explica que a educação é uma exigência para o 1,8 milhão de batistas das 6000 igrejas que mantém. Setenta escolas de 1º e 2º graus e 300 000 alunos mantidos pela Convenção Batista Brasileira mostram o esforço educacional desses protestantes. (idem).

(...) no perfil das famílias, vale citar que os evangélicos, mesmo entre os menos escolarizados, têm menor número de filhos que seus vizinhos de outras religiões. Três quartos das mulheres evangélicas casadas usam contraceptivos. (Veja, 2002).

+ Os evangélicos têm uma conduta ética e moral melhor do que o de outras pessoas, além de serem obedientes às autoridades em geral.

“As empregadas (domésticas) crentes são mais recatadas, não têm vícios, não saem à noite, não faltam ao serviço” (VEJA, 1981).

(...) os pentecostais são historicamente obedientes à autoridade, seja qual for a ideologia dos detentores do poder. “Aceitam os poderes constituídos como divinos e não há contestação, apenas obediência de sua parte”, diz (o professor Áureo Bispo dos Santos, da Universidade Federal da Bahia) Santos. De fato, até hoje nenhuma dessas seitas teve qualquer problema com o governo brasileiro. (idem).

“Um PM evangélico trata melhor a população e tem mais cuidado antes de se envolver em corrupção. Motivo? É pecado ser mau. É pecado ser corrupto.” (VEJA, 1998b).

No livro *O Rio de Todos os Brasis* (Editora Record, 2000), o economista Carlos Lessa, reitor eleito da Universidade Federal do Rio de Janeiro, afirma que as igrejas evangélicas contribuem para a criação de uma nova ética, que trará reflexos positivos para o país. (VEJA, 2002).

“Ao deixar de beber, fumar, brigar dentro de casa e ao passar a trabalhar, o fiel alcança, de fato, uma melhoria de vida” (VEJA, 2006).

+ As igrejas evangélicas ajudam pessoas marginalizadas a mudarem de vida.

Destaque para a edição de 15 de julho de 1998 (Figura 8), cuja reportagem é sobre igrejas evangélicas que têm ido até prisões e redutos de drogas para converter e regenerar pessoas envolvidas com a criminalidade.

Gordo era um facínora e hoje é um homem honesto. Foi salvo de uma “vida infernal”, como gosta de dizer, graças à conversão religiosa. Seria apenas um excêntrico, se o que aconteceu a ele não estivesse se repetindo em cada favela, quebrada ou ermo brasileiro, por força de uma militância evangélica que ampara os mais desesperados. (VEJA, 1998b)

Ao deixar todas as culpas e erros para o passado, esses homens (dependentes de drogas ou envolvidos com a criminalidade) recomeçam a vida como se estivessem novinhos em folha, “Limpos” ou “purificados”, como eles gostam de dizer, acreditam que não têm de aguardar a redenção de além-túmulo para ser felizes. (idem).

(...) os evangélicos atuaram sem descanso na Casa de Detenção – e seu trabalho faz diferença naquele ambiente degradante e desumano. São mais de 175 voluntários de nove denominações diferentes modificando a rotina e a vida de homens duplamente condenados. (idem)

Num estudo com jovens evangélicos da periferia do Rio de Janeiro, a antropóloga Regina Novaes, do Instituto de Estudos da Religião, descobriu, por exemplo, que as igrejas evangélicas se afirmaram como opção ao tráfico de drogas. “Vi muitos meninos que trabalhavam para os chefes locais converter-se. Foi a forma de escapar à criminalidade”. (VEJA, 1997).

Na Casa de Detenção de São Paulo, onde havia 7 600 pessoas até o início da desativação, há seis meses, um quinto dos presos era evangélico, a maior parte deles convertida na própria cadeia. A conversão dava o privilégio de viver num pavilhão dos menos tumultuados, num mundo diferente do resto da cadeia. Entre esses homens, nenhum jamais se envolveu com drogas ou crimes dentro da prisão. Recebiam também mais visitas, interessavam-se pelo mundo exterior, faziam planos para o futuro e tinham mais chance de obter apoio, pelas comunidades, ao deixar a detenção. (VEJA, 2002).

## B) CONSEQÜÊNCIAS NEGATIVAS

Por outro lado, a revista chama a atenção para as *conseqüências negativas* que a expansão dos evangélicos pode acarretar. A maior delas, de fato, é em relação à Igreja Católica, desde a migração de fiéis dessa para aquela, a fatos como o caso do bispo da Universal que chutou uma imagem de uma santa católica em um programa de televisão, gerando revolta entre os católicos.

- Algumas igrejas evangélicas atacam outras religiões, revoltando fiéis de outras crenças.

**MACEDO** – (...) Eu penso que a Igreja Católica tem interesse na miséria os povos. Todos os povos que foram catequisados pelos jesuítas estão aí na miséria do Terceiro Mundo, descendo para o Quarto Mundo. (VEJA, 1995a)

O protético Murilo Valois, de 36 anos, viu a cena no *Jornal Nacional*, e sentiu o sangue ferver nas veias. No vídeo, um bispo da igreja Universal do Reino de Deus chutava uma estátua de Nossa Senhora Aparecida. Tentou disparar um tiro na televisão, foi contido por familiares e planejou seu ataque para a noite de segunda-feira passada. Com uma enxada na mão, irrompeu num templo da Igreja Universal e quebrou o púlpito, a mesa, vasos de flores e equipamento de som. (VEJA, 1995b).

Em Montes Claros, o interior de Minas Gerais, o aposentado João Cardoso, de 57 anos, assistiu à cena no *Jornal Hoje*. À noite, pegou um revólver e invadiu um templo da Universal. Jogou pedras na vidraça, mas não disparou nenhum tiro. (idem).

“Em Olaria, no Rio de Janeiro, um grupo de católicos apedrejou um templo da Igreja Universal, e a PM encontrou uma escopeta com um obreiro” (idem).

A atitude do bispo Von Helder (de chutar a imagem da santa católica) contra a efígie é crime previsto no Código Penal. O artigo 20 proíbe “vilipendiar ato ou objeto de culto religioso” e estabelece uma pena que varia de um mês a um ano de prisão ou pagamento de multa. (idem).

Na tentativa, então, de abrir portas para o neopentecostalismo nascente, alguns pastores acabaram por arrombá-las. Um dos episódios mais famosos ocorreu em 1995, durante transmissão do programa *Despertar da Fé*, na TV Record. Para salientar a diferença entre os evangélicos e os “adoradores de imagens” católicos, o pastor Sergio von Helde, da Universal do Reino de Deus, desferiu socos e pontapés em uma estátua de Nossa Senhora Aparecida. A cena foi ao ar no dia 12 de outubro, data que os católicos devotam à santa e, ganhou tanta repercussão que, quatro dias depois, o bispo Edir Macedo foi obrigado a ir à TV pedir desculpas públicas aos católicos. VEJA, 2006).

- Líderes de igrejas evangélicas enriquecem rapidamente e muitas vezes estão envolvidos em escândalos.

Os pastores evangélicos não escondem seu orgulho de ver a igreja que comandam e eles próprios prosperar financeiramente. Tem-se aí um caldo de cultura favorável ao surgimento de falsos líderes, prontos a usar as técnicas de pregação em benefício do próprio bolso. Exatamente por essa razão são raras as capitais brasileiras onde pelo menos um pastor não esteja sendo alvo de um processo criminal por charlatanismo, enriquecimento ilícito e atentado à economia popular. [ressalva] Mas as ovelhas negras evangélicas, na mesma proporção que em outros rebanhos, estão em minoria. (VEJA, 1990).

Edir Macedo tinha conselhos a dar ao bispo do chute. Ele próprio já foi processado por charlatanismo, contrabando, curandeirismo e lavagem de dinheiro. Jamais foi condenado. Em 1992, chegou a amargar onze dias de prisão preventiva. Segue, impávido, na obra. (VEJA, 1995a).

Esse entusiasmo gera dinheiro, na forma de dízimo, e esse dinheiro, ao se transferir para a mão de pastores que vêem a religião como um negócio, tem gerado tanto o crescimento de muitas denominações quanto maracutaias, denúncias e investigações. Há igrejas que, sem hipocrisia, chamam seus fiéis de associados. Um dos ramos evangélicos criou até um dízimo superfaturado: o fiel deve dar antecipadamente 10% do valor que pretende alcançar como uma graça ao Senhor, e não daquilo que efetivamente recebe. (VEJA, 2002).

“As acusações mais freqüentes contra pastores evangélicos tratam de estelionato e crimes fiscais” (idem).

- As igrejas evangélicas têm uma doutrina muito rigorosa, segundo a revista, que abrange desde uma vestimenta antiquada até proibir o seguidor de dançar ou de praticar atividades comuns na sociedade.

A conversão de Nascimento tornará algo mais árida sua vida terrena: ele terá de vestir o apertado figurino usado por seus companheiros de fé. Os pentecostais (...) não podem dançar, não vão ao teatro nem freqüentam sessões de cinema. Também não usam roupa de banho, lêem quase exclusivamente livros religiosos, rezam pelo menos duas vezes ao dia e entregam à seita a que pertencem o dízimo – 10% de seus rendimentos mensais. São muito severos na educação dos filhos e de um rigor absoluto no que se refere á fidelidade conjugal. Enfim, só admitem o sexo como instrumento de procriação. (VEJA, 1981).

“(...) os homens vestindo invariavelmente paletó e gravata, as mulheres sem qualquer pintura metidas em vestidos fora de moda.” (idem).

Assim como apresentamos nas *causas positivas e negativas*, nas conseqüências vemos também que, em uma mesma edição (2002), a Veja aponta efeitos positivos e negativos oriundos do crescimento da fé evangélicas no país.

### **3.2.4 REPERCUSSÃO NA SOCIEDADE**

O crescimento dos evangélicos causou grande impacto na sociedade brasileira, segundo a revista Veja. As pessoas que aderiram a essa fé mudaram seu modo de organizar sua vida pessoal – vestuário, hábitos e mudanças de conduta – e também econômica, tanto em seguir conselhos de líderes religiosos em trabalhar e se esforçar mais, quanto a entregar quantias à igreja, seja em dízimos ou ofertas.

A expansão da fé evangélica criou um mercado gospel, que gera enormes montantes através da venda de CD's, DVD's, livros e outros artigos religiosos. Personalidades famosas rendem-se às pregações e adquirem novos hábitos de vida (Figura 11). Há evangélicos nos esportes, na televisão, na política. Eles estão presentes em todas as classes sociais.

Esses aspectos estão presentes em praticamente todas as edições selecionadas, algumas com mais foco para esse assunto, outras destacando assuntos relacionados. A edição 1758, de 3 de julho de 2002 (Figura 9), é a que mais abrange a repercussão do aumento do número de evangélicos na sociedade brasileira (Figuras 12 e 13). Todas as edições, juntas, formam um mosaico daquilo que os evangélicos representam para a revista *Veja*.

Nas figuras 12 e 13, a *Veja* demonstra o impacto da religião evangélica em diversos setores da sociedade, através dos tópicos Música Gospel, Educação, Esporte, Negócios, Política, Mídia Eletrônica, Livros e Afins e Homem-Bíblia (cinema). Para tanto, a reportagem contém um grande infográfico, com números que mostram a expansão dos evangélicos na indústria fonográfica ou nos programas religiosos na TV, por exemplo, como também imagens de evangélicos famosos, livros, dentre outros. Inclusive, as imagens, além de apresentar os evangélicos famosos – cantora Cassiane, Atletas de Cristo, missionário R.R. Soares, etc – funcionam também como contraponto a outras religiões: a fotografia de Cassiane tem quase o dobro do tamanho do padre Marcelo Rossi (principal representante da Renovação Carismática Católica) (figura 11); abaixo e à esquerda a imagem do escritor esotérico Paulo Coelho, no mesmo quadro onde está, acima e do lado direito, a imagem da capa do livro escrito pelo bispo evangélico Edir Macedo, cuja obra, inclusive, faz críticas ferrenhas à religião candomblé. Além disso, a fotografia da biblioteca de uma universidade presbiteriana mostra o quanto os evangélicos têm se destacado na educação assim como o

encontro de deputados evangélicos com o petista Lula, então candidato à Presidência da República, mostram a influência de pessoas evangélicas na política.

### 3.2.5 CONVERSÃO E CULTO

O alagoano Manoel Raulino do Nascimento, de 46 anos, estivador no porto de Santos, fumava e bebia regularmente até a semana passada, quando ouviu a voz do missionário Manoel de Mello, fundador da Igreja Evangélica Pentecostal O Brasil para Cristo, num disco em que relata sua peregrinação por Jerusalém. Um brilho nos olhos, Nascimento avançou sobre um maço de cigarros, jogou-o sobre as brasas do fogão a lenha, agarrou a garrafa de cachaça sempre ao alcance da mão e entornou na pia o seu conteúdo. Ele ficara impressionado sobretudo com a descrição do túmulo de Jesus Cristo, visitado pelo missionário durante os sete dias de oração a que se submeteu em Jerusalém. E resolveu incorporar-se ao rebanho de 8,5 milhões de pentecostais, ou “crentes” espalhados pelo país (...). (VEJA, 1981).

É com esse “testemunho”, esse relato de conversão que a primeira edição da revista Veja cuja capa é sobre evangélicos inicia sua reportagem principal (Figura 1). A conversão é caracterizada, segundo a Veja, por mudanças de hábitos, de condutas: o caso de Nascimento, descrito acima, onde ele larga a bebida e o cigarro após ouvir a mensagem de um líder evangélico.

Outros exemplos dados são os da edição 1555, de 15 de julho de 1998 (Figura 8), que mostra pessoas, outrora envolvidas com a marginalidade, mudando sua forma de viver através da fé evangélica.

O pastor Renato Mac, ex-chefão do tráfico de drogas no Rio de Janeiro, mora numa casa no bairro de Piedade, em Jaboatão dos Guararapes, Pernambuco, com a mulher e duas filhas. Acorda às 7 horas e reza durante uma hora inteira antes de seguir para o Centro de Recuperação de Drogados, no município de Vitória de Santo Antão, a 60 quilômetros de Recife. Geralmente passa o dia inteiro acompanhando a luta dos pacientes para se livrar das drogas e volta para casa à noite. Além dessa atividade, Renato é constantemente solicitado a dar palestras em igrejas e até universidades para falar sobre a guinada de sua vida. Dos 13 aos 18 anos, ele também foi do exército dos bandidos. Comandou três bocas-de-fumo no Rio e “cheirava cocaína com nota de 100 dólares”, lembra. (VEJA, 1998b).



A “transformação” de líder do tráfico de drogas a pastor de igreja evangélica que ajuda dependentes de drogas a sair do vício, é emblemática nesta edição, que mostra como é positiva a conversão de pessoas à fé evangélica.

A conversão de um líder de uma grande igreja também é apresentada. O bispo da Universal, Edir Macedo, faz uma declaração um tanto chocante – se considerarmos a rigidez moral dos evangélicos – ao falar de sua conversão: “Foi um prazer tão grande que é até indescritível. Muito mais gostoso do que o gozo de um homem com uma mulher” (VEJA, 1995a).

O culto evangélico é descrito em várias das edições selecionadas neste trabalho. Seja relatando detalhes do desempenho de um pregador durante um culto, o modo como ele se movimenta frente aos fiéis, a entonação da voz, dentre outros aspectos. O pregador sempre se destaca da multidão a quem leva a sua mensagem e sua performance impressiona fiéis e até mesmo quem a descreve na revista:

Quando toca no nome de Jesus, seu corpo se contrai e, num movimento que os presentes entendem como sinal de profunda excitação, ele fica andando sem parar pelo palco. No instante em que interrompe a caminhada, os pés se entortam, voltados para dentro. A voz faz rodeios dramáticos, que lembram o locutor Gil Gomes. Por vezes é mais grave, outras mais aguda. Há sussurros e também gritos. Quando anuncia a presença de Deus, Macedo berra no microfone sem fio. Impressiona. (VEJA, 1995a).

Seja quando detentos convertidos cantam um hino evangélico dentro da prisão. Local comumente associado à criminalidade e à marginalidade, os presídios passaram a apresentar aspectos de uma igreja evangélica, no que diz respeito aos rituais de culto e cânticos:

“*Glória, glória, aleluia*” vem primeiro. Depois, na hora da reza coletiva, o que se ouve é um alarido de vozes, cada uma fazendo a própria invocação a Deus. Então, mais cantoria. (VEJA, 1998b)

Uma passagem de um dos hinos mais populares, o *Foi na Cruz*, arranca exclamações exaltadas dos detentos: *Mas um dia eu senti meu pecado e vi/ sobre mim a espada da lei./ Apressado, fugi e em Jesus me escondi/ E abrigo seguro nele achei.* (idem).

Seja quando o “falar em línguas”, tão valorizado pelos pentecostais, acontece nos cultos. Para falar sobre esse ritual, a revista utiliza adjetivos como *surpreendentes*, *inexistentes*, *ininteligíveis* e *milagrosas*, afirmando ao leitor que, à primeira vista, aquela manifestação religiosa pode ser espantosa, porém produz resultados benéficos (curas milagrosas):

Estabelecida a empatia, pastores e fiéis protagonizam surpreendentes *happenings* pentecostais. Falam línguas estranhas (o dom da “glossolalia”. Conferido aos apóstolos em Pentecostes), às vezes inexistentes e ininteligíveis. Jogam-se no chão, incorporam e desincorporam demônios, e, sobretudo, contracenam curas milagrosas. (VEJA, 1981).

Seja na moderna “igreja dos surfistas”:

Pouca coisa lembra na (igreja) Bola de Neve lembra uma igreja evangélica tradicional. No púlpito, uma prancha de surfe faz as vezes no altar. Na platéia, o que se vê são jovens de boné, tatuagem e piercing. Imagens de paisagens e animais são projetadas nas paredes do templo enquanto Rina (pastor Rinaldo, líder da igreja) fala.”Está estressado? Anda tomando Yakult com o chinelo na mão para matar os lactobacilos vivos Pensa, ‘cabeção’! Em vez de estourar uma ‘bucha’ (fumar um cigarro grande de maconha, na gíria do surfe) e ficar ‘doidão’ por aí, ora para Deus.” Se, na forma, a pregação de Rina soa moderna, no conteúdo é mais tradicional. O pastor defende a manutenção da virgindade até o casamento, é favorável ao aborto apenas em casos de estupro e só aceita no templo gays dispostos a “converter-se” ao heterossexualismo. (VEJA, 2006).

A Igreja Bola de Neve Church contrapõe-se a outras igrejas evangélicas, já que, conforme o item 3.2.3, tópico B, dentre as conseqüências negativas apresentadas pela Veja, há o fato de que, por conta da disciplina rigorosa, os adeptos da fé evangélica usam vestimentas antiquadas e são privados de dançar, por exemplo.

Seja na aglomeração de milhares de pessoas que querem ver, ao vivo, milagres e curas. Os cultos realizados pelas Igrejas Evangélicas são apresentados pela revista como grandes reuniões com milhares de pessoas, evidenciando, assim, o crescimento dessa religião:

**Curandeirismo** – Mais de 5 000 adeptos foram rezar com o pastor na Quinta da Boa Vista, em janeiro. No mês passado, Macedo e seus pastores levaram ao Maracanã um público religioso recorde de 150 000 pessoas, que até assistiram cenas de exorcismo e curandeirismo. (VEJA, 1990).

Seja nas características dos cultos dos pentecostais apontadas por um líder presbiteriano. Um integrante de uma igreja evangélica tradicional fala sobre os pentecostais brasileiros, inclusive informando, de acordo com a sua opinião, o motivo pelo qual suas igrejas foram as que mais cresceram no país:

Os cultos são participativos, alegres e prometem coisas bastante próximas à vida de seus fiéis. É por isso que eles estão crescendo tanto, diz Wright (pastor de uma igreja presbiteriana, de cunho tradicional). O pastor ressalta que esses cultos invariavelmente conduzem o trabalhador a uma posição pacífica, cordata diante da realidade. “Eles não incentivam a crítica e o protesto social”, diz Wright, cuja Igreja Presbiteriana foi, ao lado da Metodista, a única denominação protestante do país a assumir posições de protesto contra o regime militar. (Veja, 1990).

### 3.2.6 ASPECTOS GRÁFICOS

Seja no subtítulo (VEJA, 1998b) de uma matéria (Figura 20) ou na letra capitular (VEJA, 2002) no início de uma reportagem (Figura 21) ou ainda na citação de um texto bíblico (VEJA, 1998b) na parte inferior das páginas de uma reportagem (Figuras 22 e 23), o tipo de fonte utilizado pela revista remete a uma escrita antiga, decerto medieval.

A cruz está presente em um marcador em um infográfico (Figura 24) informativo sobre a influência e crescimento da fé evangélica em diversos setores da (VEJA, 2002) e também em um gráfico (Figura 25) sobre o crescimento dos carismáticos (VEJA, 1998a). Já a Bíblia aparece em um gráfico (Figura 26) sobre a multiplicação dos adeptos da fé evangélica (VEJA, 1990).

Esses tipos gráficos utilizados pela revista tem como objetivo inserir o leitor no universo religioso. A Bíblia e a cruz são símbolos do cristianismo e remetem tanto a católicos como a evangélicos. Os tipos de fonte utilizados nos exemplo supracitados inserem o leitor em uma tradição, colocando o cristianismo como histórico.

### **3.2.7 DISCURSO RELIGIOSO NO DISCURSO DA VEJA SOBRE EVANGÉLICOS**

Em diversas partes das reportagens selecionadas, observa-se que a Veja se apropriou de jargões, termos e expressões religiosas – de textos bíblicos a palavras comuns na linguagem de católicos e evangélicos nas igrejas.

Ao citar a fala de um evangélico que anteriormente era envolvido com a criminalidade:

“Aleluia, irmão. Que a paz te acompanhe” (VEJA,1998)

Ao colocar versículos bíblicos relacionados – ou aparentemente relacionados – com o assunto que está sendo tratado na reportagem:

““Sinto prazer nas fraquezas, nas injúrias, nas perseguições, nas angústias por amor de Cristo. Porque quando sou fraco, então é que sou forte” (2 Coríntios 12:10)” (idem)

““E a oração da fé salvará o enfermo, e o Senhor o levantará, e, se houver cometido pecados, ser-lhe-ão perdoados” (Tiago 5:15)” (idem)

““O Senhor, do alto do seu santuário, desde os céus, baixou vistas à Terra, para ouvir o gemido dos cativos, e libertar os condenados à morte” (Salmo 102)” (idem)

““Bem-aventurados os irrepreensíveis no seu caminho, que andam na Lei do Senhor” (Salmo 119)” (idem).

Em vários momentos, o termo *rebanho*<sup>20</sup> é utilizado para designar os adeptos da fé evangélica:

“E resolveu incorporar-se ao rebanho de 8,5 milhões de pentecostais, ou “crentes”” (VEJA, 1981).

“É pela mídia, conclama o rebanho” (VEJA, 1995b).

“Um rebanho ordeiro, trabalhador, que vem galgando a pirâmide social com velocidade assombrosa.” (Veja, 1997)

“Formam um rebanho ordeiro, trabalhador e dedicado de 16 milhões de almas, que tornam o Brasil o terceiro maior país do mundo em número de protestantes.” (VEJA, 1998).

---

<sup>20</sup> Rebanho remete a ovelha, como são chamados os seguidores de Jesus na Bíblia: “E, vendo as multidões, teve grande compaixão delas, porque andavam cansadas e desgarradas, como ovelhas que não têm pastor” Mateus 9:36.

A *Veja* também, equivocadamente, utiliza termos referentes à Igreja Católica – *rezar* e *catequese* – para relatar práticas realizadas pelos evangélicos. *Rezar*, na fé evangélica, é *orar*; *catequese* é substituído por *evangelismo* ou *discipulado*.

“Também não usam roupa de banho, lêem quase que exclusivamente livros religiosos, rezam pelo menos duas vezes ao dia (...)” (VEJA, 1981).

“Mais de 5 000 adeptos foram rezar com o pastor na Quinta da Boa Vista, em janeiro” (VEJA, 1990).

“(O pastor Renato Mac) Acorda às 7 horas e reza durante uma hora inteira antes de seguir para o Centro de Recuperação de Drogados (...)” (VEJA, 1998b).

“Os ciganos têm prioridade nesse esforço de catequese.” (VEJA, 1981).

### 3.2.8 CARTA AO LEITOR SOBRE EVANGÉLICOS

No universo de oito edições da revista *Veja* sobre evangélicos selecionadas para este trabalho, cinco delas destacam na *Carta ao Leitor* – espécie de editorial da revista – a sua respectiva reportagem de capa.

Dentre essas, chamam a atenção a da entrevista com o bispo Edir Macedo (VEJA, 1995a) e sobre as igrejas pentecostais (VEJA, 1990). Ambas são interessantes pelo fato de narrarem, resumidamente, como foi a busca por informações sobre os respectivos temas, relatando inclusive dificuldades:

Nos ramos mais extremados do pentecostalismo, a apuração da reportagem não foi tranqüila. “Em algumas seitas mais radicais, os pastores dizem aos fiéis que jornalistas são agentes do demônio, fazendo com que as entrevistas sejam bastante difíceis”, diz o editor assistente Fernando Valeika Barros. (VEJA, 1990).

“Foram necessárias cinco semanas entre telefonemas, encontros com bispos, fax enviados de lado a lado, para que se quebrassem a resistência.” (VEJA, 1995a).

Ao mesmo tempo que mostram o esforço dos jornalistas em buscar o máximo de informação possível para a reportagem, esses dois exemplos da *Carta ao Leitor* mostram o quanto os evangélicos – especialmente os pentecostais – são inacessíveis à imprensa quando convocados como fontes para falar sobre suas respectivas igrejas e o trunfo da Veja seria justamente visitar os templos e entrevistar o líder da Universal, a igreja evangélica que mais cresceu no país, Edir Macedo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O discurso midiático, que se apresenta na forma de textos, imagens, gráficos, vídeos, áudios, de acordo com o veículo de comunicação no qual está inserido, é responsável por grande parte das informações e visões de mundo que adquirimos, além das noções de campos sociais como político, religioso e cultural. Esse tipo de discurso é apropriado pela sociedade para a produção e reprodução de idéias, conhecimentos e costumes.

Assim, é verdadeiro afirmar que a imprensa possui um papel de influência, mesmo que efetuada parcialmente, nas opiniões do público a respeito dos mais variados temas. Tem-se, então, a necessidade de estudar de que forma suportes de comunicação constroem seu discurso acerca de diversos assuntos.

Buscamos, neste trabalho, identificar como a revista *Veja*, publicação semanal da Editora Abril, constrói o sentido em torno das Igrejas Evangélicas, isto é, de que forma os evangélicos são apresentados nas páginas da revista *Veja*.

Para tanto, foram selecionadas dez edições da revista, conforme seleção prévia realizada pelo site da *Veja*. Dentre essas dez, oito são referentes às Igrejas Evangélicas e duas sobre a Igreja Católica, porém com temas que, de algum modo, evocam a fé evangélica.

Sendo assim, apresentamos os conceitos de discurso, discurso midiático e análise do discurso, com o objetivo de evidenciar a metodologia, isto é, a fundamentação teórica que rege este trabalho.

Utilizando a perspectiva da análise do discurso e suas aplicações no discurso midiático impresso, mais precisamente no suporte revista, partimos para a avaliação de



imagens de capas e de reportagens, gráficos e textos de capas, de reportagens e do editorial da revista, intitulado *Carta ao Leitor*.

A partir da análise, observamos que as Igrejas Evangélicas e, por conseguinte, seus fiéis, são construídos nas páginas da *Veja* das seguintes maneiras:

1. A expansão das Igrejas Evangélicas no Brasil é apresentada ora como fruto de *causas positivas*, por acolher pessoas marginalizadas da sociedade, ora como fruto de *causas negativas*, como, por exemplo, líderes evangélicos que buscam enriquecimento às custas de fiéis. Há então, um confronto entre aspectos *positivas* versus *negativas*. Essa bipolaridade foi encontrada, inclusive, em uma mesma reportagem. Apontamos “causas” porque a revista *Veja* apresenta fatores responsáveis pelo crescimento das igrejas evangélicas no Brasil, ora positivos, ora negativos.

Não somente nas reportagens, mas nas capas também observamos esse confronto bipolar: *Igreja que cresce* (positivo) x *Igreja que assusta* (negativo) e *Igreja que ataca* (negativo/positivo) x *Igreja que ajuda* (positivo).

2. O discurso sobre evangélicos é construído em torno da confrontação *católicos* x *protestantes*. Ambos são vistos e apresentados como semelhantes rivais. A expansão da fé evangélica no país é narrada, dentre outros aspectos, a partir da perspectiva do declínio do catolicismo. E, como a fé evangélica começou a avançar, a revista mostrou também a reação dos católicos quanto a isso.

Observa-se que esse “confronto religioso”, quase o que se poderia chamar de “guerra santa” – conforme a manchete de capa de uma das edições – só existe entre católicos e evangélicos. A *Veja* não cita a reação de líderes e integrantes de outras religiões, como o espiritismo, o candomblé, por exemplo.

O crescimento da fé evangélica é apresentado, inclusive, como ameaça à Igreja Católica, o que pode ser evidenciado em algumas edições. Essa confrontação explica o porquê de a revista *Veja* selecionar, dentre as edições sobre evangélicos, duas que falam a respeito dos católicos.

3. As conseqüências do avanço dos evangélicos no Brasil também são apresentadas a partir da bipolaridade *conseqüências positivas versus conseqüências negativas*. Como *positivas*, a revista destaca que as Igrejas Evangélicas colaboram na educação da população brasileira, a ética e moral dos evangélicos é apresentada como melhor do que o de outras pessoas, além de maior obediência deles às autoridades em geral e a ajuda a pessoas marginalizadas na sociedade. Já como *negativas*, a *Veja* afirma que as Igrejas Evangélicas atacam outras religiões e irritam adeptos de outras crenças e destaca o enriquecimento de líderes evangélicos às custas de contribuições de seguidores e o envolvimento de pastores e bispos com escândalos e crimes.

Observamos também outros aspectos, como o didatismo da revista ao falar sobre a história das Igrejas Evangélicas no mundo e sua organização no Brasil. A *Veja* também narrou história de pessoas, até mesmo de ex-criminosos, que se converteram á fé evangélica. Descreveu, como vimos, os cultos evangélicos, com seus rituais e manifestações próprias: o falar em línguas típicos dos pentecostais, cânticos entoados por convertidos nas prisões, performance do líder da Igreja Universal, Edir Macedo, ao pregar.

Também mostramos que a revista utiliza aspectos gráficos, como desenhos de Bíblia ou de cruz – símbolos religiosos pertinentes às Igrejas Católica e Evangélicas – para ilustrar gráficos que apontam, por exemplo, expansão no número de fiéis evangélicos. Além disso, a *Veja* apropria-se do discurso religioso – colocando expressões como “Aleluia, irmão” e até mesmo trechos de textos bíblicos – para fazer referência à religião e até mesmo para dar

ao leitor mais informações sobre o universo – dos evangélicos, dos católicos, do campo social religioso – sobre o qual está narrando.

Inclusive, a revista comete equívocos ao utilizar termos referentes apenas à igreja católica – *rezar* e *catequese*, por exemplo – para descrever algum tema relacionado aos evangélicos. Para esses dois termos, rezar e catequese, a fé evangélica possui similares: *orar* e *evangelismo* ou *discipulado*, respectivamente.

Dentre as oito edições sobre evangélicos selecionadas, cinco delas destacam em seu editorial, *Carta ao Leitor*, as suas respectivas reportagens de capa. Fala-se, principalmente, sobre as dificuldades encontradas na busca por informações acerca das Igrejas Evangélicas, o que aponta certa inacessibilidade delas como fontes para a imprensa em reportagens sobre si mesmas. A revista também destaca seu trunfo – entrevista então exclusiva como o líder da Igreja Universal, Edir Macedo, à época da polêmica envolvendo um de seus liderados, bispo Von Helde, que chutou a imagem de uma santa católica.

Sem dúvida, a Igreja Evangélica que mais foi citada nas reportagens foi a Igreja Universal do Reino de Deus, inclusive, com a entrevista de seu líder, bispo Edir Macedo. O motivo é que a Igreja Universal foi a que mais cresceu no meio evangélico e também com a aquisição de uma grande rede de televisão, a Rede Record. Além disso, a Universal protagonizou um das maiores polêmicas envolvendo religiões no Brasil: um de seus bispos chutou uma imagem de uma santa católica em um programa de televisão, gerando protestos de católicos e até da própria revista *Veja*.

Portanto, o discurso da revista *Veja* sobre evangélicos pode ser definido a partir de três aspectos principais, as seguintes confrontações: crescimento da fé evangélica gera causas positivas *versus* negativas e conseqüências positivas *versus* negativas, além do

confronto católicos *versus* protestantes. A partir desses “embates”, a revista constrói o perfil de Igrejas Evangélicas e seus adeptos.

Esse estudo constitui-se apenas uma forma de análise do discurso midiático acerca da fé evangélica. Em estudos posteriores, podem ser utilizadas outras publicações impressas, como revistas similares à *Veja* ou jornais assim como outros suportes, como a internet, televisão e rádio. Um estudo posterior poderá também se concentrar em um dos aspectos mencionados neste trabalho ou partir para a análise de novas nuances sobre essa religião apontadas pelo suporte de análise escolhido.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A BÍBLIA SAGRADA. Versão Revista e Atualizada no Brasil. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

BENETTI, Márcia. **A ironia como estratégia discursiva da revista Veja**. Disponível em: <[http://www.compos.org.br/data/biblioteca\\_238.pdf](http://www.compos.org.br/data/biblioteca_238.pdf)>

Acesso em: 27 set. 2008

CAMPOS JR., Luís de Castro. **Pentecostalismo: Sentidos da palavra divina**. São Paulo: Ática, 1995.

EDITORA ABRIL S.A. Edições Especiais. In: **Veja On-line**. Disponível em:

<<http://veja.abril.com.br/especiais/index.shtml>>

Acesso em: 03 ago. 2008

\_\_\_\_\_ Tabela Geral de Circulação. In: **Publicidade Abril**. Disponível em: <[http://publicidade.abril.com.br/geral\\_circulacao\\_revista.php](http://publicidade.abril.com.br/geral_circulacao_revista.php)>

Acesso em: 03 ago. 2008

\_\_\_\_\_ Tabela Geral de Perfil do Leitor. In: **Publicidade Abril**. Disponível em: <[http://publicidade.abril.com.br/geral\\_perfil\\_leitor.php](http://publicidade.abril.com.br/geral_perfil_leitor.php)>

Acesso em: 03 ago. 2008

\_\_\_\_\_ **Veja On-line**. Disponível em: <<http://vejaonline.abril.com.br/>>

Acesso em: 03 ago. 2008

\_\_\_\_\_ Em profundidade - Evangélicos. In: **Veja On-line**. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/idade/exclusivo/evangelicos>>

Acesso em: 03 ago. 2008

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FOLHA ONLINE. Saiba mais sobre a Igreja Renascer em Cristo. **Folha Online**. São Paulo, 09 jan. 2007. Seção Brasil. Disponível em:

<<http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u88455.shtml>>

Acesso em: 16 set. 2008116

INSTITUTO ANTONIO HOUAISS. Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. 1 CD-ROM.

LATTMAN-WELTMAN, Fernando. A Gestação do “Fenômeno Collor”: De uma eleição a outra. In: **A imprensa faz e desfaz um presidente**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

LIBERAL, Márcia Mello Costa De. **Religião, identidade e sentido de pertencimento**. VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais. Coimbra, setembro de 2004. Disponível em: < <http://www.ces.fe.uc.pt/lab2004/pdfs/MarciadeLiberal.pdf>>.

Acesso em: 5 nov. 2007.

LOPES, Dirceu Fernandes; SOBRINHO, José Coelho; PROENÇA, José Luiz (organizadores). **A Evolução do Jornalismo em São Paulo**. São Paulo: Edicon, ECA/USP, 1998.

LUBISCO, Nídia M. L., VIEIRA, Sônia Chagas. Manual de Estilo Acadêmico: Monografia, Dissertações e Teses. Salvador: UFBA, 2003.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

MAINGUENEAU, Dominique. **Termos chaves da análise do discurso**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.

MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sérgio Dayrell (org.). **O jornal: da forma ao sentido**. Brasília: Paralelo 15, 1997.

NASSIF, Luís. **O jornalismo dos anos 90**. São Paulo: Futura, 2003.

PIERRARD, Pierre. **História da Igreja**. São Paulo: Edições Paulinas, 1986.

PINTO, Milton José. **Comunicação e discurso: introdução à análise de discursos**. São Paulo: Hacker, 1999.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Lingüística Geral** (trad. José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix , 2000.

SCALZO, Marília. **Jornalismo de revista**. São Paulo: Contexto, 2004.

VERON, Eliseo. **A análise do “Contrato de Leitura”: um novo método para os estudos de posicionamento de suportes impressos**. Tradução de Giovandro Marcus Ferreira e Augusto Drumond Moraes. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 1999.

VERON, Eliseo. **Fragments de um tecido**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. Lisboa: Editorial Presença, 1987

**REFERÊNCIAS DAS EDIÇÕES DA VEJA SELECIONADAS****(em ordem cronológica)**

- LOPES, J.A. Dias. O avanço dos crentes. In: **Revista Veja**. São Paulo: Abril, 1981, p. 56-64.
- LEOPOLDO, Ricardo; et all. A fé que move multidões avança no país. In: **Revista Veja**. São Paulo: Abril, 1990, p.46-52.
- ALCÂNTARA, Eurípedes. A fé em desencanto. In: **Revista Veja**. São Paulo: Abril, 1991, p. 32.38.
- COM FÉ, dinheiro e fiéis. In: **Revista Veja**. São Paulo: Abril, 1995, p. 96-105. (1995a)
- KACHANI, Morris. Fanático e muito rico. In: **Revista Veja**. São Paulo: Abril, 1995, p.64-75. (1995b)
- BARROS, Andréa; CAPRIGLIONE, Laura. Soldados da fé e da prosperidade. In: **Revista Veja**. São Paulo: Abril, 1997, p. 86-93.
- OYAMA, Thaís; LIMA, Samarone. Católicos em transe. In: **Revista Veja**. São Paulo: Abril, 1998, p. 92-98. (1998a)
- LIMA, Samarone; PAIXÃO, Roberta. Salvos pela palavra. In: **Revista Veja**. São Paulo: Abril, 1998, p. 86-92. (1998b)
- EDWARD, José. A força do Senhor. In: **Revista Veja**. São Paulo: Abril, 2002, p. 88-95.
- PEREIRA, Camila; LINHARES, Juliana. Os novos pastores. In: **Revista Veja**. São Paulo: Abril, 2006, p. 76-85.

## ANEXOS / FIGURAS

Figura 1 – Capa (VEJA, 1981)





Figura 2 – Capa (VEJA, 1990)

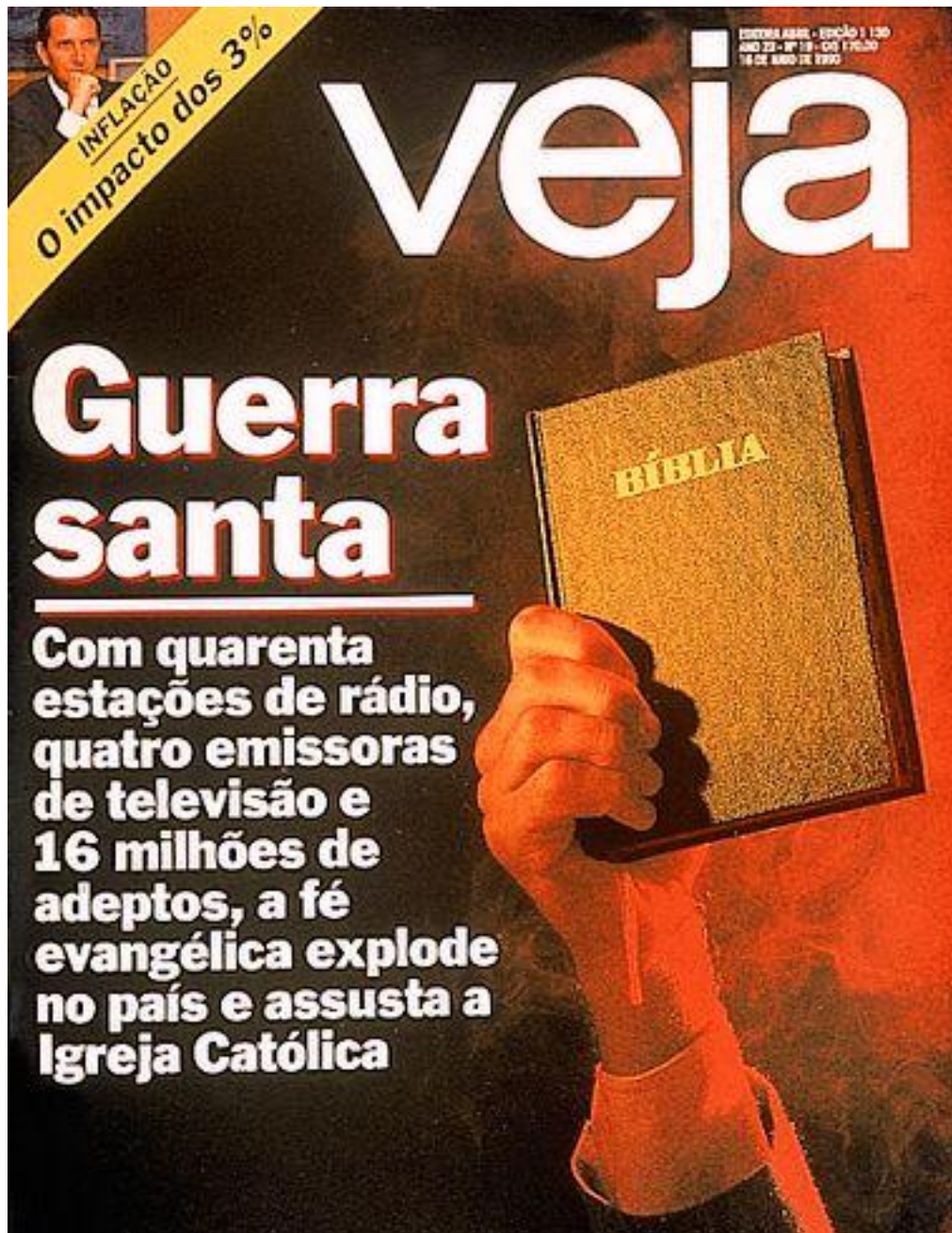


Figura 3 – Capa (VEJA, 1991)

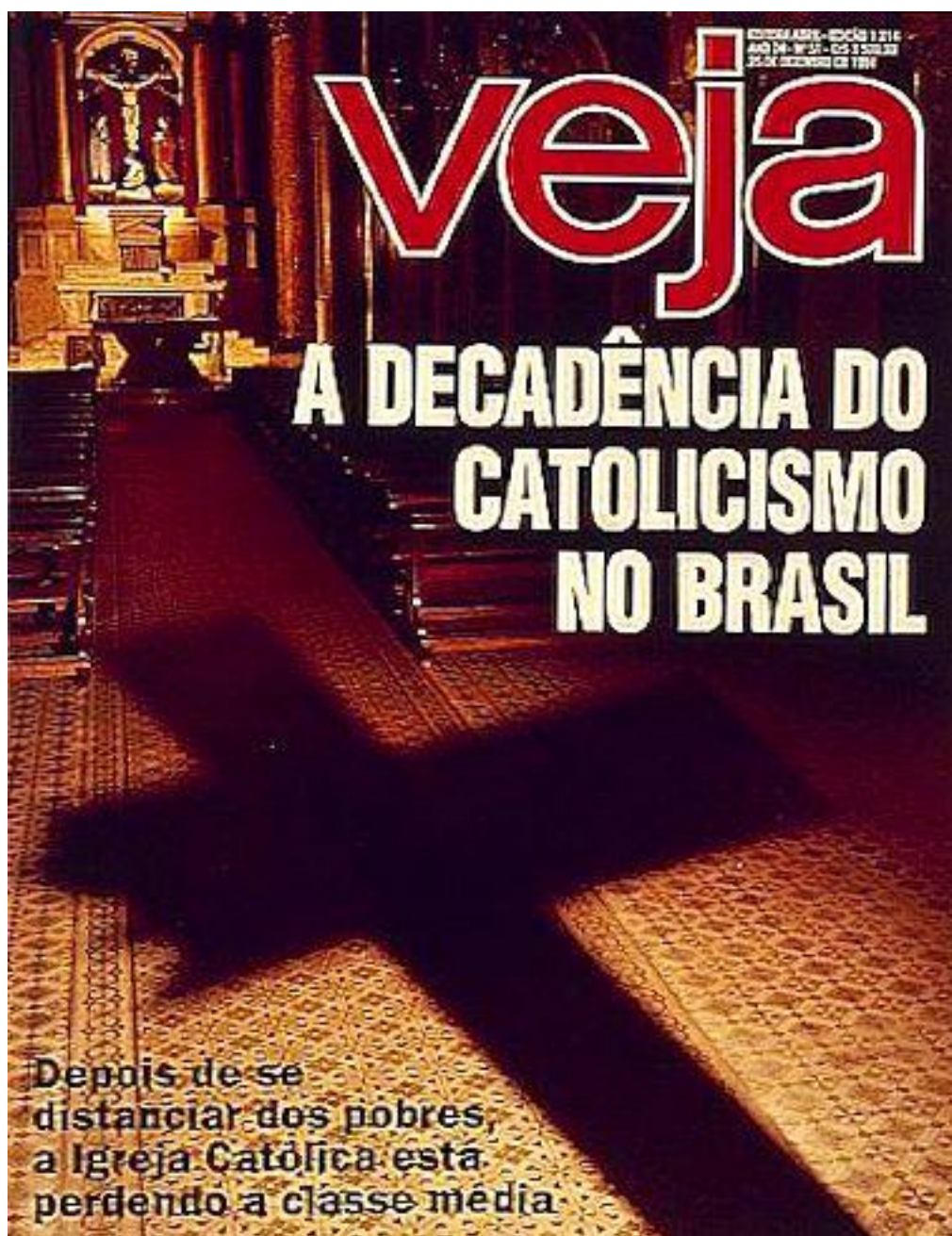


Figura 4 – Capa (VEJA, 1995a)



Figura 5 – Capa (VEJA, 1995b)



Figura 6 – Capa (VEJA, 1997)

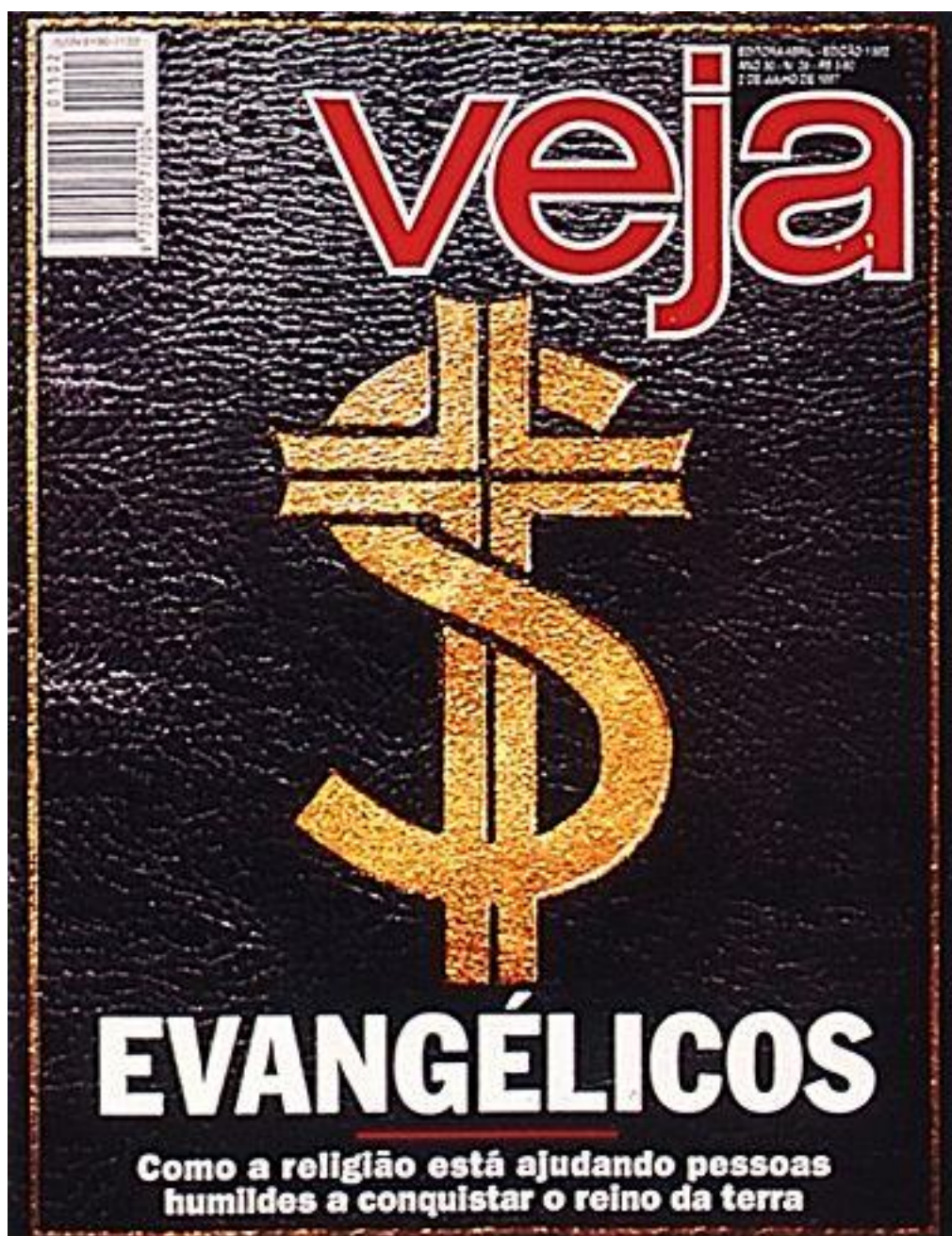


Figura 7 – Capa (VEJA, 1998a)



Figura 8 – Capa (VEJA, 1998b)



Figura 9 – Capa (VEJA, 2002)





Figura 10 – Capa (VEJA, 2006)



Figura 11 – Exemplo de personalidade famosa que se converteu à fé evangélica

uos e nas  
 rtivo tor-  
 apareci-  
 diz o se-  
 piloto de  
 Ribeiro.  
 o partici-  
 e degra-  
 o se  
 dos  
 zes.  
 isto  
 eve-  
 Ca-  
 qui-  
 por  
 nen-  
 uca-  
 as”,

Deus  
 con  
 r

**Rodolfo Abrantes,** 29 anos,  
*cantor e compositor, ex-vocalista dos Raimundos*

**De formação católica, consumia drogas desde os 13 anos com frequência diária. No ano passado, foi levado pela noiva, filha de evangélicos, à Sara Nossa Terra. Diz ter havido uma “revelação” logo na primeira vez em que participou do culto. Abandonou as drogas e as letras mundanas dos Raimundos (para revolta dos fãs, que culpam a igreja pelo fim do grupo). Lançou a banda Rodox, que faz canções de louvor a Deus. Tatuou a frase “Obrigado, Senhor” na nuca e hoje frequenta a igreja Cristo é Vida.**

go na primeira vez em que participou do culto. Abandonou as drogas e as letras mundanas dos Raimundos (para revolta dos fãs, que culpam a igreja pelo fim do grupo). Lançou a banda Rodox, que faz canções de louvor a Deus. Tatuou a frase “Obrigado, Senhor” na nuca e hoje frequenta a igreja Cristo é Vida.

FERNANDO BIZERRA JUNIOR/AG. BG PRESS



Figura 12 – Quadro indicando influência da fé evangélica na sociedade (parte 1)

**Assíria Nascimento: a mulher de Pelé é uma estrela da música gospel**



NEILLO RODRIGUES

As religiões cristãs não-católicas, como as evangélicas, têm sua origem no começo do século XVI, quando um monge alemão chamado Martinho Lutero se insurgiu contra Roma. No ano de 1517, revoltado com a venda de indulgências pelo papa, Lutero escreveu suas famosas 95 teses, que pregou na porta da catedral de Wittenberg. Foi o estopim da Reforma Protestante, que se tornaria uma das mais profundas transformações sociais da história humana. Com o tempo, do tronco protestante antipapal foram brotando dezenas de denominações. A mais importante dessas subdivisões, a do pentecostalismo, criada pelo pregador negro americano William Joseph Seymour, foi uma explosão de fé. Hoje há mais pentecostais no mundo do que anglicanos, batistas, luteranos e presbiterianos somados.

Ao proliferarem em todas as camadas sociais, os evangélicos estão produzindo mudanças facilmente detectáveis. A mais visível delas acontece em público. Neste ano, o mais retumbante evento da Semana Santa, o Sermão da Montanha, aconteceu numa praça de nome católico, a Praça do Papa, em Belo Horizonte, mas foi liderado por evangélicos. Cerca de 100 000 protestantes de ramos diversos ali apre-

## MOVIDOS PELA FÉ

Estima-se que o “mercado evangélico” no país movimente mais de 3 bilhões de reais por ano e crie 2 milhões de empregos diretos e indiretos. Veja alguns exemplos

† MÚSICA GOSPEL

96 gravadoras

1 000 artistas e bandas

5 CDs lançados por mês

200 milhões de reais de faturamento por ano

O último disco da cantora evangélica Cassiane já vendeu cerca de 1 milhão de cópias, número equivalente à venda dos últimos discos do padre-cantor Marcelo Rossi e da cantora secular Marisa Monte





† EDUCAÇÃO

Os protestantes controlam 934 instituições de ensino em vários níveis...

...que recebem 740 000 alunos...

...e faturam por ano 1,7 bilhão de reais

Biblioteca da Universidade Presbiteriana Mackenzie: tradição e pioneirismo

90 3 de julho, 2002 veja

Figura 13 – Quadro indicando influência da fé evangélica na sociedade (parte 2)



Figura 14 – “Árvore genealógica” da religião evangélica

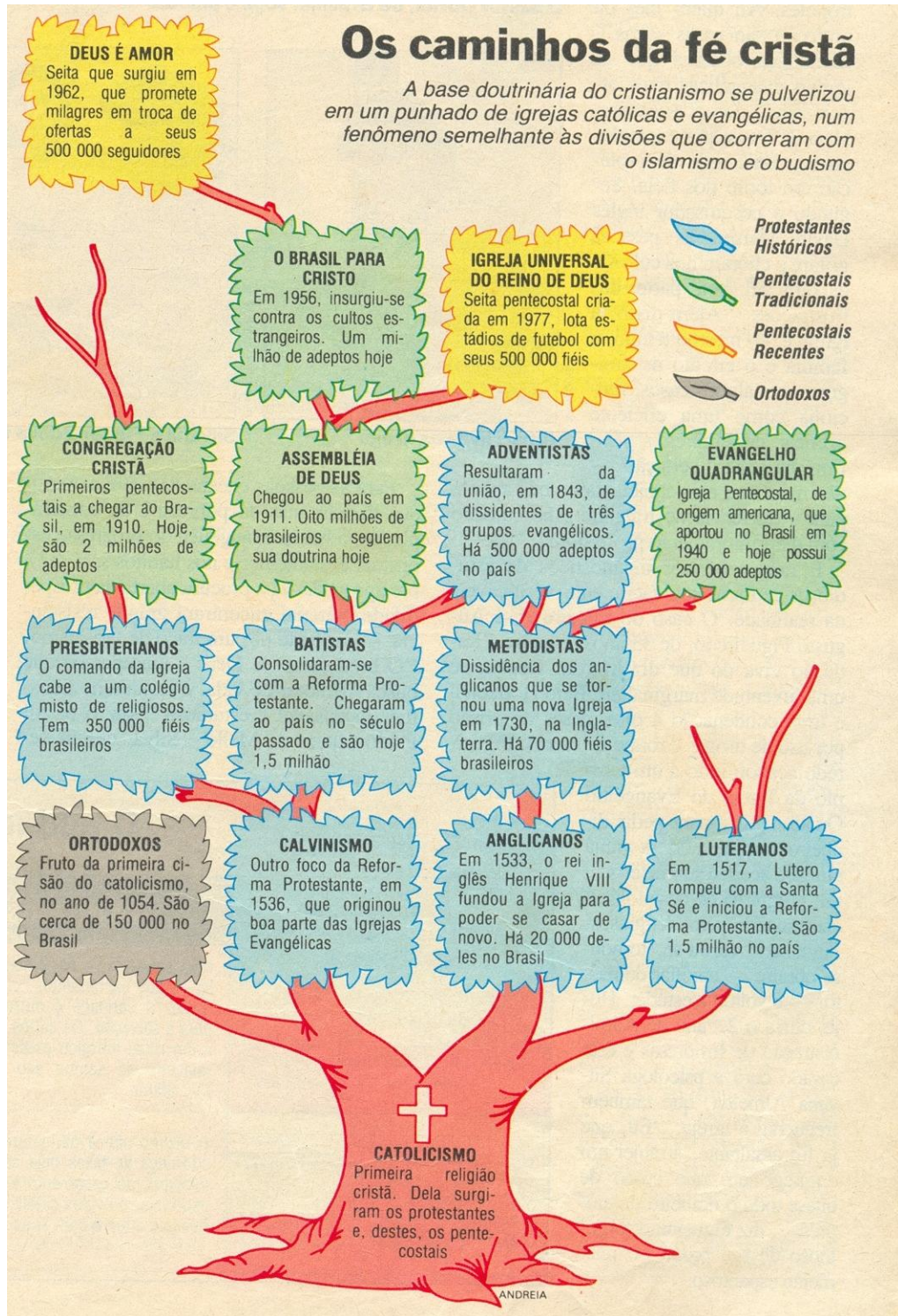


Figura 15 – Surgimento da Igreja Universal do Reino de Deus (parte 1)

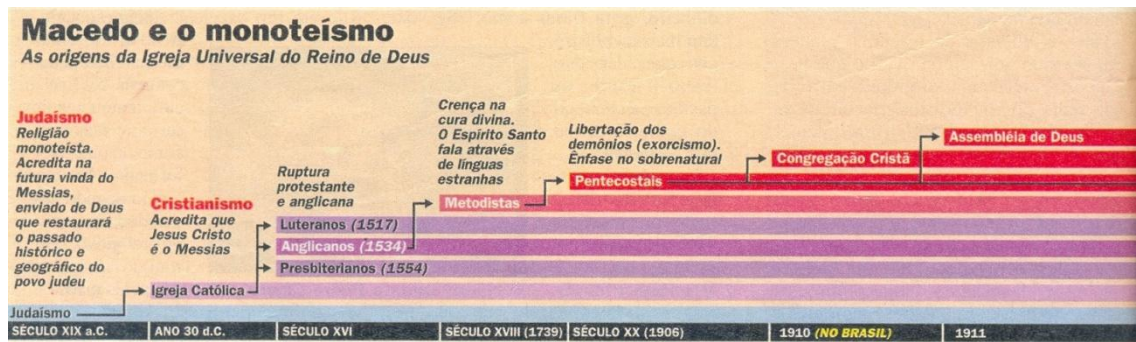


Figura 16 – Surgimento da Igreja Universal do Reino de Deus (parte 2)

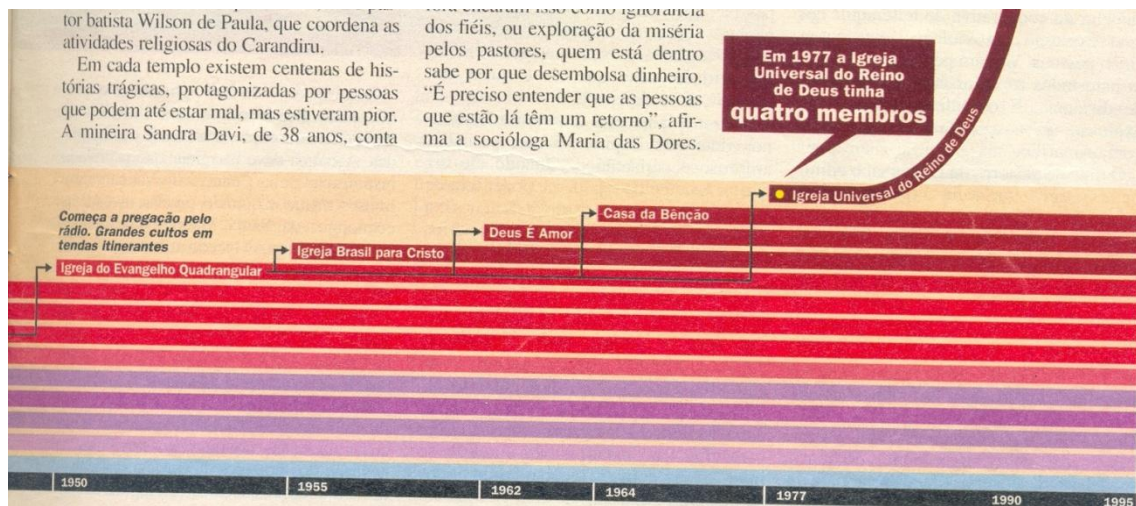


Figura 17 – Formação de líderes na religião evangélica (parte 1)

<b>Usinas de pastores</b>		<b>HISTÓRICOS</b>
<p>Como os três principais grupos evangélicos formam seus ministros</p> <p>Fontes: professores Leonildo Silveira Campos, Rogério Rodrigues da Silva e Lourenço Stelio Rega</p>	<b>O que representam</b>	Ramo original do protestantismo, nascido da reforma promovida por Martinho Lutero no século XVI. Chega ao Brasil no século XIX com missionários americanos e ingleses
	<b>Principais igrejas</b>	Luterana, presbiteriana, metodista e batista
	<b>Número de fiéis</b>	<b>7 milhões</b>
	<b>Formação exigida</b>	Curso superior de teologia mais estágio de um ano na igreja, sob supervisão de um ministro
	<b>Tempo de formação</b>	<b>Cinco anos</b>

Figura 18 – Formação de líderes na religião evangélica (parte 2)

<b>PENTECOSTAIS</b>	<b>NEOPENTECOSTAIS</b>
Têm origem nos Estados Unidos, no início do século XX. Diferem dos históricos pela ênfase que dão aos poderes do Espírito Santo. São hoje o maior grupo no Brasil	Surgem em 1970, a partir de uma divisão dos pentecostais. Setor que mais cresce, aposta na mídia eletrônica para atrair os fiéis brasileiros
Assembléia de Deus, Congregação Cristã no Brasil e Deus É Amor	Universal do Reino de Deus, Renascer em Cristo, Internacional da Graça de Deus e Sara Nossa Terra
<b>11 milhões</b>	<b>8 milhões</b>
Curso de teologia (não necessariamente de nível superior)	Cursos práticos que, ministrados na própria igreja, têm como temas oratória, etiqueta e gerência financeira de templos
<b>Três a quatro anos</b>	<b>De seis meses a dois anos</b>

Figura 19 – Estrutura (organograma) da Igreja Universal do Reino de Deus

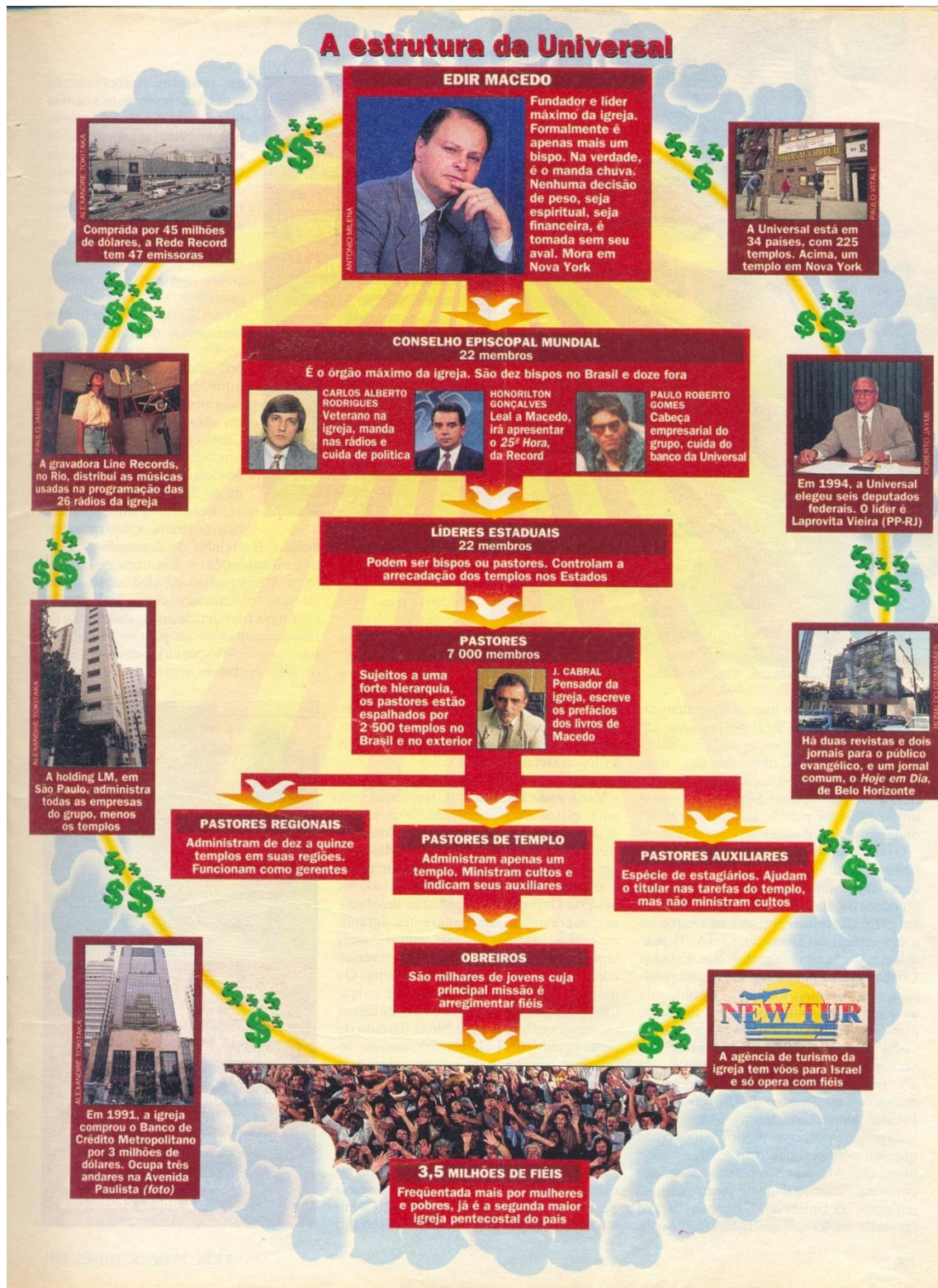




Figura 20 – Exemplo de tipo de fonte de letra utilizada em reportagens (1)

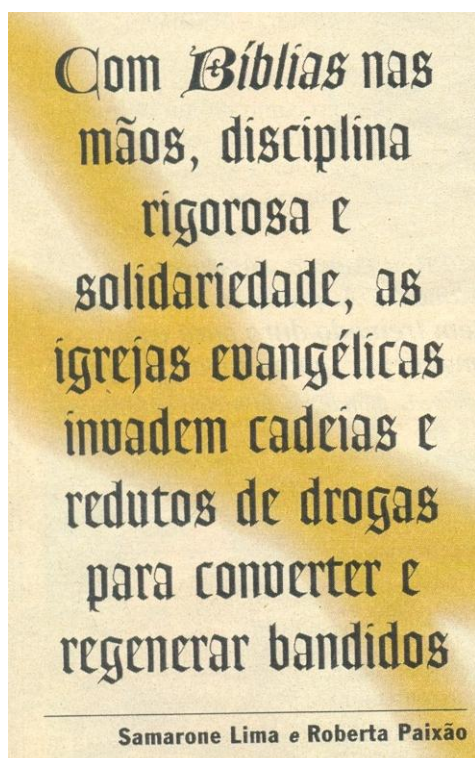


Figura 21 – Exemplo de tipo de fonte de letra utilizada em reportagens (2)



Figura 22 – Exemplo de texto bíblico em reportagem (parte 1)

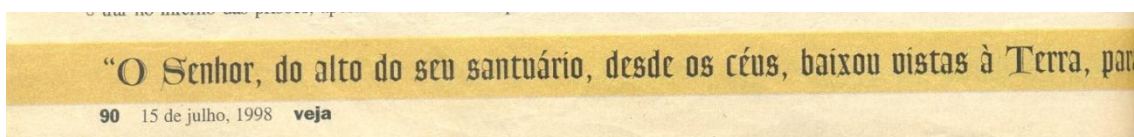


Figura 23 – Exemplo de texto bíblico em reportagem (parte 2)



Figura 24 – Evangélicos na indústria fonográfica – números



Figura 25 – Símbolo religioso (cruz) em gráfico de reportagem



Figura 26 – Símbolo religioso (Bíblia) em gráfico de reportagem

